

CARTAS AOS FILIPENSES

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Werner de Boor

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2006, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL

Título do original em alemão

Der Brief des Paulus an die Philipper und and die Kolosser

Copyright © 1969 R. Brockhaus Verlag

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boor, Werner de

Cartas aos Efésios, Filipenses e Colossenses : Comentário Esperança / Eberhard Hahn, Werner de Boor / tradutor Werner Fuchs -- Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2006.

Título original: Der Brief des Paulus an die Epheser; Die Briefe des Paulus an die Philipper und and die Kolosser

1. Bíblia. N.T. Crítica e interpretação

I. Boor, Werner de, 1899-1976. II. Título.

ISBN 85-86249-89-0 Capa dura

06-2419 CDD-225.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento : Interpretação e crítica 225.6

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS
ÍNDICE DE ABREVIATURAS
PREFÁCIO AO COMENTÁRIO ÀS CARTAS DO APÓSTOLO PAULO AOS FILIPENSES E AOS
COLOSSENSES
GRÉCIA E A REGIÃO DA ÁSIA MENOR NO TEMPO DE PAULO

Introdução à carta aos Filipenses

1. O autor
2. O motivo da carta
3. Os destinatários
4. Lugar e época da redação
5. O pensamento fundamental da carta aos Filipenses
6. Estrutura

O intróito da carta: Filipenses 1.1s

Gratidão e intercessão pela igreja – Fp 1.3-11

Como está a situação agora em Roma? – Fp 1.12-18

O olhar confiante em um futuro incerto – Fp 1.18-26

O que a igreja deve fazer nesse ínterim! – Fp 1.27-30; 2.1-18

Paulo cuida da igreja

A conversão do justo – Fp 3.1-11

A imagem do cristão – Fp 3.12-14

Perseverar no principal! – Fp 3.15s

Está em jogo a conduta certa! – Fp 3.17-4.1

Último aconselhamento espiritual – Fp 4.2-9

A gratidão de Paulo pela oferta enviada – Fp 4.10-20

Saudações e finalização – Fp 4.21-23

O local de redação desta carta

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto de Filipenses está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

LXX A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.

Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
LXX	Septuaginta

II. Abreviaturas de livros

GB	W. GESENIUS e F. BUHL, <i>Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch</i> , 17ª ed., 1921.
LzB	<i>Lexikon zur Bibel</i> , organizado por Fritz Rienecker, Wuppertal, 16ª ed., 1983.

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

RC Almeida, Revista e Corrigida, 1998.

- NVI Nova Versão Internacional, 1994.
BJ Bíblia de Jerusalém, 1987.
BLH Bíblia na Linguagem de Hoje, 1998.
BV Bíblia Viva, 1981.

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

- Gn Gênesis
Êx Êxodo
Lv Levítico
Nm Números
Dt Deuteronômio
Js Josué
Jz Juízes
Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

- Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios

2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Te	1Tessalonicenses
2Te	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

Prefácio

ao Comentário às cartas do apóstolo Paulo aos Filipenses e aos Colossenses

O grande mestre da igreja, o Prof. Dr. Adolf Schlatter, constantemente dizia a seus estudantes: “Senhores, vocês não sabem ler!” Era óbvio que os estudantes sabiam “ler” o NT grego, e de forma até mesmo satisfatória. Porém Schlatter entendia por “ler” aquela dedicação franca e desinteressada ao texto que permite apreender com fidelidade e precisão o que o texto realmente diz, deixando em segundo plano todos os raciocínios habituais e preferidos que se impõem de imediato à percepção do texto ou tentam sorrateiramente se intrometer nela. Que esforço genuíno e que luta corajosa fazem parte desse tipo de “leitura”! Com que naturalidade igrejas inteiras ou congregações locais entendem trechos bíblicos imediata e exclusivamente à luz de sua dogmática costumeira, não se dando mais conta de que a própria Escritura afirma e transmite algo completamente diferente! Contudo, também para nós mesmos, ao estudarmos pessoalmente a Bíblia – como é difícil a verdadeira “leitura”! Crescemos em meio a concepções tão familiares que as consideramos corretas e “bíblicas” sem maiores questionamentos. Temos certas idéias prediletas, talvez estreitamente ligadas a experiências espirituais de nossa vida, que inconscientemente nos marcam e dominam. Aplicamos tudo isso involuntariamente ao texto bíblico e não nos damos conta de que não estamos mais “lendo” de fato, mas pendurando as opiniões de nosso próprio coração em palavras bíblicas. Enaltecemos as Sagradas Escrituras, declaramos que ela é a única regra e diretriz, a palavra de Deus que não engana. Porém, quando se trata de ler a Bíblia na prática, saltamos rapidamente do texto para nossas concepções costumeiras e preferidas, e não temos suficiente reverência diante da palavra de Deus para nos conscientizar mediante trabalho penoso e atento: o que, afinal, de fato está escrito aí? O que diz o próprio texto? Em certos grupos de cristãos podemos abrir a Bíblia onde quisermos: aquilo que de fato está escrito não tem importância e não é captado, mas as verdades especialmente prezadas por aquele grupo rapidamente são “encontradas” ali. Dessa maneira permanecemos pobres e, com excessiva frequência, também crescemos tortos, deixando esvaír-se toda a profundidade da riqueza que Deus preparou para nós.

O comentário a seguir não visa trazer pensamentos edificantes, para os quais o texto apenas serve de propício trampolim, mas visa ajudar a de fato “ler” as duas cartas propostas. Confia-se que o leitor realmente seja capaz de trabalhar duro e se esforçar desinteressadamente. Não podemos prometer que ele encontrará neste trecho tão conhecido do NT a sua própria teologia ou aquela que é familiar à sua igreja. Esperamos até mesmo que o leitor constate diversas coisas “novas” ou “muito diferentes” do que imaginava até então. Confia-se que ele apresente aquele zelo pela santa palavra de Deus que deixa em segundo plano tudo o que “evidentemente” acreditava saber sobre a mensagem bíblica, para ouvir de maneira totalmente nova o que as frases das cartas dizem no final das contas.

Somente o texto da carta em si, da maneira como foi dado pelo Espírito Santo ao coração e aos lábios do apóstolo Paulo, tem importância. Uma explicação não possui qualquer valor em si mesma, mas constitui somente uma tentativa de ajudar a ler o texto de forma precisa e acertada. Se o comentário a seguir puder prestar essa ajuda, de modo que os próprios dizeres das duas cartas tornem a brilhar de forma nova, viva e poderosa diante do leitor, isso será bom. Se um leitor tiver de discordar da explicação aqui oferecida, porque o texto, exaustivamente examinado, diz algo diferente à sua percepção, isso também será bom. Um comentário recebe sua mais bela recompensa quando ele próprio é

totalmente esquecido porque a glória da palavra bíblica começa a brilhar, a ponto de tomar conta de todo o coração do leitor.

Quando se negociava a ida do Prof. Schlatter a Berlim, o ministro indagou: “Na verdade, professor, o senhor está apoiado na Escritura, não é?” Schlatter respondeu: “Não, Excelência, não estou apoiado na Escritura, estou debaixo dela.” Gostaria de também colocar-me **debaixo** destas duas cartas, junto com todos os leitores. Que nos seja concedido que de forma alguma ouçamos a nós mesmos, mas com clareza e fidelidade somente aquilo que Paulo escreveu aos filipenses e colossenses.

Werner de Boor

Grécia e a região da Ásia Menor no tempo de Paulo

Introdução à carta aos Filipenses

Fritz Rienecker

1. O autor

(autenticidade da carta aos Filipenses)

O “**apóstolo**” Paulo denomina-se autor da carta aos Filipenses. Na verdade ele não se apresenta com esse título, como em outras cartas, mas se diz servo (literalmente: escravo) de Cristo Jesus. No entanto, isso ocorre somente pelo fato de que seu discípulo Timóteo, que não possui o título de apóstolo, é citado como co-remetente e co-responsável pela carta. Timóteo não é propriamente co-autor. O apóstolo também fala dele na terceira pessoa quando o menciona (em um trecho do segundo capítulo). Porém, aparentemente debateu com Timóteo o conteúdo principal da carta antes de redigi-la, particularmente nos pontos que se referem aos planos de viagem de Paulo e Timóteo.

Portanto, ainda que a própria carta não deixe dúvidas quanto à autoria pretendida, uma discussão teológica precisa ocupar-se com a sua autenticidade, isto é, deve perguntar se o suposto autor da carta também é o real autor.

Evidentemente aqui também não faltaram, como em todos os escritos do NT, aqueles que duvidaram da autenticidade da carta aos Filipenses. Esse foi o caso sobretudo da chamada escola de Tübingen, conhecida por seu radicalismo histórico-crítico, que também nesse caso escolheu a via negativa. Contudo, depois do falecimento de seu último expoente, **Carl Holsten** (em 1897), ninguém que mereça ser levado a sério questiona a autenticidade da carta. No entanto, não faltaram tentativas de excluir algumas partes como não autênticas ou de apresentar a carta como uma composição de várias cartas, ou de fragmentos de cartas. Contudo também esses ensaios já não têm maior importância, tendo sido todos deixados de lado. A única passagem que poderia causar alguma ponderação nesse sentido é o começo do terceiro capítulo, particularmente a transição súbita para os adversários judaístas. Porém esse fato não é motivo de surpresa em uma carta que não visa em absoluto ser um tratado e que provavelmente foi ditada com algumas interrupções.

Daquele início do cap. 3 depreende-se especialmente que Paulo não escreveu apenas essa única carta aos filipenses, mas diversas. Ali o apóstolo justifica por que escreve “sempre a mesma coisa” aos filipenses. Uma vez que os versículos acerca da alegria que nos são tão familiares aparecem no quarto capítulo (Fp 4.4-7), devemos supor que aqui no terceiro capítulo o apóstolo remete a cartas anteriores. Também entre os pais da igreja antiga ocorrem indícios que apontam para várias cartas do apóstolo aos filipenses.

Apesar disso precisamos afirmar que a presente carta constitui uma unidade, e que de forma alguma é uma composição de diversas cartas. O motivo da carta, do qual trataremos em seguida, é destacado da mesma maneira no começo e perto do final da carta, e os blocos dogmáticos e éticos que aparecem entre estas duas partes de cunho pessoal não deixam nada a desejar em termos de consistência e desenvolvimento transparente das idéias.

O todo se caracteriza tão claramente como carta de Paulo que não se pode duvidar da sua autenticidade. Se as cartas aos Romanos, Coríntios e Gálatas (as quatro cartas “grandes” de Paulo) devem ser reconhecidas como autênticas, então a carta aos Filipenses com certeza também deve. Transpira o mesmo espírito, move-se nos mesmos raciocínios e formas de reflexão. Ela traz, em parte, as mesmas expressões e não obstante se move independentemente delas, original em tudo, jamais cópia. E mais: ainda transcende aquelas cartas em termos de maturidade e experiência de vida, assim como profundidade de sentimentos. Na verdade era necessário que entre as numerosas cartas escritas pelo apóstolo Paulo também fosse preservada para nós uma carta tão cheia de alegria, louvor e gratidão como é a epístola aos Filipenses, por ter sido destinada a uma igreja que tanto agradou a nosso apóstolo.

2. O motivo da carta

O motivo para a redação da carta aos Filipenses é uma oferta de amor relativamente generosa enviada pelos filipenses ao apóstolo na cadeia por meio de **Epafrodito**, um membro desta igreja. Provavelmente os filipenses já haviam recebido notícias verbais acerca da entrega da oferta e ao mesmo tempo da enfermidade de Epafrodito, que não apenas tivera a **incumbência** de entregar a oferta, mas de ficar por um período mais longo ao lado do prisioneiro

para cuidar dele (na medida do possível) e de levar mensagens (sobretudo à igreja). Inesperadamente, porém, **Epafrodito** adoeceu mortalmente, de sorte que o apóstolo, que o tinha em altíssima consideração, por pouco não foi obrigado a sofrer amargamente. Mas Deus teve compaixão de **Epafrodito** e de Paulo, e permitiu que o enfermo convalescesse. Preocupado com o fato de que os irmãos em Filipos sabiam de sua enfermidade, **Epafrodito** anseia por retornar para casa, a fim de convencer os irmãos de que está vivo e saudável. Também Paulo considera que é mais correto enviá-lo de volta. Desse modo o mesmo discípulo que trouxe a oferta a Paulo torna-se o mensageiro de Paulo aos filipenses, a fim de lhes entregar a presente carta. Por isso essa carta detalha de forma especial a situação de **Epafrodito**, ao mesmo tempo em que justifica por que este está sendo enviado de volta antes do esperado. A carta igualmente contém o recibo oficial para a dádiva recebida (devemos imaginar uma soma em dinheiro), recolhido por meio de uma coleta.

3. Os destinatários

Na época de redação da carta, Filipos, capital da Macedônia e fundada pelo rei Filipe, pai de Alexandre Magno, era colônia militar romana, à qual fora concedido o chamado *ius italicum*. A partir daí compreendemos muito bem que Paulo (como, aliás, também mais tarde em Jerusalém) fez valer justamente aqui sua cidadania romana e que este fato também foi tão respeitado, de modo que uma escolta acompanhou solenemente a ele e a Silas para fora da cidade. A narrativa de Atos dos Apóstolos [At 16.12ss] conta a respeito do que aconteceu a Paulo em Filipos e também a respeito daqueles personagens que provavelmente formavam o cerne da congregação cristã em Filipos, a comerciante de púrpura Lídia de Tiatira e o carcereiro. Talvez a primeira experiência de Paulo com o encarceramento tenha sido ali em Filipos. Ele e Silas sofreram os maus tratos na prisão somente por uma noite, mas também esta noite foi bastante cheia de experiências. De qualquer maneira o Senhor concedera a ambos “louvores na noite” (Jó 35.10), para que fossem capazes de exaltar a Deus mesmo na mais profunda escuridão da meia-noite e de seu sofrimento. Na seqüência aconteceu a grande mudança, e depois de cumprir sua missão, ou seja, realizar o que **Deus** esperava deles, eles puderam seguir adiante. Por isso é relevante que Paulo escreve a presente carta aos Filipenses justamente enquanto está na **prisão**, situação que ele conhece de Filipos e na qual ele foi aprovado precisamente em Filipos.

Não sabemos quanto tempo Paulo passou em Filipos naquela ocasião. Mas a visita certamente deve ter sido mais longa do que parece à primeira vista. Por exemplo, quando se diz daquela serva que posteriormente foi curada por Paulo: “Isso se repetia por muitos dias” [At 16.18], descortina-se aqui sem dúvida a visão de um período de tempo bastante longo, o que deve impedir que imaginemos os episódios da conquista de Lídia e da conversão do carcereiro como muito próximos um do outro.

É certo, porém, que os acontecimentos obrigaram Paulo a sair de Filipos antes do previsto. Deve ter deixado lá Timóteo e talvez Lucas para organizarem a igreja, dando-lhes instruções nesse sentido ainda antes de ser preso, para o caso de algo lhe acontecer

Acontece que a carta informa que os filipenses enviaram a primeira e também a segunda oferta de amor para o apóstolo até Tessalônica. Não puderam doar-lhe nada em Filipos em vista da inesperada interrupção de sua atividade, e tampouco tinham oportunidade para realizar a coleta com tanta pressa. É também provável que ainda não estivessem tão organizados como igreja a ponto de poderem encarar uma “coleta”. Mas desde então não perderam mais de vista seu apóstolo. Paulo chega a escrever aos coríntios (2Co 11.8s) que “despojou” outras igrejas apenas para não onerar a eles, os coríntios. Diz que recebera da “Macedônia” (!) aquilo de que carecia para seu sustento. Estes irmãos preocuparam-se com ele onde quer que andasse e permanecesse. Se um tempo mais longo transcorreu antes do último envio (de que trata a carta aos Filipenses), isso se deveu à circunstância de que os próprios filipenses foram impedidos de fazê-lo por uma dificuldade específica (Fp 4.10).

De acordo com o relato de Atos dos Apóstolos temos de presumir que ao retornar da Acaia Paulo chegou novamente a Filipos, e fez a mesma coisa na próxima viagem missionária, quando se dirigiu da Ásia Menor para a Europa. Já assinalamos que várias cartas devem ter sido escritas neste meio tempo. A presente carta, que deve ser uma das últimas, se não a última, para Filipos, na verdade pressupõe cartas anteriores.

4. Lugar e época da redação

Quando, pois, e onde foi escrita essa carta? As duas perguntas estão estreitamente interligadas, até porque a constatação do lugar está indissolivelmente conectada à definição da época.

As três teorias que tentam definir a época com base no lugar, e vice-versa, podem ser alinhavadas sob os títulos: **Roma, Cesaréia e Éfeso**.

De acordo com a tradição antiga a carta aos Filipenses é originária da época do cativo em Roma (mais precisamente do primeiro, caso se queira admitir um segundo). Muitos indícios corroboram essa suposição, a começar pelo fato de que também as demais cartas da prisão parecem ser oriundas de Roma. Roma é a cidade em que Paulo provavelmente passou mais tempo em cativo, bem mais do que em Cesaréia, onde se fala certa vez de um período de dois anos, mas que ainda não cobre **todo** o tempo de detenção. Em Roma Paulo começou um trabalho missionário imediatamente depois da chegada (ao contrário de Cesaréia), que pôde ser desempenhado durante dois anos de forma

muito independente. Visto que na seqüência o livro Atos dos Apóstolos silencia a este respeito, deve-se supor que esse tempo propício acabou após dois anos, mas que isso ainda não foi o fim de Paulo (porque isto sem dúvida teria sido mencionado). Estando, pois, preso em “cadeias”, como dá a entender a carta aos Filipenses, ele, que retornara à obra depois da detenção em Cesaréia, incluindo também o contato com todas as suas igrejas (o que é relatado por cartas e mensageiros), sem dúvida tinha muitos motivos e certamente também muito tempo para escrever cartas às igrejas que ele mesmo havia fundado, como a carta aos Efésios, as cartas aos Filipenses e Colossenses e a carta a Filemom.

Portanto, quando temos diante de nós uma “carta da prisão” de Paulo, nosso olhar involuntariamente se volta para Roma. A isso, porém, agregam-se na carta aos Filipenses dois outros fatos: o primeiro capítulo menciona expressamente o **pretório**; no último enviam-se saudações daqueles “**da casa de César**”. Se entendermos por “pretório” o corpo da guarda pretoriana, e por aqueles “da casa de César” todos os que fazem parte das lides domésticas do imperador, sobretudo a criadagem, incluindo os escravos imperiais, pode-se certamente afirmar que também fora de Roma havia tanto pretorianos como escravos imperiais (ou os alforriados de César); mas Paulo dificilmente mencionaria justamente esses dois grupos se não estivesse escrevendo de sua própria cidade, mas de qualquer outro lugar em que fossem um número pequeno e de maneira alguma característicos para o local (cf. as observações abaixo acerca das saudações). Quando essas três coisas, prisão, pretorianos, casa de César, convergem, não faltam muitos argumentos para tomar a decisão em favor de “**Roma**”.

Poderíamos ser convencidos a divergir dessa decisão, indubitavelmente mais plausível, se de fato fosse possível mencionar razões pertinentes **contra** Roma. E os “**adversários**” da teoria de Roma alegam ter encontrado tais razões. Um motivo exterior é inicialmente a grande distância entre Roma e Filipos. Obviamente não seria ela o que impediria o apóstolo de escrever uma carta aos filipenses mesmo estando em Roma. Contudo, dizem eles, a distância inviabiliza o que o apóstolo escreve no segundo capítulo nos trechos sobre Timóteo e Epafrodito. Acima de tudo recorre-se ao texto sobre Epafrodito, que também deu oportunidade a numerosos mal-entendidos em outros aspectos. O raciocínio, portanto, é o que segue: Paulo escreve que Epafrodito “estava angustiado porque ouvistes que ele adoeceu” [Fp 2.26]. Logo se imagina que deve ter chegado a Filipos a notícia de que “Epafrodito está enfermo.” Em seguida é preciso que outra mensagem tenha retornado para Roma: “Sabe-se em Filipos do adoecimento de Epafrodito.” É somente agora, imagina-se, que Epafrodito começa a se inquietar.

Como esse pensamento está alheio à realidade! Na verdade a situação é a seguinte: tão logo um mensageiro qualquer, talvez um irmão em trânsito, saísse de Roma para Filipos com a notícia: “Epafrodito chegou bem com a oferta de amor, mas infelizmente está agora gravemente enfermo”, em mais ou menos tempo Epafrodito tomaria conhecimento da ida deste mensageiro e da notícia que levava, e logo ficaria preocupado. A rigor não seria preciso que se passasse nem mesmo um dia depois da saída do mensageiro. Teria sido necessário ocultar intencionalmente do enfermo que sua doença fora comunicada a Filipos. Mas **neste** caso ele nem mesmo ficaria sabendo a respeito do mensageiro, e a inquietação não teria surgido. Comete-se o erro de, sem um motivo forte, traduzir o “aoristo” (“tendes ouvido” ou: “ouvistes”) como pretérito mais-que-perfeito, supondo que os filipenses precisam primeiramente ouvir acerca da enfermidade para que Epafrodito começasse a se angustiar com o retorno dessa notícia. Na verdade aquela frase de Paulo visa dizer tão-somente: “O fato de que fostes informados de sua enfermidade o deixou aflito.” Para tanto não é necessário nem mesmo que essa notícia já tivesse chegado a Filipos na **época da redação** da carta, porque em todo o trecho sobre Epafrodito Paulo se coloca na posição dos filipenses na ocasião em que eles receberiam a carta. É essa perspectiva que faz com que ele escreva: “**Apressei-me em mandá-lo**” [Fp 2.28], embora ao escrever ele ainda estivesse em Roma. A mesma perspectiva também leva o apóstolo a começar todo o bloco sobre Epafrodito com as palavras: “**Julguei** necessário” (mais precisamente: “Fiquei persuadido de que é necessário” [Fp 2.25]), ao invés de escrever simplesmente: “**Julgo** necessário.”

O segundo argumento cronológico contra “Roma” é deduzido do trecho anterior sobre Timóteo. Paulo escreve que pretende enviar Timóteo para Filipos assim que seja possível antever o desfecho de seu próprio processo. Acrescenta: “Estou confiante no Senhor de que também eu mesmo, brevemente, irei” [Fp 2.24]. Visto que afirmou anteriormente que enviaria Timóteo para que ele, Paulo, pudesse consolar-se com notícias a respeito dos filipenses, conclui-se que o lugar de redação da carta aos Filipenses deveria ser próximo a Filipos, porque Timóteo deveria ir e vir a fim de levar notícias a Paulo a respeito dos filipenses, e porque Paulo apesar disso esperava poder viajar em breve. No entanto, esse “**em breve**” não precisa ser necessariamente relacionado ao momento da redação da carta ou do envio de Timóteo. Uma vez que Paulo diz que esperava receber um relato de Timóteo, o “em breve” pode igualmente significar: “Depois que Timóteo retornar e me apresentar o relatório, viajarei pessoalmente o quanto antes.” Em todos os casos o contexto deixa claro que entre o momento da decisão do processo e o momento em que o próprio Paulo pudesse viajar ainda restaria um considerável espaço de tempo, porque do contrário ele não voltaria a ver Timóteo antes disso. De resto, nem mesmo é garantido que Paulo pensava em encontrar Timóteo ainda em Roma. Também poderia encontrá-lo em uma estação de sua própria viagem até Filipos. Essa possibilidade continua viável até mesmo caso o “em breve” tenha o significado de: “brevemente depois do envio de Timóteo”.

Debruçamo-nos um pouco mais detidamente sobre esses argumentos puramente exteriores contra a escrita da carta em Roma no que toca ao cálculo do tempo, porque se trata de razões objetivas que sempre precisam ser analisadas. Mais próximas delas são as considerações histórico-contemporâneas que se julga ser necessário alegar contra a antiga teoria de Roma. Por exemplo, considera-se impossível que os judaístas, tão energeticamente liquidados por Paulo na

carta aos Gálatas, mais uma vez tivessem se espalhado nas igrejas na época da estadia de Paulo em Roma, ainda mais na Europa e na cidade de Filipos, de características bem romanas. Ali se esperaria antes problemas causados pelos hereges, com os quais se confronta, p. ex. a carta aos Colossenses. Em virtude da carta aos Gálatas, não há dúvidas de que o judaísmo, que demandava a circuncisão dos gentios cristãos, sobreviveu por bom tempo após o período apostólico. Mesmo estando liquidado na Ásia Menor, poderia seguir migrando, para firmar pé na Europa. A idéia de que as lutas de Paulo contra o judaísmo tenham acontecido tão somente durante determinada fase de sua vida não leva em conta as realidades da vida. É verdade que no próprio ser humano há uma tendência de dedicar-se, em certos períodos da vida, a determinados interesses e enfrentar determinadas lutas. Mas também nesse caso vale: “O ser humano planeja, e Deus conduz.” Muitas vezes Deus nos obriga, por meio dos fatos, a retomar lutas que pareciam pertencer a um período passado de nossa vida. Assim como Paulo não travou a luta contra os hereges gálatas porque justamente naquela época estivesse interiormente preparado para essas lutas, mas porque essas lutas eram absolutamente necessárias em vista do perigo real, assim o apóstolo também não poderia omitir-se diante da mesma luta durante seu cativeiro em Roma, se aqueles hereges ou seus sucessores e adeptos começavam a se expandir agora na Macedônia.

Tais tarefas de forma alguma têm a ver apenas com a “lei da vida” à qual cada pessoa está subordinada, mas com a relação com o contexto e os acontecimentos. Então ocorre com freqüência que precisamos retomar, em outro lugar e sob novas circunstâncias, lutas que considerávamos encerradas. Justamente um missionário que muda de campo de ação com freqüência testemunhará isso.

Entretanto, dirigindo nosso olhar para a lei e trajetória de vida de alguém como Paulo, e particularmente também para sua evolução interior, é precisamente essa ponderação que nos leva, segundo determinada visão interior, a decidir em favor de **Roma**. Porque ali o apóstolo se encontra em um grau de maturidade que em geral caracteriza somente o idoso e que por isso só deve ser própria de uma época em que o próprio Paulo se denomina de homem “**velho**” (Fm 9). Exceto pela segunda carta a Timóteo, na qual Paulo já considera sua trajetória concluída, enquanto na carta aos Filipenses ainda está perseguindo o alvo, não encontramos em nenhuma das cartas de Paulo um apóstolo tão maduro e ponderado como justamente na carta aos Filipenses. Aqui o decisivo não é que ele seja **tolerante** com os falsos pregadores (ao contrário da carta aos Gálatas) – o que se baseia **na própria controvérsia** – mas que, pelo contrário, ateste elevado grau de maturidade a circunstância de que, desprendendo-se completamente de sua própria situação, consegue avançar rumo à **alegria** até mesmo pela pregação daqueles irmãos que visam feri-lo. Digno de nota é também especialmente sua posição diante da morte, como mostraremos no comentário. Associa-se a isso a diminuição da expectativa da parusia que ele mesmo presenciaria, ao contrário de seu olhar sobre a igreja, que é cada vez mais associada à parusia. Isto não expressa a sua concepção da parusia (volta) do Senhor em si nem a hora objetiva de seu evento, mas mostra a atitude interior diante da pergunta se ele, Paulo, ainda a vivenciaria no tempo de permanência na terra que ainda lhe restava, visto que morte e ressurreição estavam cada vez mais próximos.

Estes aspectos do conteúdo nos levam a posicionar a carta aos Filipenses na data mais tardia que for possível dentro dos limites traçados. A verdade de que ela não resulta da segunda prisão em Roma, como a segunda carta a Timóteo, deriva do próprio fato de que Paulo (a quem as certezas interiores nunca enganaram) espera com alegre certeza pela sua libertação e pelo reencontro com os filipenses. Entretanto, precisamos situá-la no final do período desse primeiro cativeiro. Os belos dois anos de atuação desimpedida, dos quais nos informa o fim de Atos dos Apóstolos, já se passaram há tempo. Paulo é prisioneiro no sentido pleno da palavra, experimentando todas as agruras da vida de presidiário daquele tempo, inclusive de suas privações, se uma igreja como a de Filipos não lhe enviasse auxílio. Está neutralizado, e outros cristãos ambiciosos se aproveitam disso. Contudo seu processo tomou um rumo favorável. Em pouco tempo – já é possível tomar providências e fazer planos de viagem para essa hora – haverá uma decisão definitiva, e espera-se um desfecho favorável.

A nosso ver, portanto, **a carta aos Filipenses foi escrita em Roma, por volta do final do primeiro cativeiro de Paulo.**

Torna-se desnecessário tratar mais exaustivamente das duas outras hipóteses, **Cesaréia** e **Éfeso**. São expedientes precários usados por quem por qualquer razão acredita ter de rejeitar a hipótese mais plausível, a saber, “**Roma**”. Porém, uma vez que somos da opinião de que **nada** depõe **contra** Roma, particularmente apoiada também pela pregação tão efusiva do evangelho, que combina melhor com essa capital mundial, basta lançar algumas luzes sobre as outras duas teorias a partir de nosso ponto de vista.

Até tempos mais recentes discutia-se seriamente sobre uma alternativa entre Roma e Cesaréia. A discussão apegava-se rigorosamente aos Atos dos Apóstolos, que informa duas vezes a respeito de uma detenção mais demorada de Paulo, uma vez em Cesaréia (**At 24-27**) e, logo em seguida (visto que o prisioneiro Paulo havia apelado a César), em Roma. Quem, pois, tinha restrições contra Roma, pleiteava em favor de Cesaréia. As teorias “Cesaréia” e “Roma” não divergiam muito entre si, uma vez que os períodos de permanência em “Cesaréia” e “Roma” estavam separados entre si somente pela perigosa e penosa viagem pelo mar. Além disso, as três viagens missionárias já haviam sido concluídas pelo apóstolo, e o apóstolo já experimentara o fruto do sofrimento dessas três viagens, e era obrigado a degustá-lo ainda mais.

Dado, pois, que as teorias “**Roma**” e “**Cesaréia**” se situam em época relativamente próxima, é possível arrolar parcialmente as mesmas razões em favor ou contra uma ou outra. A maturidade de Paulo, que depõe em favor de

Roma, igualmente depõe, mesmo que em grau menor, em favor de Cesaréia, especialmente quando se considera a parte final do cativo naquela cidade – o que evidentemente deve ser feito diante da expectativa de Paulo por um desfecho próximo. No entanto, aquilo que para muitos parece depor contra Roma (a grande distância), também deporá – ainda que novamente em grau menor – contra Cesaréia. Quando comparamos Roma e Cesaréia, os dados positivos (pretorianos e “casa de César”) pesariam decididamente em favor de Roma. Absolutamente contrário a Cesaréia, porém, é o fato de que Paulo, apesar de poder receber visitas de seus amigos, não menciona contato algum com a igreja de lá (que pode ser mantido livremente em Roma durante dois anos). Ouvimos somente uma vez acerca da família do evangelista Filipe, porém nem mesmo isso é mencionado no relato detalhado sobre a prisão de Paulo. Tudo o que Paulo escreve sobre a igreja e seus ajudantes permanece completamente incompreensível quando aplicado a Cesaréia.

Em contrapartida, a hipótese “**Éfeso**” tem a grande vantagem de incluir pontos de vista completamente novos no debate, motivo pelo qual precisa ser discutida seriamente, o que fizemos indiretamente na defesa em favor de Roma. Esta hipótese apresenta um princípio totalmente novo tanto em relação ao local quanto à época.

Primeiramente falemos sobre o local! Sem dúvida a localização de Éfeso é tal que é possível viajar rapidamente de Éfeso para Filipos e de Filipos para Éfeso. O que se afirma nos trechos a respeito de Timóteo e Epafrodito realmente poderia ter acontecido entre Éfeso e Filipos da forma como muitos imaginam (a nosso ver erroneamente; cf. o exposto acima). Da mesma forma permaneceria intocada a concepção geral da vida de Paulo, que situa a luta do apóstolo contra o judaísmo em um período bem específico de sua vida e atuação, supondo que a carta aos Filipenses foi redigida durante a terceira viagem missionária de Paulo, ou seja, cronologicamente próxima à carta aos Gálatas. Uma vez que (cf. o acima exposto) temos opinião divergente justamente nesses dois pontos (viagens dos discípulos de Paulo e lutas contra o judaísmo), permanecemos com Roma, embora admitamos de bom grado que, no caso de uma disputa séria, a questão ficaria entre **Roma** e **Éfeso**, e não entre Roma e Cesaréia. Obviamente não é impossível que representantes de renome algum dia destaquem mais outra cidade.

Contudo, o principal argumento que depõe **contra** Éfeso é este: não há nenhuma menção que seja, nem em Atos dos Apóstolos nem em qualquer carta do apóstolo, a respeito de uma prisão de Paulo em Éfeso. Tampouco seu famoso discurso de despedida dirigido aos anciãos da igreja de Éfeso menciona uma detenção sua, ainda que Paulo aponte com palavras bem explícitas para sua pregação e seu exemplo [At 20.17ss].

É bem verdade que, conforme suas próprias cartas, Paulo esteve na prisão mais de duas vezes, que já na carta aos Romanos ele cita dois irmãos como companheiros de prisão (Rm 16.7). Porém quem garante que esses casos se referem a períodos de prisão mais longos, a ponto de escrever cartas, receber auxílios e participar tão vivamente da comunidade eclesial da cidade como Paulo fez quando esteve na prisão descrita na carta aos Filipenses? E – conforme outro argumento apresentado – quando ele informa, no cap. 15 da primeira carta aos Coríntios (1Co 15.32), ter lutado com “animais ferozes” em Éfeso, nossa opinião é de que ele tem em mente a massa ensandecida que durante duas horas gritou insensatamente: “Grande é a Diana dos efésios!” [At 19.34]. Seja como for, ele não pensa literalmente em uma luta “com feras”, como aquelas a que os mártires foram expostos no circo por ocasião das perseguições aos cristãos. E mesmo que tivesse algo assim em mente, isso não teria absolutamente nada a ver com uma prisão demorada, durante a qual um processo toma um rumo favorável e promete um desfecho positivo. O apóstolo pode ter sido preso por poucos dias com muito maior frequência do que geralmente se supõe, p. ex., na ocasião de uma rebelião (assim como foi preso por uma noite em Filipos), sem que isso fosse expressamente mencionado nos relatos de viagem. No entanto, Atos dos Apóstolos com certeza não teria silenciado acerca de uma detenção em Éfeso que incluísse todas as circunstâncias relatadas na carta aos Filipenses, porque o livro relata com tantos detalhes justamente a respeito daquela crise em Éfeso (Demétrio).

Permanecemos favoráveis a “Roma”.

5. O pensamento fundamental da carta aos Filipenses

A carta aos Efésios traz a palavra da “igreja”, enquanto a carta aos Gálatas fala de “lei e evangelho”. Será que a carta aos Filipenses também traz um pensamento tão homogêneo? À primeira vista parece correto dizer que não. Poderíamos responder, p. ex.: “As **idéias** da carta aos Filipenses são muito diversificadas, mas um tom perpassa toda a carta - o tom da alegria, mais precisamente da **alegria no Senhor!**”

Essa impressão é correta, e quando a averiguamos, buscando esse tom na carta toda, notamos que não se trata apenas de uma tônica, mas de um **pensamento** fundamental que se estende por toda a carta. É o pensamento na alegria no Senhor. Na verdade não é possível classificar a carta aos Filipenses como a “**doutrina** sobre a alegria no Senhor”, assim como poderíamos dizer, p. ex., que a carta aos Efésios é a “**doutrina** sobre a igreja para a igreja”. Não obstante é possível dizer: “A carta aos Filipenses traz a palavra sobre a alegria no Senhor.” Desse modo, para não forçar nada e evitar artificialismos, declaramos de antemão que não estamos dizendo que nesta carta tenha Paulo tomado o propósito de lidar com um “tema” nitidamente delimitado. A verdade é que temos a impressão de que, com base em uma atitude interior bem específica diante dos filipenses, Paulo repetidamente – ora em um, ora em outro contexto – acaba chegando à alegria no Senhor, de sorte que esta, ainda que de forma inicialmente não-intencional, na realidade se torne o pensamento básico da presente epístola.

Logo no início ele precisa falar de sua alegria, na qual ele ora a todo instante ao lembrar dos filipenses. Afinal, da alegria brota toda a carta, e **todos os seus pensamentos sobre a igreja dos filipenses são acompanhados** pelo “tom positivo do sentimento” **da alegria**.

Quando o trecho subsequente passa a falar dele mesmo e de sua condição pessoal, a alegria tem a última palavra também nesse caso. Aquilo que ele experimenta em Roma é bastante singular e deixaria muitas outras pessoas amarguradas. Porém em Paulo tudo resulta em alegria. “Com isto me regozijo,” escreve ele, e continua: “Sim, sempre me **regozijarei**” [Fp 1.18]. Alegria no presente e alegria no futuro, quando finalmente o Senhor chegar!

É verdade que o apóstolo anseia pela pátria celestial, anseia por uma unificação plena com Cristo, que se tornou sua alegria total, e pelo qual por isso também pode se alegrar (“Tenho o **prazer** de partir e estar com Cristo [Fp 1.23]”). Mas ele pretende permanecer, para o “**gozo da fé**” dos filipenses, como ele atesta expressamente [Fp 1.25].

Sem dúvida será preciso vencer uma luta no discipulado de Jesus, sem dúvida existe um padecimento por Jesus. Paulo e os filipenses sabem disso muito bem, por experiência própria, mas o fato de poderem lutar e sofrer representa uma **dádiva** para eles (*echaristhe* vem de *charis*, que tem a mesma raiz de *chara*: alegria) [Fp 1.29s].

Certo é que, ao chegar às exortações pessoais, ele as introduz com o pedido: “**Tornai plena minha alegria!**” [Fp 2.2] e as ilustra com o exemplo de Jesus, que desceu às profundezas do sofrimento e depois pôde se alçar às alturas da alegria.

Quando na seqüência, depois de apelar seriamente para que lutem por sua bem-aventurança, Paulo escreve que ele se sacrifica em prol da felicidade eterna dos que lhe foram confiados, é capaz de observar: “**Alegro-me e, com todos vós, me regozijo**. Assim, vós também, pela mesma razão, **alegrai-vos e regozijai-vos** comigo!” Quatro vezes a palavra da alegria!

Seguem-se as duas passagens sobre Timóteo e Epafrodito. Ele envia Timóteo para Filipos para que ele próprio, Paulo, tenha bom ânimo quando ouvir algo sobre os filipenses, e permite que Epafrodito retorne para Filipos, para que, como ele diz, “vos alegreis, e eu tenha menos tristeza” [Fp 2.28].

Na seção dogmática a seguir, ao comparar seu caminho anterior, o caminho da lei, que trilhara com grande orgulho, com sua trajetória atual, ao classificar tudo o que houve antes como dano, justamente por causa da “sublimidade do conhecimento de Cristo” [Fp 3.8], e ao dizer que sua corrida é para conhecer cada vez mais profundamente a ele, o Cristo, constata-se nele que justamente esse Cristo se tornou sua alegria, em favor da qual de bom grado abre mão de tudo o mais de que poderia se alegrar. Afinal, também a corrida pelo prêmio é uma corrida em busca de Cristo e uma alegria em direção a ele. De qualquer modo, todo o trecho é introduzido com a palavra: “Quanto ao mais, irmãos meus, **alegrai-vos no Senhor**” e acrescenta: “A mim, não me desgosta escrever as mesmas coisas, mas vos deixa seguros” (a vós, porém, propicia maior segurança) [Fp 3.1]. Portanto, já os convidou repetidas vezes para essa alegria, pretendendo continuar a fazê-lo, como mostra o famoso capítulo 4.

E quando na seção ética o apóstolo chora por aqueles em que a semente é sufocada pela “volúpia desta vida”, irrompe cada vez mais nele e em todos os que estão no caminho **dele a alegria pelo Senhor**, pelo qual **esperam** como seu “Salvador” [Fp 3.20].

Antes, porém, de iniciar o segundo parágrafo de sua seção ética ele designa os filipenses de seus “amados” e “muito saudosos”, sua “**alegria**” e sua “coroa”.

Constatamos aqui como estão próximos o amor e a alegria. Afinal, o amor fraterno não é, segundo sua raiz, amor “de compaixão”, que deve ser exercido para com os ainda perdidos, mas amor “**de regozijo**” e, por essa razão, amor que brota da **alegria**. Quando, pois, o apóstolo exorta as mulheres Evódia e Síntique à nova concórdia no amor de irmãs isso significa: “Tenham novamente a antiga alegria uma pela outra, na qual vocês no passado se uniram em uma alegre comunhão de trabalho!”

A isso se acrescenta agora o grande: “**Alegrai-vos sempre** no Senhor, outra vez digo, **alegrai-vos!**” Transparece mais uma vez, agora com força total, o fio condutor condutor de toda a carta aos filipenses. Dessa alegria resulta a “suavidade”, e com ela está ligada a “paz”.

Depois da última exortação, de que se direcionem a tudo que um ser humano com razoável consciência normal precisa se alegrar, vem a segunda e última parte pessoal, que começa com a **grande alegria** do apóstolo a respeito da remessa dos filipenses. Ele diz literalmente: “Alegrei-me grandemente”. Também comunica aos filipenses onde em última análise reside o fundamento dessa alegria, a saber, no **fruto** de seu trabalho, que ele mesmo almejou e que trará benefícios aos filipenses no grande dia da colheita.

Em suma, leiamos a carta aos Filipenses sublinhando todas as palavras “alegria” e “alegrar-se” e observando todas as demais coisas que resultam em alegria! E reconheceremos: a alegria é a tônica, a alegria é o fio condutor da carta aos Filipenses!

Alegria no Senhor!

6. Estrutura

No caso de uma carta detalhada de um apóstolo, dirigida a uma igreja e contendo grandes verdades divinas gerais, é mais comum que após uma introdução pessoal venha uma seção doutrinária e, construída sobre ela, uma parte ética. No entanto, a dimensão pessoal pode ser tão relevante para o apóstolo e estar tão indissociavelmente ligada com a

parte dogmática ou ética que passa a constituir um bloco principal específico, que pode ser colocado no mesmo nível da seção doutrinária ou ética. É essa a situação da carta aos Gálatas, que com dificuldade se subdivide nessas três partes, sendo que a seção pessoal consta no início.

Algo parecido ocorre com a epístola aos Filipenses, só que aqui a ênfase é basicamente diferente. Na carta aos Gálatas o conteúdo em questão, ou seja, o tema “lei ou evangelho”, era a parte principal, e a seção pessoal se fazia necessária para restabelecer a autoridade abalada do apóstolo, fornecendo assim a base propícia e a ênfase necessária para o bloco objetivo. Aqui na carta aos Filipenses a situação é inversa. Afinal, o motivo desta carta é, conforme ouvimos, meramente pessoal. Por isso a dimensão pessoal está em primeiro plano, chegando ao ponto de formar a seção principal inicial e final de toda a carta. Entre elas aparecem, então, a seção dogmática e a seção ética que, sob o signo das seções pessoais preponderantes, trazem ambas o mesmo pensamento básico, a “alegria no Senhor!” (cf. o acima exposto).

Portanto, a carta aos Filipenses está estruturada assim: depois de citar os remetentes (Paulo e Timóteo) e os destinatários (todos os cristãos em Filipos, “inclusive bispos e diáconos”) é apresentada a costumeira saudação de paz.

Em seguida o apóstolo dá vazão a toda sua alegria com a igreja e à sua confiança de que será preservada. Ele atesta aos filipenses a profundidade de seus sentimentos, expressando seus últimos votos por eles, os votos em vista do dia do Senhor.

Logo na seqüência ele relata a respeito da guinada que seu processo experimentou e o efeito positivo disto particularmente nos pregadores do evangelho, entre os quais obviamente existem também os não-sinceros, que pregam Cristo por ambição, mas que com tal proclamação não deixam de servir ao avanço vitorioso do evangelho. Por isso Paulo também pretende se alegrar com isso, uma vez que ele sabe que pessoalmente isso tudo trará vitória eterna, ainda que tenha de padecer o martírio. Pessoalmente está preparado para isso, porque essa morte o ligará com Cristo. Porém, a fim de servir aos irmãos, ele ainda continuará vivo.

Acrescentam-se exortações pessoais, começando pelo apelo à unidade, depois ao desprendimento e à humildade. Nesse contexto está intercalado um hino sobre Cristo que, para colocar o exemplo de Cristo sob o foco correto, nos apresenta uma breve cristologia de Paulo, dando destaque à humilhação e à exaltação de Cristo.

A isso se segue a primeira admoestação de que estejam atentos à salvação eterna e iluminem no mundo sombrio.

Depois vêm os dois trechos bem pessoais, que tratam de Timóteo e Epafrodito.

Após de enunciar outra vez o motivo central da alegria, o apóstolo passa para a seção **dogmática**. Aqui estão em evidência dois temas: rejeição do judaísmo e rejeição do perfeccionismo.

O apóstolo faz o acerto de contas com o judaísmo, comparando sua atual situação cristã com seu orgulhoso passado de judeu e constatando que hoje considera como dano tudo o que outrora lhe parecia lucro e que o lança fora para possuir integralmente a Cristo.

Obviamente ele ainda não alcançou essa meta, ele ainda não é perfeito (contra o perfeccionismo), porém corre atrás dela e estimula a todos que querem ser contados entre os perfeitos (os homens e as mulheres em Cristo) que façam como ele.

Na parte **ética** aparece primeiramente uma exortação bem específica, dirigida a todos, a saber, a exortação para ter uma mentalidade celestial de acordo com a cidadania celestial do cristão, aliada à advertência contra o exemplo repulsivo dos de mentalidade profana.

A carta traz exortações específicas a certas pessoas: a duas mulheres para que preservem a concórdia, e a um irmão, para que lhes dê apoio.

Depois vêm as duas exortações gerais de alegrar-se no Senhor e ter uma atitude correspondente para com as pessoas (suavidade) e com Deus (oração), bem como para obedecer a tudo o que a consciência natural recomenda ao ser humano.

Agora, em uma segunda seção **pessoal**, o apóstolo expressa sua alegria especial em virtude da oferta de amor enviada por intermédio de Epafrodito. É verdade que enfatiza sua autonomia, mas mostra porque sua alegria com a dádiva apesar disso é tão grande e o que a oferta, já precedida por muitas outras, significa para os doadores na contabilidade de Deus.

Depois de passar oficialmente o recibo pela dádiva, e de chamá-la de “mais que suficiente”, o apóstolo promete aos filipenses rica recompensa “em glória” [Fp 4.19].

Seguem-se saudações mútuas. Paulo saúda a “cada santo” em Filipos. Do mesmo modo saúdam de Roma todos os cristãos, particularmente porém os “da casa de César”, o que representa para nós a última palavra também na questão do local de redação.

O apóstolo encerra a carta aos Filipenses com uma finalização quase idêntica à da carta aos Gálatas: “A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito!”

COMENTÁRIO

O INTRÓITO DA CARTA: **FILIPENSES 1.1S**

1 – Paulo e Timóteo, escravos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos que vivem em Filipos

2 – Graça e paz [sejam dadas] a vós, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Essas frases introdutórias na fórmula usual para as cartas do mundo antigo – os remetentes e os destinatários da carta são citados e combinados na saudação – chamam nossa atenção para a circunstância de que leremos a seguir uma carta real. Esquecemo-nos facilmente desse fato porque nos acostumamos a ler esses capítulos como páginas de um livro grosso, a Bíblia. Porém é precisamente esse o milagre da “Bíblia”: ela não é um único livro ditado de forma contínua, mas uma coletânea de escritos, cada um dos quais surgido de forma muito “humana” em determinada situação e que, não obstante, ainda hoje anuncia a palavra de Deus a gerações constantemente renovadas, com maravilhosa unidade, força infindável e profundidade inesgotável. Por isso precisamos ler também a carta aos Filipenses de modo “histórico”, como autêntica carta, escrita a pessoas concretas em sua situação ímpar e, a princípio, escrita somente para elas. Ao ditar, Paulo não estava pensando em compor uma parte de “Bíblia” que viria a ser lida até mesmo séculos mais tarde em épocas e contextos completamente diferentes. Teria sido tanto desamor quanto orgulho dirigir-se aos filipenses e ao mesmo tempo pensar em multidões anônimas de gerações futuras. Não, Paulo tinha em mente os filipenses e naquele instante somente a eles. É a eles que se destina cada palavra. Porém, quando nos devotarmos inteiramente à palavra, conforme ela aparece no texto, ao tentarmos ouvi-la da forma mais exata possível, com os ouvidos de uma pessoa daqueles dias, experimentaremos que ela fala também a nós com a autoridade da verdade divina. Esse é o mistério da Bíblia, maior que todas as teorias sobre as Sagradas Escrituras. É obra do Espírito Santo que Paulo, totalmente ser humano, vivo e original, com o coração exclusivamente voltado a seus amados filipenses, autor dessas frases, ao mesmo tempo escrevesse de tal maneira que pessoas de todas as raças e povos, seres humanos de todos os séculos, encontrassem nessas frases a fonte de sua própria vida em Deus. Por essa razão, o estudo da tão conhecida, tantas vezes comentada e tantas vezes analisada carta aos Filipenses também vale a pena para nós, porque com sua plena característica humana e histórica ela é também a palavra verdadeira de Deus cuja leitura jamais a esgotará.

- 1 Quem escreve essa carta? Respondemos sem titubear: “Paulo”! O próprio Paulo, porém, afirma: **“Paulo e Timóteo”**, colocando assim Timóteo diretamente a seu lado para testemunhar a respeito desta carta. Não pretende ser o “grande homem”, cujo raciocínio original a igreja deve admirar. Está em jogo uma causa, e somente essa causa é importante. Por essa razão ela é defendida por dois homens, duas “testemunhas”. De acordo com a regra do AT de Dt 19.15, um verdadeiro “testemunho” conta com o “depoimento de duas ou três testemunhas”. É verdade que nessa carta, diferentemente de, p. ex., Cl 1.3; 1Ts 1.2, ele passa a falar imediatamente na primeira pessoa. Posteriormente, em Fp 2.19, fala-se de Timóteo como de um colaborador presente que está à disposição de Paulo. Timóteo também é recomendado e projetado de tal forma que não conseguimos imaginar que Paulo tenha ditado essas palavras na presença do próprio Timóteo. Ele tampouco se destaca nas saudações finais. Apesar disso continua valendo esse “Paulo e Timóteo” do intróito. E com certeza Paulo não está apenas sendo cortês. O conteúdo da carta foi discutido com Timóteo, que assume responsabilidade conjunta por ele. Será que não deveríamos aprender disso?

Paulo até mesmo enfatiza o “a dois” de forma especial. Não escreve aqui, como faz em outras cartas (p. ex., Cl 1.1) “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, e Timóteo, o irmão”. Evita qualquer “título”, Paulo e Timóteo são resumidos como **“escravos de Cristo Jesus”**. Desde já isso confere à carta um aspecto confidencial e pessoal. Paulo não tem necessidade de sublinhar sua autoridade apostólica diante dos filipenses. Sem dúvida, também a expressão **“escravos de Cristo Jesus”** é mais do que mera declaração sobre a posição pessoal dos dois homens perante Jesus. Nem todos os membros da igreja que se tornaram “santos” numa guinada de sua vida e são, portanto, propriedade de Jesus, já são por isso seus “escravos”. O “escravo” *serve* e está integralmente à disposição do serviço de seu

Senhor com todo o seu tempo e todas as suas energias. Conseqüentemente, a designação “escravo de Cristo Jesus” se torna um título honorífico das pessoas que colocam a vida completamente a serviço de Jesus. Isso também conferirá um peso extraordinário à palavra deles.

Timóteo vinha da Licaônia e era filho de um grego e uma judia que se tornou cristã. Quantas influências já recebeu, portanto, em sua vida! Depois aceita a fé em Jesus por meio do próprio Paulo, por ocasião da primeira evangelização em Icônio, Lистра e Derbe. Visto que na segunda viagem missionária Paulo tornou a visitar as igrejas da Licaônia, Timóteo, recomendado especialmente pelos irmãos, tornou-se companheiro de percurso de Paulo ainda muito jovem – talvez em substituição a Marcos, que se separou da equipe –, e um colaborador cada vez mais aprovado (1Tm 1.2; 4.12; At 16.1-3; 17.14ss; 18.5; 1Co 4.17; 16.10; 2Co 1.19; Fp 2.20). Junto com Paulo ele faz parte da delegação que deve entregar a dádiva das igrejas paulinas a Jerusalém (At 20.4). Partilha o cárcere de Paulo. Em seis cartas ele aparece como “co-elaborador”.

Em suas cartas Paulo fazia o endereçamento de diversas formas. Nas duas cartas aos Coríntios, nas duas aos Tessalonicenses e na carta aos Gálatas ele se dirige à “igreja”; na epístola aos Colossenses, aos “irmãos”; nas cartas aos Romanos, Efésios e na presente passagem, aos “santos”. Os motivos específicos para essas diferenças não ficam claros para nós.

“**A todos os santos.**” Diante da difundida má compreensão moral da palavra “santo” como “bom”, “puro”, “devoto” foi enfatizado que “santo” significa simplesmente “pertencente a Deus”, “confiscado como propriedade de Deus”. Isso certamente é correto; porque conforme Zc 14.20s o termo “santo” um dia valerá até mesmo para panelas e estará gravado nas campainhas dos cavalos. Contudo, não devemos sucumbir a uma falsa tendência “objetivante”, que perpassa o pensamento cristão de nossos dias. Afinal, “santo” não designa apenas o relacionamento objetivo, de algo ou alguém que se encontra diante de Deus. “Santo” não deixa de ser um autêntico adjetivo e como tal também “definição de qualidade”. É utilizado assim primeiramente para o próprio Deus santo. A passagem de Lv 19, citada na primeira carta de Pedro, perderia o sentido se “santo” significasse tão-somente “pertencente a Deus”. Não, esses que foram confiscados por Deus precisam claramente apresentar certas “qualidades”, passando a ser através delas “santos” em sentido pleno. Tais “santos” existem também em Filipos, e a eles se dirige esta carta.

Obviamente não possuem essa posição perante Deus e essas qualidades a partir de si mesmos. Na realidade é isso que diferencia o “ser santo” de todas as aquisições morais. São santos “**em Cristo Jesus**”. O fato de que nas poucas linhas do intróito da carta esse “Cristo Jesus” é enfatizado ao ser repetido três vezes, com certeza não é uma mera “fórmula” na boca de Paulo. Por isso de forma alguma pode-se admitir a mera reprodução de “em Cristo”, p. ex., com nossa pálida e desgastada palavra “cristão”. Não, o começo da carta imediatamente explicita: em tudo isto, única e exclusivamente a pessoa de Jesus, o Cristo, e o relacionamento com ele estão em jogo. Exatamente esse relacionamento com Jesus é o “cristianismo” em sua totalidade. Trata-se não apenas de um saber “a respeito de” Jesus, nem mesmo de um crer “nele”, mas de ser “em” Cristo Jesus, de viver toda a vida nesse “ambiente”, de estar enraizado nesse “chão”.

É simultaneamente secundário e importante que esses “santos em Cristo Jesus”, aos quais aqui se escreve, estejam “**em Filipos**”. É secundário porque o lugar e ambiente de vida desses santos não é Filipos nem qualquer outra cidade e muito menos este mundo, mas Cristo Jesus! Se mudassem para Roma ou Atenas, nada se alteraria em sua condição essencial de vida, continuariam sendo os mesmos “santos em Cristo Jesus”. É por isso que o endereçamento também não é “aos santos em Filipos”, mas “aos santos em Cristo Jesus”. No entanto, obviamente também é relevante que no momento eles morem e vivam em Filipos. Nossa vida é sempre “histórica”, e a história humana acontece de forma concreta e definida no tempo e no espaço. Por isso nomes de lugares tornam-se para nós repletos de recordações históricas. “**Que estão em Filipos**”: Paulo não era capaz de pronunciar esse nome sem recordar novamente que há muitos anos – afinal, a carta pertence ao período final da vida de Paulo – chegara a essa cidade para exercer ali o primeiro trabalho na Europa de que seu Senhor o incumbira de forma especial, que iniciara esse trabalho com tanta modéstia entre as mulheres à beira do rio fora da cidade, que o coração e casa de Lídia se abriram ao evangelho, que a libertação da pequena escrava das amarras demoníacas o levava à prisão, dando um aparente fim rápido à sua atuação, e que na seqüência acontecera a conversão do carcereiro naquela memorável noite cheia de dores e de louvores a Deus (At 16.11-40). Depois tivera de abandonar a cidade, mas voltara a visitar a igreja mais tarde (1Co 16.5; At 20.1-6), estando ligado a ela por laços particularmente firmes (Fp 4.15).

Mas também os próprios santos em Filipos que estavam e existiam em Cristo, dispunham da condição de cristãos somente em e com a história da igreja, que se caracterizava de forma ímpar e única e que em Filipos era bem diferente do que em Tessalônica, Corinto ou Colossos.

A cidade de **Filipos** foi fundada pelo rei Filipe, pai de Alexandre Magno, em meados do séc. IV a. C. como cidade residencial. Floresceu rapidamente por causa de sua localização favorável para o tráfego, de ricas minas de ouro e prata. Depois que a Macedônia foi incorporada ao Império Romano, Filipos tornou-se colônia militar, *Colonia Augusta Julia Philippensis*, detentora do *ius Italicum*, o direito romano. Em At 16 o orgulho romano (v. 21) e, no texto grego, os títulos dos magistrados romanos (At 16.19,20,35: pretores e lictores) ficam bem claros. Filipos era, portanto, como uma “mini-Roma” no Leste. Nesta época passava por ela a estrada comercial entre Europa e Ásia (a *Via Egnatica*), inserindo a cidade no ativo comércio. Não causa surpresa que em uma colônia romana tão autoconsciente os judeus continuassem sendo poucos e insignificantes, a ponto de nem mesmo conseguir estabelecer uma sinagoga própria (At 16.13,20). Por essa razão as tribulações que a igreja teve de suportar aqui não devem ter partido dos judeus, mas devem ter preservado o caráter “anti-semita” dos primeiros conflitos.

Paulo acrescenta “**inclusive supervisores e servidores**”. De todas as cartas de Paulo a igrejas preservadas isso ocorre somente aqui. Justamente por essa razão também é impossível obter uma visão clara acerca de quem Paulo tinha em mente ao escrever essas palavras. Será que esses “supervisores e servos” só existiam em Filipos? Ou será que lá apenas tinham alcançado uma importância específica? Porventura foi lá que esses títulos específicos para serviços que também aconteciam em outros locais surgiram pela primeira vez? De que consistiam esses serviços? Qual era a função de um *episkopos* = “supervisor”, de um *diakonos* = “servo”? Quanto disso existia em uma igreja como Filipos? Como diversos “supervisores” e “diáconos” repartiam o serviço entre si? Será que permaneciam no “cargo” durante toda a vida? Como gostaríamos de obter respostas a todas essas perguntas!

Tampouco as passagens de comparação nos ajudam a avançar. O termo *episkopoi* aparece em At 20.28, porém justamente ali pode estar tão distante de qualquer “título de um cargo” quanto, p. ex., a palavra “vigia” na conhecida passagem de Ez 33.7-9. Ao serem convocados para esse último encontro com Paulo, esses homens não são chamados de “supervisores”, mas simplesmente “os anciãos da igreja” (At 20.17 [RC]). Em 1Tm 3.1 aparece *episkope* = “cargo de supervisão”, e depois são descritas as exigências que devem ser feitas a um *episkopos*. Contudo, nem mesmo agora somos informados sobre “direitos e deveres” de tais homens. Também Tt 3 fala sobre as qualidades de um bom “supervisor”, depois de demandar primeiro a instituição de “anciãos”. A carta aos Efésios cita em 4.11ss aqueles que Deus concede para que os santos sejam preparados para o serviço: “apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, mestres”, porém “supervisor” e “diácono” não aparecem nessa lista. Isso leva a uma pergunta: nas igrejas já existia uma diferença entre “carismáticos”, ou seja, membros da igreja que, dotados de forma especial pelo Espírito, servem cada qual de maneira espontânea, e “detentores de cargos”, isto é, pessoas que certamente também precisam ser “cheios de fé e do Espírito Santo”, mas que não obstante exercem continuamente certas funções regulamentadas na igreja? Porém “apóstolos”, “pastores” e “mestres” dificilmente são carismáticos independentes. Uma vez que entre as atividades dos “anciãos”, que são colocados como “supervisores”, é citado, em At 20.28 e em 1Pe 5.2, o “apascentar” a igreja, os *episkopoi* deveriam ser encontrados nos “pastores” em Ef 4. Vemos que tudo isso ainda é muito vivo e indefinido!

Conhecemos os “diáconos” de At 6.1-6, onde contudo justamente o termo *diakonos* não ocorre. Também Filipe, que é mencionado ali, mais tarde não é chamado de “um dos diáconos”, mas “um dos Sete” (em At 21.8). Em 1Tm 3.8 novamente são arroladas somente as qualidades dos “servos”. É improvável que a *diakonia* que Arquipo assumiu em Colossos (Cl 4.17) era um “cargo” especial de “diácono”. A palavra *diakonia* é (bem ao contrário de *episkope*) uma designação genérica para qualquer serviço que pode ser realizado na causa de Deus.

Como resultado poderemos afirmar o seguinte. Paulo considerava a igreja fundamentalmente como um organismo, no qual todos os membros estavam ativamente a serviço do todo. As pessoas específicas em Ef 4.11 não existem para que os membros da igreja agora tenham menos a fazer, mas justamente para que “os santos sejam preparados para a obra do serviço”. Por isso a carta aos Filipenses também não se dirige a “supervisores e servos”, que depois poderão repassar à igreja o que for preciso, mas ela vai “a todos os santos, **inclusive** supervisores e servos”. Essas pessoas não estão

situadas **acima** da igreja, mas totalmente **dentro** dela. Em contraposição, nenhuma comunhão viva pode sobreviver sem liderança e carece também de pessoas que assumam serviços de forma responsável e contínua. Por isso Paulo imediatamente instituiu “presbíteros” (At 14.23) nas primeiras igrejas que surgiram de seu trabalho, assim como também a mais antiga carta a uma igreja, a carta aos Tessalonicenses, aponta, poucos meses depois da fundação da igreja, para pessoas que “trabalham entre vós e que vos presidem no Senhor e vos admoestam” (1Ts 5.12). Seu serviço não se realizava conforme regulamentos e parágrafos, mas de forma muito viva e pessoal, e “no Senhor”, i. é, sob a direção dele mediante o Espírito Santo. Para tais irmãos dirigentes foi usado inicialmente o nome “presbítero”, habitual na comunidade judaica. No entanto, como existiam funcionários com os títulos *episkopos* = “supervisor” e *diakonos* = “servo” no entorno das igrejas cristãs gentias, tanto no contexto estatal quanto religioso, essas designações correntes passaram a ser usadas também na igreja. Para uma igreja na colônia militar romana Filipos talvez fosse particularmente plausível substituir o nome judaico por títulos civis habituais. Por isso havia ali, em lugar de “presbíteros”, “supervisores e servos”. Do nome desses *episkopoi* surgiu mais tarde o título de “bispo”, assim como a designação “ancião” = *presbyteroi* originou a palavra alemã “Priester” [no inglês: *priest*] = sacerdote. No conteúdo, porém, ambos os processos são uma distorção total do objeto original. O próprio plural *episkopoi* em uma igreja seguramente não muito grande revela que essas pessoas não tinham nada a ver com um “bispo”. Por isso também não possuem nenhuma importância em todo o restante da carta, não sendo nem mesmo especialmente citadas em Fp 3.17, onde Paulo aponta para aqueles segundo os quais a igreja deve se orientar em toda a sua conduta.

- 2 Na introdução da carta não apenas era viável que figurasse objetivamente lado a lado. De forma natural surgia uma palavra de saudação e votos: o termo *charis*, que traduzimos por “**graça**”, é em si mesmo um conceito de múltiplos significados - amabilidade, formosura, encanto, mercê, gratidão, tudo isso ressoa nele. Provavelmente um ouvido grego ouvia a conotação da fórmula usual de saudação *chairein* = “alegrar-se” (cf. a carta do capitão Lísias ao governador Félix em At 23.26). No termo “**paz**” nos deparamos com a saudação comum dos judeus: *shalom*. Paulo usa, portanto, palavras de saudação comuns naquela época. Contudo, o que para uma pessoa sem Deus permanece sendo um “voto” impotente, vazio, e por isso também irrefletido, para o cristão torna-se um abençoar intercessor, cujo cumprimento é certo em vista de “**Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo**”. Continuaremos muito longe de ter bons dias pelo simples fato de que ouvimos “bom dia” inúmeras vezes, e tampouco permaneceremos saudáveis porque no aniversário ou no Ano Novo nos foi desejada “máxima saúde”. Mas também nós podemos transformar nossos “votos” em bênção intercessora, que mesmo com palavras costumeiras levanta o olhar sincero para Deus, o Pai, e para o Senhor Jesus Cristo. Talvez não seja à toa que neste contexto no texto original faltem as palavras “sejam dadas”, colocadas entre colchetes na tradução. Afinal, poderíamos completar com um simples *estin* e assim transformar a frase toda em sentença afirmativa de asseveração: “Graça e paz está disponível da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.”

GRATIDÃO E INTERCESSÃO PELA IGREJA – FP 1.3-11

- 3 – Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós,
- 4 – fazendo sempre, com alegria, súplicas por todos vós, em todas as minhas orações,
- 5 – pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora.
- 6 – Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus.
- 7 – Aliás, é justo que eu assim pense de todos vós, porque vos trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na defesa e confirmação do evangelho, pois todos sois participantes da graça comigo.
- 8 – Pois minha testemunha é Deus, da saudade que tenho de todos vós, na terna misericórdia de Cristo Jesus.
- 9 – E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção,
- 10 – para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo,
- 11 – cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.

Com a ação de graças Paulo dá início à carta propriamente dita, como também faz em Rm 1.8; 1Co 1.4; 2Co 1.3; Ef 1.3; Cl 1.3; 1Ts 1.2; 2Ts 1.3. Será isso mero “costume”? O “costume” também pode ser muito útil, e o “hábito”, a expressão de uma atitude interior muito essencial. Paulo considerou a gratidão especialmente importante para todo o nosso relacionamento com Deus, motivo pelo qual repetidamente estimulava as igrejas a agradecer. Afinal, estamos nos relacionando com um Deus que age e nos presenteia, e que está operando por sua própria graça soberana, antes de nos dirigirmos e pedirmos a ele. Por isso sempre temos um poderoso motivo para agradecer, e na gratidão reconhecemos Deus como aquele que livremente presenteia e cria. Sobretudo a simples existência de uma igreja neste mundo constitui um milagre de sua atuação e um motivo para a gratidão incessante e alegre. Por essa razão, ao ditar uma carta, Paulo sempre coloca diante de si e dos destinatários da carta o que Deus concedeu a eles, e conseqüentemente também a Paulo. É óbvio que somente o amor é capaz de escrever assim. Porque apenas o amor vê naquilo que foi propiciado a outro o motivo da própria alegria e o estímulo à gratidão pessoal a Deus.

- 3s** Justamente na presente carta isso é expresso com especial clareza e nitidez. **“Dou graças ao meu Deus a cada recordação de vós.”** Assim como o Deus vivo é capaz de lembrar simultaneamente de inumeráveis seres, fazendo-o de tal maneira que cada um deles tenha certeza da atenção e do amor de Deus como se estivesse a sós com ele, assim alguém como Paulo consegue lembrar-se diariamente de muitas igrejas, devotando a cada uma delas inteiramente o coração. Por isso ele tem o direito de assegurar isto sinceramente em cada uma de suas cartas. É verdade, e que vida de recordação e oração Paulo viveu por esse motivo! Isso também faz parte da natureza do apostolado. Como declarou aos tessalonicenses (1Ts 3.8): sua própria “vida” depende de que as igrejas “permaneçam” no Senhor. Por isso ele se lembra de Filipos, e o lembrar sempre transita para o agradecer. Ele dá graças a **“seu”** Deus, o Deus que ele sempre de novo conheceu na própria vida como milagrosamente atuante, e justamente também na história dessa igreja. Na realidade sua lembrança de Filipos em oração não permanece algo tão genérico. Afinal, não dirigiu a carta de antemão apenas **“à igreja”**, mas a **“todos os santos”**. Por isso é capaz de dizer também agora: oro **“por todos vós”**. Todos eles lhe vêm pessoalmente à mente. Mas essa oração, incluindo até a citação de muitos nomes individuais, não representa um peso para ele, mas sempre de novo uma alegria.
- 5** Por que isso é assim? Por que ele precisa agradecer a seu Deus? **“Por causa de vossa participação no evangelho, desde o primeiro dia até agora.”** Para nós é bastante difícil reproduzir o teor vivo e flexível da frase grega. *Koinonia* significa “comunhão com” ou “participação em”. Também no grego o termo vem acompanhado de um “com” ou do genitivo do objeto. Aqui, porém, Paulo acrescentou um *eis* ao acusativo, ou seja, um “para até”. Desse modo expressa que os filipenses não apenas possuíam passivamente a participação objetiva no evangelho, mas viviam ativamente voltados em direção do evangelho e se empenhavam juntamente em prol do evangelho. Essa atitude foi tomada por eles desde o começo de sua condição de cristãos (Lídia! Carcereiro!). E ainda continuam apresentando essa atitude após muitos anos. Porventura Paulo não deveria lembrar deles com alegria e agradecer a seu Deus?!
- 5s** Afinal, experimentou de sobejo em árduas aflições e lutas como é difícil manter e levar adiante uma igreja de Jesus. Ele não pretendia dizer que, uma vez que pessoas aceitassem a fé, tudo progrediria “automaticamente”. Experimentou quantos distúrbios e abalos, quantos perigos e descaminhos podem abater-se sobre uma igreja (gálatas! coríntios!). Por isso é muito valioso quando a comunhão em direção ao evangelho permanece inalterada em uma igreja **“do primeiro dia até agora”**. Não é por essa razão, porém, ele também não se tranqüiliza em vista do futuro restante com a convicção de que essa esplêndida igreja com certeza chegará a bom termo. Sua certeza repousa sobre outro fundamento, mais sólido: **“Aquele que começou boa obra em vós também há de consumá-la.”** Deus não é alguém que comece uma boa obra e a abandona no meio do caminho! A trajetória não vai rumo a uma história incerta, cujo alvo e desfecho se perde na névoa. A história do mundo possui um alvo claro: o dia de Deus! A história da igreja possui um alvo claro: **“o dia do Cristo”**! Esse “dia” é aquele que Paulo descreveu aos tessalonicenses (1Ts 4.13-18), o dia no qual não se olha mais para a humanidade, para o juízo final e a criação, o dia que como dia de Jesus é dedicado exclusivamente ao corpo dele, à igreja, e que por isso é o único do qual se fala em 1Ts 4. Muito antes da consumação do mundo a igreja chegará ao alvo. Ressuscitada, arrebatada, presenteada com um novo corpo, unida para sempre com o cabeça e vivendo na união de seus membros, ela estará aperfeiçoada. Contudo

mesmo então a obra de Deus nela prosseguirá. Justamente isso constitui o fundamento da sólida certeza de Paulo.

- 7 Essa certeza não é apenas uma imagem tranqüilizante do desejo. Nesse caso não teria veracidade nem força. Ela é “certeza” somente porque Paulo pode prosseguir: **“Pois é justo para mim pensar assim por todos.”** No texto esse **“justo”** reveste-se de seriedade muito maior do que em nossa língua, onde perde peso objetivo em formulações com o sentido de “para mim é certo”. Quase deveríamos traduzir: “É meu dever.” Ao pensar assim pelos filipenses, Paulo não segue desejos pessoais, mas faz algo correto, algo que lhe foi atribuído. Paulo escreve **“por vós todos”**, não “sobre vós todos”. Afinal, ele não está emitindo sobre a confiabilidade e laboriosidade dos filipenses, mas olha para aquilo que Deus fará pelos filipenses por causa da fidelidade dele.

Por que será “justo” que ele pense assim por eles? A justificativa subsequente não combinará com aquilo que ela visa justificar enquanto tornarmos equivocadamente autônomo o **“porque vos trago no coração”**. O mero “trazer no coração” pode transformar-se no máximo em uma certeza humana e subjetiva. Mas para Paulo isto não é de forma alguma uma recordação afetiva, e sim o poderoso fato de que os filipenses **“são seus participantes da graça em suas algemas e na defesa e fortalecimento do evangelho”**. Como tais **participantes** ele os traz no coração, como expressa mais nitidamente a construção da frase grega por meio do participio subsequente ao “vos”, ao contrário da dissolução do participio em frase independente na versão portuguesa.

Paulo estava **“em algemas”**. Seria isso o fim de sua grande atuação? Ele mesmo nunca considerou isto dessa forma! Declara posteriormente no v. 16 que está ali “para a defesa do evangelho”. Foi o que o próprio Jesus predisse a seus discípulos: “Por minha causa também sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios” (Mt 10.18). Isso não representa um estorvo que impeça seu serviço, mas constitui parte diretamente inerente ao serviço deles. Por essa razão as “aflições”, que no caso de Paulo são sempre sofrimentos por amor de Jesus, também para Paulo fazem parte, com divina obrigatoriedade (At 14.22; 1Ts 3.3; 2Co 4.7-10), da mensagem de um Redentor crucificado. Logo, sua prisão naquela hora não é para ele uma interrupção incompreensível (“Como pode Deus permitir algo assim?”) de seu belo trabalho, mas cumprimento da tarefa que Jesus dispôs para a sua vida: “Este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome” (At 9.15s). Justamente no cativo e durante seu processo ele dá continuidade àquela “defesa e confirmação do evangelho” à qual dedica toda a sua vida. Ao utilizar aqui expressões correntes do linguajar penal, Paulo deixa particularmente claro que seu processo não é importante para ele mesmo, nem para sua pessoa, nem para seu destino, mas para o evangelho. Diante do tribunal ele tampouco defende a si mesmo, mas a mensagem da qual foi incumbido. Como isso se torna explícito nos grandes discursos de defesa que nos foram transmitidos nos Atos dos Apóstolos (At 22; 24; 26)!

Foi isso que os filipenses entenderam! Não se distanciam dele, inseguros e constrangidos. Apóiam-no, participam intimamente de sua trajetória, oram por ele e empenham-se ativamente em prol dele por meio da oferta de amor enviada à prisão. Por isso são “seus participantes na defesa e confirmação do evangelho”.

Na seqüência aparece uma das formulações surpreendentes que o apóstolo, que vive e raciocina no Espírito Santo, constantemente nos concede em suas cartas. Não são “seus” participantes, nem mesmo “participantes em seus sofrimentos”, mas seus **“participantes da graça”**. Com quanta nitidez Paulo vê “graça” nas aflições de seu cativo e de seu processo tão grave, que pode lhe custar a vida! Com a mesma intensidade ele deseja que também os filipenses não participem delas gemendo e aflitos, mas saibam que ter o privilégio de experimentar tudo isso com Paulo é graça! Então Paulo tem justas razões de esperar por eles que Deus consumará a obra neles iniciada até o dia de Jesus.

Participantes da graça – **“vós todos”** acrescenta Paulo. Pela quarta vez nessas poucas linhas (v. 1,4,7 no começo e no final) ele destaca o “todos”. Ainda que seja numericamente pequena, uma igreja abrange pessoas muito diversas, fortes e fracas, talentosas e ineptas, jovens e velhas. Evidentemente Paulo tem o objetivo de que todos, inclusive os pequenos, precários e insignificantes, saibam que são interpelados e considerados. Todos eles participam justamente dessa graça da comunhão com o Paulo sofredor, também aqueles que puderam contribuir apenas com uma pequena moedinha para o sustento do apóstolo, também aqueles cuja oração talvez tenha sido acanhada e

desajeitada. Paulo sempre teve a preocupação de proteger os “fracos” (cf. 1Co 8; Rm 14). Porque diminuir os “pequenos” é violar a irmandade na igreja de Jesus.

- 8 O fato de que Paulo trazia os filipenses no coração ainda não era para ele razão suficiente para ter certeza a respeito do futuro deles. Porém agora passa a valer inteiramente a realidade de sua profunda ligação com eles. Depois de tempos de excessivo sentimentalismo vivemos hoje em uma época de desprezo ao sentimento (*N.T.: Isso se refere, basicamente, aos países nórdicos da Europa*). Qualquer expressão de calor e emoção íntima é suspeita para nós. Consideramos tudo isso no mínimo irrelevante e não-inerente ao objeto da existência cristã. Constantemente asseveramos que o amor cristão não tem nada a ver com “sentimento”. Contudo, será que existe “amor” sem qualquer sentimento forte e profundo pelo outro? Será o amor “cristão” tão sobrenatural que ele simultaneamente se torne não-natural? Paulo não pensa assim! **“Minha testemunha é Deus, da saudade que tenho de todos vós, com a afeição do Cristo.”** Também o amor cristão se iguala a todo amor natural no fato de demandar a presença real do outro, estar junto com ele. Paulo tem saudade dos filipenses, e não se envergonha dessa saudade, e tampouco a oculta como algo sem valor ou indigno perante Deus, mas torna o próprio Deus sua **testemunha** para eles. Contudo, evidentemente há dois aspectos que distinguem tal sagrada saudade “cristã” de todo anseio meramente natural. Não é uma saudade apoiada no eu, mas **“com a afeição do Cristo”**.

Para nós é muito salutar que conste aqui uma palavra que originalmente designa as “entranhas”. Todos nós sabemos que qualquer emoção forte age sobre o “coração”, e até mesmo sobre as “entranhas”, parecendo ter ali sua “sede” (cf. no AT a menção dos “rins”, além do “coração”). Ora, afirma-se justamente de Jesus Cristo que também ele não era puro “Espírito”, pura superioridade espiritual, divina, mas que tinha tais “entranhas”, tal “coração”, capaz de sentir intensa e profundamente. Da presente palavra depreendemos que Paulo realmente não ensinava um Cristo construído, mas que conhecia aquele Jesus que os evangelhos descrevem. Ao mesmo tempo, porém, temos de lembrar que no testemunho bíblico o Deus revelado nesse Jesus de forma alguma é “Espírito absoluto” ou qualquer outro “Deus dos filósofos”, mas o Deus “vivo”, um Deus de ira e de misericórdia, dos poderosos e vitais sentimentos divinos. Por essa razão tampouco Jesus e sua obra representam um ato jurídico frio, objetivo, mas a verdadeira compaixão afetuosa de Deus, que entrou em nossas vidas e passou a cuidar de nós. Por isso o mensageiro de Jesus, o ex-fariseu, agora também traz um amor ardente no coração. Não se trata de fórmula dogmática, mas de realidade poderosa: “o amor de Deus foi derramado em nosso coração por intermédio do Espírito Santo” (Rm 5.5). É com esse amor divino que Paulo tem saudade dos filipenses. Esse amor já não é governado pelo eu, mas determinado “pela afeição do Cristo”, e por conseqüência não tem mais preferências. A saudade de Paulo não se dirige a amigos pessoais, a pessoas simpáticas e indivíduos interessantes em Filipos. Não, ele torna a enfatizar: “de todos vós” tenho saudade. Como é maravilhoso que isso possa existir entre nós: um amor que abarca a todos sem diferenças e que não o faz porque seja frio e abstrato, tampouco forçando artificial e deliberadamente, mas que de forma autêntica e veraz se dirige com uma emanção viva e cálida a todos que são “santos em Cristo Jesus”. Eles existem “na afeição do Cristo”.

- 9 Paulo olha para essa igreja cheio de alegria e gratidão. Será que só tem a agradecer e não precisa pedir mais nada por eles? Será que roga apenas para que sejam preservados na condição em que estão? Não, **“faço esta oração: que o vosso amor transborde mais e mais”**. Em nossa condição de cristãos há algo capaz de crescer sem limites: o amor. Na tradução mantivemos literalmente a expressão “transbordar”. Atualmente vive-se em constante medo diante de tudo que é “expansivo”, valoriza-se o meio-termo e mantém-se um constante cuidado diante de exageros. Contentamo-nos rapidamente. Paulo, porém, tem predileção pela palavra “transbordar”, “derramar”, empregando-a com freqüência. Não se satisfaz com aquilo que felizmente já existe em uma igreja. Deseja avançar. Vislumbra uma riqueza sempre maior que a igreja pode ter e pela qual por isso também deve se empenhar. Com quanta maior abundância e poder os filipenses podem aprender a amar!

De que maneira cresce o amor? **“Em conhecimento e toda a sensibilidade”**. “O amor cega” certamente vale para todo o amor egoísta. Este precisa fechar os olhos diante de tudo o que é desagradável e penoso no outro. Na verdade não pretende ser “perturbado”, pois visa obter do outro o desfrute e enriquecimento. Porém a *agape*, o amor na afeição do Cristo, interessa-se realmente pelo outro, deseja ajudá-lo, levá-lo ao alvo. Por isso ela precisa de “conhecimento”, de percepção clara da natureza e da situação do outro, percepção clara dos meios pelos quais de fato se pode ajudá-lo

exterior e interiormente. A palavra *aisthesis* (nosso termo “estética” é derivado dela), que foi traduzida por “sensibilidade”, também pode ser vertida para “percepção”. O alvo é descrito por Paulo com uma formulação que ocorre literalmente também em Rm 2.18 e que não é fácil de reproduzir em português: *dokimazein ta diapheronta*. *Dokimazein* designa o “examinar”, mas também seu resultado: “aceitar algo como aprovado”. *Ta diapheronta* é “aquilo que diferencia”, e conseqüentemente também “o essencial”. Por essa razão a linguagem técnica teológica chamou as “questões intermediárias”, que são deixadas à nossa liberdade, de *a-diaphora* (“não-essenciais”). Paulo, portanto, desejou aos filipenses um amor que seja capaz de, por “conhecimento” e “sensibilidade” ou “percepção”, “examinar as diferenças” ou “captar corretamente o essencial”, i. é, captar e implantar o que é importante e bom para o outro, deixando de lado as ajudas não importantes e insuficientes. Aquilo de que segundo Rm 2.18 o “judeu”, sobretudo o escriba, se gloria equivocadamente, aquilo nenhuma mera erudição na Escritura é capaz de propiciar, isso o amor realmente pode possuir e tornar eficaz na igreja.

- 10 A finalidade é: **“para serdes puros e decorosos para o dia do Cristo”**. Mais uma vez o olhar se dirige ao alvo! Deparamo-nos aqui com uma diferença muito profunda que separa toda a vida e o pensamento das pessoas do NT de nosso cristianismo atual. Todo o nosso coração está devotado ao presente, às demandas e à realização da vida, como as enfrentamos hoje. O futuro permanece bastante indefinido para nós, dificilmente nos preocupa com seriedade. No NT, porém, justamente esse futuro é o elemento decisivo ao qual se volta todo o pensar e agir. A atualidade sempre é apenas “caminho”, inteiramente determinado pelo alvo. O esperado **“dia do Cristo”** virá, e a relevância total então será que a igreja seja **“pura e decorosa”**. No entanto, para sê-lo então, já precisa sê-lo agora.

Podemos ter idéia de quanta força e quanta seriedade perdemos porque o futuro, o “dia do Cristo”, desvaneceu-se para nós em distâncias indefinidas. Quando vemos tão somente as tarefas de hoje e somos completamente absorvidos por elas, não “examinaremos” bem “o que diferencia”, cometeremos avaliações e cálculos absolutamente equivocados e perderemos o “essencial” diante de coisas muito irrelevantes. Então nosso cristianismo sentirá falta daquele acúmulo de todas as forças e daquela alegria viva que somente podem ser proporcionados por um alvo grande e claro.

Certamente também se deve a isso que para nós pareça tão estranho e assustador aquilo que Paulo afirma sobre a condição da igreja em vista do dia de Jesus. Contrapõe-se a todo nosso pensamento habitual na igreja. A partir das descobertas da doutrina da justificação e do profundo medo diante do “orgulho” formou-se entre nós a idéia de que nem a igreja nem cristão individual poderiam, e nem mesmo deveriam, apresentar algo que tenha qualquer valor diante de Cristo no dia dele. Segundo nossa opinião naquele dia igreja e cristãos não comparecerão “puros e decorosos e cheios de temor”, mas “maculados, mendigos, de mãos vazias”. Também o ser humano redimido continua sendo pecador miserável, cuja natureza e vida é na melhor das hipóteses uma mescla inextrincável de coisas boas e más, sempre *simul iustus et peccator* (ao mesmo tempo justo e pecador [Lutero]). Somente assim alguém poderá ser bem-aventurado no dia do Cristo (que no imaginário de nossas igrejas é identificado com o “juízo final”): por pura graça também ali o ser humano totalmente perdido será admitido à vida eterna.

- 11 Cumpre constatar que Paulo tem uma concepção completamente diferente. Ele roga e espera que os filipenses sejam “puros e decorosos para o dia do Cristo, cheios do fruto da justiça”. A palavra “puro” = *eilikrines* é composta de “sol” e “julgar”, designando assim clareza e transparência límpidas. Os “santos” realmente são, pois, pessoas que não apenas “pertencem a Deus”, mas que, pertencendo a Deus, também se tornaram claras e translúcidas e que a ninguém mais dão motivo para pecar. Paulo espera que o olhar examinador do Cristo sobre sua igreja, que ilumina e sonda tudo como o sol, encontre uma multidão pura e não-escandalosa. Segundo a afirmação de Paulo a igreja não chega a esse alvo p. ex. por meio de uma transformação milagrosa que ocorreria na morte ou depois dela, mas pelo crescimento cada vez mais abundante do amor aqui e agora. Nossa dogmática pode considerar isso completamente errado, podemos temer o “orgulho” ou o “perfeccionismo” – contudo temos de ler aquilo que Paulo escreveu aqui. E precisamos admitir a pergunta se, na perspectiva de Paulo, nossa dogmática e nossa “humildade” não nos levam ao refúgio em um cristianismo perigosamente confortável e falacioso.

De forma alguma Paulo vê, naquele dia, a igreja pobre e de mãos vazias diante do Cristo, mas **“cheia do fruto da justiça, que surge mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus”**. São ditas aqui ambas as coisas: o fruto não é produção própria da igreja, mas “é mediante Jesus

Cristo”, como seria a breve tradução literal. Mas esse fruto tampouco simplesmente paira sobre a igreja como dádiva da graça meramente “atribuída”, porém a igreja está “cheia” dele. Não se trata de “justiça a partir das obras”, Paulo não contradiz a si mesmo. Não se trata de realizações que os filipenses produziram por si mesmos com engajamento moral. Trata-se de Jesus e sua obra. Mas essa obra é para Paulo não apenas a obra objetiva, “alheia”, que Jesus realizou “por nós” na cruz, mas também o fruto que cresce da ligação de vida com Jesus entre os “santos em Cristo Jesus” e que de fato precisa crescer nela. Quando Deus em Cristo redime pessoas com o sangue de seu Filho para que se tornem propriedade dele e quando as engaja em seu trabalho divino, então realmente não seria “para honra e louvor de Deus”, mas um vexame, se o resultado desse trabalho não fosse nada além de pobres e míseros pecadores que se apresentam a Deus nas mesmas condições que os outros que não se confiaram a Jesus. Indubitavelmente é conveniente e necessário que a meta da grande e objetiva obra de redenção seja alcançada: santos em Cristo Jesus, puros e decorosos, cheios do fruto da justiça mediante Jesus Cristo. Então Deus terá “glória e louvor”. Nesse caso realmente não é preciso temer “orgulho”, nem “farisaísmo”. Justamente aqueles santos que no dia do Cristo comparecerem como cristal translúcido sob a luz do sol e repletos de frutos não enaltecerão a si mesmos. Nesse caso, esse cristal ficaria imediatamente fosco e manchado! Glorificam e exaltam unicamente a Deus, que os salvou mediante sua incompreensível misericórdia e completou a boa obra iniciada neles.

COMO ESTÁ A SITUAÇÃO AGORA EM ROMA? – FP 1.12-18

- 12 – Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho,**
- 13 – de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais;**
- 14 – e a maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousa falar com mais desassombro a palavra de Deus.**
- 15 – Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade;**
- 16 – estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho;**
- 17 – aqueles, contudo, pregam a Cristo, por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias.**
- 18 – todavia, que importa? Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei.**

Quando Paulo escreveu a carta aos Colossenses ele passou a falar de sua situação pessoal somente no final. É que ali existia uma igreja que ainda não o conhecia pessoalmente, não tendo ligação direta com ele, mas que estava inquieta por causa de uma série de perguntas. Cumpria, pois, primeiro prestar um serviço decisivo à igreja e ajudá-la a obter clareza. Aos filipenses, no entanto, Paulo está pessoalmente ligado há anos, e de forma sólida. Afinal, eles são “seus participantes na graça” e esperam ansiosamente por notícias. Talvez nem mesmo conseguiriam dedicar atenção plena às exposições dele se não ouvissem primeiramente como Paulo está. Por isso Paulo agora acrescenta de imediato, depois da gratidão e da intercessão pela igreja, uma palavra sobre sua própria situação. Porém –que maneira de fazer isso! Ele havia enfrentado uma dura mudança. Fora privado da vantagem de ter uma moradia própria alugada (At 28.30s), com relativa liberdade, pois agora está detido no “pretório”. No grego “pretório” é um estrangeirismo latino. Originalmente designa os aposentos residenciais do *praetor* no acampamento e depois é usado para a moradia oficial de um procurador romano. É assim que o termo aparece no NT em Mt 27.27; Mc 15.16; Jo 18.28,33; 19.9 e At 23.35. Se a presente carta tivesse sido escrita ainda durante o cativeiro de Paulo em Cesaréia, a escolha do pretório seria imediatamente subsequente a At 23.35. Mas na verdade estamos em Roma, onde naturalmente não havia “procurador” [governador]. Por isso devemos imaginar um grande quartel, em que a guarda imperial como guarnição de Roma estava acantonada, ou então a própria guarda imperial. Visto que de imediato segue uma referência a pessoas (“e de todos os demais”), seria lingüisticamente plausível imaginar também na menção de “todo o pretório” não um prédio, mas um grupo de pessoas. “Minhas algemas, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais. “Na verdade teria sido mais óbvio que também “a guarda imperial”,

como “todos os demais”, fosse formulada no simples dativo. O “em” antes de “pretório” volta a apontar para um prédio. Não chegaremos a uma conclusão definitiva nessa questão. Contudo seguramente podemos traçar um quadro condizente da situação do apóstolo.

- 12 Aparentemente, depois de longa pendência (At 28.30: “dois anos”), o processo de Paulo passou a um estágio crítico. Paulo havia sido trazido ao quartel para os interrogatórios e as tramitações decisivas. Como isso interferia em sua realidade pessoal! Moradia própria alugada ou uma cela certamente não muito amistosa em um quartel – que diferença! Além disso, Paulo era uma pessoa idosa! Mas nem os filipenses nem nós obtemos notícia a respeito de seu estado pessoal. Nem mesmo a alusão a uma queixa sai de seus lábios. Pensa que simplesmente não vale a pena falar de sua condição pessoal. Move-o tão-somente uma única pergunta: o que essa mudança de situação significa para a mensagem?! Nesse caso também parecia ser uma mudança para pior. Corte da moradia própria, transferência para o quartel, detenção mais rigorosa – isso não representava um impedimento total para seu trabalho evangelizador? Pelo jeito os filipenses já haviam ouvido dessa alteração decisiva na situação do apóstolo. Paulo não lhes conta isso como se fosse novidade. Porém agora, diante da pergunta tensa e preocupada sobre como tudo isso aconteceu e que conseqüências teve, Paulo pode responder **“que sua situação conduziu mais ao progresso do evangelho”**.
- 13 Como isso é possível?! Além dos filipenses, também nós lhe damos ouvidos atentamente. Porque essa “situação” de Paulo já não é para nós hoje uma questão curiosa e distante que tentamos penosamente tornar palpável por ter havido certa vez no passado algo desse tipo. Pessoas dos dias de hoje, irmãos e irmãs de nosso meio, sofreram “situações” semelhantes e também continuarão a sofrê-las. Como lidamos no íntimo com essa situação, o que ela significa para o evangelho? Por que o Senhor permite que seus mensageiros enfrentem tais dificuldades? Essas perguntas são atuais. Paulo não se eleva simplesmente acima das dificuldades e não faz de conta que tudo é aprazível e belo. Notamos isso na expressão “mais” ou “antes”. No entanto, pode constatar agora com gratidão que tudo conduziu “mais”, “antes” para o progresso da mensagem, pois uma nova e inesperada possibilidade missionária se abriu, precisamente no quartel. A este respeito Paulo não fala na voz ativa: “Aqui pude falar acerca de Jesus aos soldados.” Afinal, era óbvio que ele não se calava acerca de Jesus. Paulo nunca teria silenciado acerca de Jesus em qualquer lugar que estivesse! Mas, por mais incondicionalmente necessário que seja nosso testemunho, sobre a trajetória do evangelho paira sempre o mistério da condução e eficácia divinas. A “porta da palavra” não é aberta por nós, mas por Deus (Cl 4.3). Por isso Paulo declara que **“suas algemas se tornaram manifestas em Cristo em todo o pretório”**. Afinal, para Paulo tudo acontece “em Cristo”. Por isto aconteceu “em Cristo” (ou “por Cristo”, como também é possível traduzir aqui a preposição grega *en*) que em todo o quartel se falasse do estranho prisioneiro que se diferenciava tanto de todos os outros prisioneiros que normalmente se via dentro do quartel. “Que razão haveria para encarcerar um homem desses?” Ora, quase que automaticamente surgia assim a oportunidade de anunciar, como resposta a tais perguntas, a mensagem de Jesus, que ia sendo transmitida por todas dependências do quartel. Contudo ela também se difundiu para além do quartel, para “todos os demais”. Não sabemos de quem exatamente Paulo fala. De qualquer maneira, porém, os soldados informam a outros acerca do prisioneiro de que estão cuidando agora e o que ele tem para dizer. Portanto é justamente assim que o evangelho alcança pessoas das quais do contrário jamais se teria aproximado. O que primeiro parecia ser um terrível impedimento, não obstante acaba servindo ao progresso da causa.
- 14 Paulo pode informar com gratidão uma segunda coisa. Na verdade Paulo nunca realizou seu trabalho como “grande homem” solitário. Nosso costumeiro sistema de um homem sozinho e nossa tendência a “venerar heróis” em geral nos induz a uma idéia completamente equivocada. Sem dúvida ele reivindica, p. ex. diante dos coríntios, ser o “pai” da igreja (1Co 4.15). Mas por meio de uma observação em 2Co 1.19 constatamos que até mesmo em Corinto ele trabalhou junto com outros na proclamação. Ainda mais em Roma, onde a igreja e o trabalho eclesial existiam muito antes de sua chegada. Aparentemente há ali um grande grupo de irmãos que evangeliza ali. Como o agravamento da situação de Paulo influenciou sobre eles? Será que, assustados e intimidados, ficaram calados, quando o processo contra Paulo se torna tão perigoso? Sem dúvida houve um choque, que diversas pessoas não superaram. Mas **“a maioria dos irmãos ousa falar com mais desassombro a palavra de Deus”**. Paulo insere um participio explicativo que pode ser reproduzido na tradução com a frase **“porque têm confiança no Senhor para com minhas algemas”**. Outros preferem fazer a seguinte construção: “porque obtêm confiança de minhas algemas no Senhor”. Mas a primeira tradução

corresponde à aplicação habitual da respectiva palavra grega, e o conteúdo de ambas as afirmações é surpreendente. Como se pode “obter confiança” da prisão reforçada de um irmão? Na verdade isso somente pode acontecer como milagre “no Senhor”, algo que vai contra tudo o que é costumeiro. Ou será que se pode “ganhar confiança” nas algemas de um irmão? Pois bem, dos períodos da resistência da igreja na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial temos conhecimento de que por ocasião das detenções facilmente surgiam perguntas como: Não será culpa própria do irmão? Não haveria algo verdadeiro nas acusações levantadas contra ele? Tais dúvidas também podem ter surgido em Roma contra Paulo, que vinha de um lugar longínquo, e sobre o qual “se falavam coisas tão diversas”. Agora, porém, os irmãos ficaram convictos de que Paulo de fato está em cadeias unicamente por amor do evangelho, possuindo “no Senhor” confiança em suas algemas. Por isso os irmãos dizem entre si: agora temos de entrar na brecha pelo prisioneiro e “ousar tanto mais, dizer a palavra de Deus com mais desassombro” nos lugares aos quais ele já não pode levá-la. Ainda que Paulo passe a faltar na evangelização pública em Roma, esse reforço na cooperação dos irmãos significa sem dúvida um progresso do evangelho.

15-17 Obviamente o testemunho público de Jesus – para o qual Paulo também gosta de empregar, além da expressão “**proclamar**”, a palavra “**ser arauto**”, a fim de dizer com toda a clareza que não se trata de uma “devoção” intimista da alma, mas de uma “mensagem de vitória” (“evangelho”) que abrange o mundo todo – não acontece em todos de “modo puro” e “em verdade”. Uma série de irmãos, no entanto, empreende a obra com nova seriedade “**por amor, porque sabem que fui destinado à defesa do evangelho**”. São arautos do Cristo “de boa vontade” ou, como talvez devamos traduzir mais precisamente, “**ao agrado de Deus**”. Ao lado deles, porém, há outros servindo à proclamação, mas que levam “**segundas intenções**” e motivos obscuros. Aqui Paulo traz à tona com muita franqueza uma dificuldade que constantemente transparece ao longo da história da igreja. Para nós é tanto assustador quanto consolador que ela já existisse em tal medida naquele tempo. A “inveja” se intromete – entre pregadores do evangelho. Com quanta profundidade ela está arraigada em nosso coração, mais profundamente que muitos pecados rudes. Nem mesmo uma conversão autêntica simplesmente arranca a inveja. Ela também se manifesta em pessoas que prestam um serviço tão sério a Jesus que nem mesmo se calam em situação de perigo. Em Roma talvez fossem pessoas que antes detinham posição de destaque na vida da igreja e cuja palavra era alvo de atenção especial. Agora era possível perceber a poderosa influência de alguém como Paulo em Roma. Sentiram-se relegados a segundo plano e privados de sua importância anterior. Então surgiu a inveja. Onde, porém, opera a inveja aparecem necessariamente ciúmeiras e “**discórdia**”. Da inveja brota o prazer malicioso. No fundo tais pessoas se alegram pelo fato de Paulo ser neutralizado pela transferência para o quartel. Agora já não os estorva, já podem recuperar sua posição. Conseqüentemente também eles se tornam zelosos, mas “**por interesse próprio**”. Apesar do ativo e corajoso trabalho em última análise pensam em si mesmos, em ter influência sobre a igreja. Sim, chegam ao nefasto pensamento: que Paulo fique bastante irritado agora, já que suas algemas o tornam impotente e ele é obrigado a ver como nós ganhamos terreno e adquirimos o controle sobre tudo! Afinal, cada indivíduo tira conclusões a respeito do próximo a partir de si mesmo. O ambicioso projeta a ambição também no coração daquele a quem inveja. Provavelmente afirmações deste tipo devem ter sido expressas e difundidas, de modo que chegassem até Paulo. Com toda a certeza alguém como Paulo não dava atenção a meras suspeitas.

18 Como Paulo lida com aquilo que é levado a experimentar? Muitas vezes repetiu-se sua palavra: “Desde que Cristo seja anunciado”, e isso com freqüência se deu de forma muito errônea e equivocada, de acordo com nossa superficialidade. Paulo não se defronta com uma deturpação ou com um esvaziamento da mensagem em si. Não escreveu: “Desde que algo seja dito sobre Jesus, é isso o que importa. O que se afirma sobre Jesus não será tão relevante.” Em Gl 1.8s ele formula de forma bastante nítida e incisiva o que pensa sobre a violação do conteúdo da mensagem! Jamais teria se alegrado com heresias nem tampouco teria tentado superá-las com o consolo barato de que “de qualquer modo” Cristo ainda seria mencionado nelas. Aqui não está em jogo o conteúdo da mensagem, mas meramente a motivação de sua proclamação. Mesmo pessoas que realizam o trabalho sob a influência da inveja e do interesse próprio são de fato “arautos do Cristo”. E somente por ser verdadeiro o evangelho que estas pessoas anunciam Paulo consegue desconsiderar a motivação insincera: “**Afinal, de todas as maneiras, seja com segundas intenções, seja em verdade, é proclamado Cristo, e disso me regozijo.**” Ainda que aquelas pessoas quisessem feri-lo

pessoalmente, “**que importa**”? Também eles certamente colaboram para que a obra do Cristo se torne conhecida de outros.

Aqui e acolá também nós somos confrontados com o fato de constatarmos inveja e ambição por trás do zelo de colaboradores de nossa denominação ou igreja. Talvez também vejamos outros se alegrando quando nossa atividade é tolhida por circunstâncias exteriores, enquanto eles ganham terreno. Então também nós temos o privilégio de não ficar cheios e movidos pela causa do evangelho que saibamos suportá-lo sem melindres, desde que a límpida mensagem de Cristo alcance as pessoas.

Não há certeza de que a pequena frase “**Mas também me regozijarei**” ainda pertence a esse contexto. Nesse caso Paulo estaria dando expressão à disposição de continuar assim também no futuro, resolvendo no íntimo tudo o que poderia deixá-lo amargurado. Que as pessoas que me invejam continuem trabalhando com êxito, enquanto estou aqui – eu hei de continuar me regozijando. É mais provável que a frase faça a transição para as exposições seguintes:

O OLHAR CONFIANTE EM UM FUTURO INCERTO – FP 1.18-26

18 – Sim, também me regozijarei.

19 – Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação,

20 – segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte.

21 – Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro.

22 – Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher.

23 – Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor.

24 – Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne.

25 – E, convencido disto, estou certo de que ficarei e permanecerei com todos vós, para o vosso progresso e gozo da fé,

26 – a fim de que aumente, quanto a mim, o motivo de vos gloriardes em Cristo Jesus, pela minha presença, de novo, convosco.

Os filipenses podem lembrar-se com gratidão e alegria da situação atual em Roma. Não como se tudo fosse “simples” ou “belo”. Muitas coisas são difíceis e penosas, mas disso resultou ainda mais um progresso do evangelho, e é somente isso que importa. Como Paulo ajuda os filipenses (e também a nós!) a captar corretamente a realidade dada! Circunstâncias difíceis e dolorosas devem ser vistas com sobriedade e não tratadas superficialmente. Contudo podemos dar conta delas desde que sejamos integralmente dominados por um único desejo: o progresso do evangelho. Será que os filipenses (e também nós) têm essa entrega desinteressada à causa de Jesus?

Essa pergunta reveste-se de importância ainda maior quando o olhar em seguida se volta para o futuro. Qual será, afinal, a continuação disso? Como está o processo? Como tudo acabará? Se Paulo for liberto, ficará evidente sua inocência total – ou será que acontecerá o mais terrível: o capricho de Nero decide pela pena de morte? Com que angústia os filipenses esperam por uma notícia, por uma luz qualquer que incida na escuridão! Quanto o próprio Paulo tem de esperar! Afinal, todos nós aprendemos nos dias de uma enfermidade grave ou talvez também de um processo judicial que uma pergunta pode nos acosar incessantemente no coração e na mente: como tudo acabará? Ó, se finalmente houvesse um bom desfecho, se mais uma vez recebêssemos vida, saúde e liberdade! Paulo, como estás olhando para o futuro em tua perigosa situação após anos de prisão? Agora estás alegre, porém – como será amanhã?

18s “**Mas também me regozijarei!**” Os filipenses ficam atentos: será que o processo dele de fato está melhor do que temiam? Porventura ele tem uma boa notícia a comunicar? Prestam mais atenção ainda: “**Pois na verdade sei que ‘isso me redundará em salvação’ através da vossa oração e pelo apoio do Espírito de Jesus Cristo segundo minha ardente expectativa e esperança.**” Ou seja, Paulo, estás contando com uma sentença de libertação porque nós aqui em Filipos e tantos outros em todos os lugares oram por ti e porque o Espírito de Deus na verdade também é capaz de guiar como

rios de água o coração de alguém como Nero? Não é, Paulo, que tua “ardente expectativa e esperança” naturalmente também espera que não tenhas de morrer, que mais uma vez fiques livre de todo esse longo período de sofrimento, retornando à liberdade?!

Não foi em vão que Paulo não revestiu sua certeza com palavras próprias, mas recorreu a Jó 13.16, na forma que conhecia da tradução grega do AT. É como se esta citação visasse dizer aos filipenses: em relação ao futuro só sei aquilo que todas as pessoas sabem de Deus, até mesmo Jó. No final tudo desemboca em salvação. Também o filho amado de Deus não sabia, no tocante ao curso terreno das coisas, como continuaria. Também o filho amado de Deus eventualmente precisou entrar em toda espécie de aflições e dores. Exteriormente o futuro é tão incerto e inseguro para o crente como para qualquer outra pessoa. Sobre o processo de Paulo não paira a garantia de que para um mensageiro de Jesus rodeado de orações sempre haverá um bom desfecho. Da mesma forma não está escrito sobre o leito de enfermidade do devoto que ele recuperará a saúde. O crente só sabe o que todos os demais não têm como saber: o desfecho será para a salvação!

20 Trata-se na verdade de um modo de pensar radicalmente diferente, que separa o crente de todos os demais e distingue cabalmente os “santos em Cristo Jesus” de todas as outras pessoas, até mesmo das muitas que apresentam apenas uma religiosidade cristã. Também o crente não é um “estóico”, alguém cujo coração não se deixa mais mover por anseios e esperanças. Não, uma “**ardente expectativa e esperança**” vivem também no peito dele. Mas o conteúdo desta esperança não são mais o eu e sua prosperidade. Como isso será realmente possível? Como pode haver tal liberdade do eu? O coração inteiro perde-se de tal forma em Cristo que seu único e ardente desejo é “**que... Cristo seja engrandecido**”. Isso é amor verdadeiro a Jesus, gerado do conhecimento mostrado pelo Espírito Santo de que esse Jesus “me amou e a si mesmo entregou por mim” (Gl 2.20). Esse amor a Jesus não pode ser “produzido” por nós, e tampouco podemos nos “forçar” a tê-lo. Ele é presenteado no milagre da real transformação cristã, no milagre do renascimento. Porque tornar-se cristão significa simplesmente perder-se a si mesmo para Cristo. Obviamente Paulo encara isso com toda a sobriedade: mesmo quando um coração renascido se posiciona desse modo em favor de Jesus, ele passa por lutas interiores ao trilhar a dura trajetória de sofrimento. Também como crentes continuamos sendo “carne”, e nossa carne se defende apaixonadamente contra todos os sofrimentos e a morte. Por isso mesmo quem verdadeiramente renasceu pode fracassar em determinados pontos dessa trajetória e “**ser envergonhado**”. Mesmo e justamente alguém como Paulo (cf. Pedro antes de seu renascimento!) não constitui exceção disso, como se algo assim naturalmente não pudesse acontecer com ele. Ele precisa da intercessão da igreja! Precisa do apoio do Espírito Santo, o qual ele designa justamente aqui de “**Espírito de Jesus Cristo**”, porque também Jesus glorificou o Pai no sofrimento e prometeu o auxílio do Espírito Santo exatamente nos tempos de perseguição e julgamento (Mt 10.20). “Apoio do Espírito de Jesus Cristo” é, portanto, um genitivo do sujeito. Mas Paulo tampouco se encaminha aflito e incerto para o futuro. A “fê” é aquela certeza bem peculiar que está igualmente distante da “segurança” e da “incerteza”: **Porque estou certo de que isso me redundará em libertação, de que não serei envergonhado!** Até então acontecera assim na vida de Paulo. Nessa vida e serviço “**sempre**” foi “**engrandecido Cristo**”. E precisamente “**com toda a franqueza**”. Paulo emprega um termo genuinamente neotestamentário, *parrhesia*, que Lutero traduz com uma expressão certa de seu tempo, *Freidigkeit* [ousadia], da qual se originou, após a perda desse termo arcaico, o conceito bastante enganador *Freudigkeit* [alegria]. Neste repercute uma ênfase muito equivocada no sentimento, totalmente distante da *parrhesia* do NT. Não são meus sentimentos “alegres” que importam. Para começar, *parrhesia* é, de forma bem objetiva, o “livre caráter público” de uma causa ou um discurso, e somente a partir daí também subjetivamente a “franqueza” com que acontece esse agir ou falar público. O primeiro significado puramente objetivo deve ser o que vigora, p. ex., na conhecida frase final de Atos dos Apóstolos (At 28.31). Talvez o mensageiro algemado agora também pense apenas: independentemente de como acabar seu processo, Cristo sempre será glorificado por meio dele, com toda a “publicidade”. Contudo, talvez seu raciocínio ainda seja determinado pelo “não ser envergonhado”: independentemente de como continuar sua situação, ele testemunhará de Cristo com clareza e ousadia, engrandecendo-o dessa maneira. Nosso termo “franqueza” ainda permite expressar melhor um pouco dos dois aspectos disso.

A glorificação de Jesus acontece “**em meu corpo**”. Afinal, é seu corpo que agora traz as algemas, é seu corpo que Nero pode mandar matar. No entanto, igualmente seria seu corpo, em caso de soltura, que novamente teria de suportar todas as agruras das peregrinações, do trabalho manual para

o sustento da vida e do serviço de mensageiro. Paulo não era – como a maioria de nós no cristianismo! – um “platônico”, que somente valorizava “a alma” e desprezava o corpo como insignificante ou até mesmo “mau”. Naturalmente também ele sabe que o pecado deturpou justamente o corpo, podendo escravizá-lo: o corpo está “morto por causa do pecado” (Rm 8.10). Ele é um “corpo de humilhação” (Fp 3.21). Por isso é preciso mantê-lo de rédeas curtas (1Co 9.27), as “práticas do corpo” têm de “ser mortificadas por meio do Espírito” (Rm 8.13). No entanto, tudo isso na verdade ainda não significa considerar o corpo como mero “invólucro” da “alma” que seria a única importante. Paulo pensava em termos bíblicos e via com sobriedade e clareza o quanto nossa vida ativa está totalmente condicionada ao corpo e carece dele. Por essa razão ele convocou os romanos a ofertar como sacrifício certo para Deus não os “corações” ou as “almas”, mas seus “corpos” (Rm 12.1). Da mesma forma tem consciência em sua própria vida de que a glorificação de Jesus acontece “em” seu corpo ou, como novamente podemos traduzir aqui o *en* grego, “por meio de” seu corpo. Esse corpo “insignificante”, muitas vezes tão precário e maltratado, é o meio da glorificação de Jesus – que verdade!

Isso ocorre independentemente do desfecho do processo, tanto no caso de soltura como no caso de execução, **“quer pela vida, quer pela morte”!** Porque o “engrandecimento do Cristo” concede um alvo de vida que também está radicalmente acima dos contrastes que nossa existência pode enfrentar. Todos os demais alvos de vida, mesmo os mais intelectuais e nobres, qualquer outro sentido de vida, até mesmo um “cristão”, depende de nossa situação. Até mesmo quando considero que o alvo e sentido de minha vida é servir aos enfermos e miseráveis sendo diaconisa, uma enfermidade precoce simplesmente poderá dismantelar esse sentido de vida. Há somente um alvo que jamais me poderá ser tirado, um alvo que posso perseguir sendo sadio ou enfermo, prisioneiro ou livre, vivente ou moribundo: **“que Cristo seja engrandecido em meu corpo, quer pela vida, quer pela morte”**. Em vista desse poderoso alvo a pergunta sobre o desfecho do processo perde sua constrangedora relevância.

21 Na seqüência aparece aquela breve frase que se tornou uma das mais conhecidas de todo o NT. Inúmeras vezes ela foi recitada, inúmeras vezes cantada: “Jesus é minha vida, na morte hei de vencer” [HPD, nº 300, de Melchior Vulpius, 1609]. Justamente essas frases, porém, são particularmente ameaçadas e perigosas, de forma que devemos ouvi-las de forma completamente nova, a fim de passar por cima da habitual meia-compreensão e dos valores meramente orientados pelo sentimento. Nessa frase (assim como em todo o trecho) chama a atenção a marcante brevidade da linguagem, que exclui todos as dimensões sentimentais. A complexidade da tradução fornece uma impressão precária disso. Diversos aspectos de fato são difíceis de traduzir. Na palavra “viver, o grego faz diferença entre o verbo substantivado e o substantivo derivado do verbo, da mesma maneira como nós dizemos “o correr” e “a corrida”, “o cantar” e “o cântico”. Em “viver”, portanto, precisamos formular de forma análoga. Aqui nesta frase Paulo usa o verbo substantivado com artigo: “o viver”, ou seja, a atividade de viver, e não o substantivo mais abstrato “a vida” como um fenômeno existente. Por isso a frase de Paulo deve ser entendida de forma muito mais ativa e vital do que geralmente fazemos. Precisamos lê-la exatamente como a ouvimos, p. ex., a respeito de outra pessoa: a vida dela foi desenhar e pintar. Por isso, “para mim” também aparece enfaticamente na frente no texto grego. Não sei de que consiste a vida de outros, e isto tampouco me importa agora - para mim ela é “Cristo”. A frase tem ainda outro significado diferente do conhecido hino fúnebre. Cumpre perguntar enfaticamente se aqueles que, assustados diante do esquife, se refugiam no consolo “Jesus é minha vida”, na verdade também são capazes de repetir a frase de Paulo: **“Viver para mim significa Cristo”**. Não obstante, apenas quando esta primeira parte puder ser afirmada como singela realidade, também a segunda parte se torna verdade: que **“morrer”** significa **“lucro”**. Com que facilidade caímos no chavão devoto! Quem experimenta com o coração trêmulo quanto **“prejuízo”** o morrer lhe traz talvez esteja muito mais próximo da verdade e seja bem mais preferido por Deus! Em sua amarga aflição poderá encontrar o verdadeiro caminho para Cristo, e também terá o privilégio de viver de tal maneira para Cristo que o morrer se torna autêntica e sinceramente “lucro”.

22s Como isto poderá suceder? Não por meio de quaisquer artifícios, não por meio de um heroísmo qualquer, de disposição pessoal para morrer. Isso sempre resultaria em lutas que certamente falhariam no momento decisivo. É algo que só existe na forma de um presente libertador e soberano, no exato momento em que o viver para nós passa a ser Cristo. Porque então o morrer para nós se

tornará um “partir” que nos conduz de todas as aflições, lutas, sofrimentos da atual existência para o “estar junto de Cristo”. É evidente que para Paulo esse “estar com Cristo” não é o alvo último e essencial de sua expectativa de futuro! Afinal, ele não poderia negar subitamente não apenas o que expôs tão poderosamente em 1Ts 4.13-18 e 1Co 15.35-57, mas também o que ele acaba de elaborar na presente carta em Fp 1.6,10s e sobretudo em Fp 3.20s. A explicação eventual de que, por causa do não retorno de Jesus e em vista da proximidade de sua própria morte, Paulo teria sido forçado a voltar-se agora para a esperança pela imortalidade puramente pessoal é totalmente impossível em vista de Fp 3.20s. Do mesmo modo, porém, a presente passagem também é violada pela sistemática teológica que considera como doutrina do NT a morte total do ser humano todo, quando leva a supor que nas entrelinhas o texto poderia insinuar que “tenho o desejo de partir e (mais tarde, quando da ressurreição dos mortos) estar com Cristo.” Sistematizações precipitadas sempre são negativas diante do NT, e não competem ao exegeta. Afinal, Paulo fala de um “lucro” trazido pelo **morrer**, e não apenas pelo retorno do Senhor. O desejo por ele testemunhado une tão estreitamente o “partir” e o “estar com Cristo” que não temos o direito de dissociá-los intercalando um longo tempo de morte ou de sono da alma. Assim a passagem perderia seu vigor peculiar no contexto geral das afirmações. Somente podemos constatar que a esperança de Paulo era mais rica do que nós queremos admitir com nossa sistemática, seja ela qual for. Com pleno vigor ele preservou a expectativa da parusia também quando escreveu aos filipenses. Considerou como alvo pleno somente a parusia e a perfeição da igreja que ela concretizará, inclusive mediante a dádiva de um novo corpo. Mas ao mesmo tempo ele era tão intensamente ligado à sua vida com Jesus que nem mesmo o morrer físico não poderia afastá-la, tão-somente aprofundando-a. Então ele estará “com Cristo” de um modo que até o momento ainda não era possível neste mundo, embora aqui também já esteja “em Cristo”. Por isso o morrer é um “lucro” pessoal para ele, sério e não-artificial, de forma que ele realmente podia ansiar de coração por essa “partida”. É capaz de afirmar com uma sucinta e forte frase intraduzível: **“porque em muito melhor (seria isso!)”**.

No entanto, Paulo não era nenhum individualista moderno! De forma alguma partilhava da idéia: “Já que estarei em situação tão mais favorável, posso tranqüilamente deixar de lado a expectativa de futuro para as demais coisas”. Para ele importa a igreja, a consumação da obra de Jesus, a honra de Deus, a renovação de toda a criação! E este alvo não será ajudado em nada se Paulo, depois de morto, tiver recebido o presente de estar com Cristo e viver em condição muito melhor. Por isso Fp 1.21 e 3.20s permanecem consistente e claramente lado a lado, de modo que não temos a menor razão para atenuar ou modificar uma afirmação em favor da outra. Igualmente teremos de nos acostumar com o fato de que há etapas na ligação da vida com Jesus que não podem ser contrapostas uma à outra, porque cada uma possui seu próprio valor pleno. Há um “crer em Jesus”, há um “estar em Cristo” nesta terra, há um “estar com Cristo” após a morte, e há aquele “estar com o Senhor para todo o tempo” na consumação da igreja. Até mesmo neste ponto nosso olhar contempla mais alguns estágios na palavra da Escritura: “herdar tudo com Cristo”, “governar com Cristo como rei” em uma nova criação. Tudo o que Paulo fez e vivenciou nesta carne aconteceu “em Cristo”. Mas, por mais maravilhoso que isso seja, ainda não é “tudo”. Redimido dos labores, das dores e lutas de sua existência terrena, ele estará “com Cristo” de modo diferente e mais concreto. Porém nem mesmo isso ainda não é “tudo”, ainda não é o último e supremo estágio. Junto com a igreja também ele aguarda ardentemente a vinda de Jesus Cristo, o Senhor e Redentor, dos céus, para que transforme nosso corpo de humilhação em corpo igual ao de sua glória segundo o poder eficaz com que ele também é capaz de submeter o universo (Fp 3.20s).

Não precisar mais temer a morte, ansiando coerente e livremente pela partida, diante da qual todos em geral se assustam e atemorizam - isso é algo grandioso. Mas justamente agora Paulo revela algo ainda maior. Sua atitude permanece totalmente livre de qualquer anseio sentimental pela morte, como diz até mesmo o coral “Vem, doce morte” de J. S. Bach. Se lhe for atribuído **“permanecer na carne”**, isso para ele **“significa fruto do trabalho”**. Não sabe, agora, o que escolher, até mesmo no aspecto concreto do desfecho de seu processo. Ambos os desejos são intensos em seu coração, e ambos são em si puros e bons. Pode orar assim: que venha agora a sentença de morte, conduzindo-me de todo o enorme fardo de minha vida (cf. 2Co 11.23-33) para uma unificação mais profunda com Cristo! Concedendo-me a absolvição, pretendo produzir ainda mais frutos da obra! – Também essa prece ele pode e tem o direito de elevar a Deus. Que oração será essa, então? Uma coisa se torna decisiva para ele: **“Permanecer na carne é mais necessário por vossa causa”** (literalmente

“continuar na carne”, como nosso “continuar vivo”). Com isso sua decisão foi tomada. Precisa acontecer aquilo que é “mais necessário”, ou, neste caso, é preciso rogar pelo “mais necessário”.

25s Talvez a frase subsequente **“E confiando nisso estou certo...”** não vise dizer mais do que exatamente isso: agora sei o que escolher, pelo que suplicar. Assim ele afirma tão-somente que foi libertado do dilema do quê desejar, sem gerar expectativas específicas para o desfecho real do processo. Conforme o teor das palavras, porém, é mais plausível supor que Paulo tinha a confiança de que também o Senhor levaria em conta o “mais necessário” e por consequência certamente concederia a Paulo que ele possa **“permanecer”**. Então **“permanecerá com todos eles”**. Certamente Paulo está olhando além de Filipos para todas as igrejas que precisam dele com tanta urgência. Mas em uma carta autêntica o autor dirige-se inicialmente apenas aos destinatários específicos. Por isso também Paulo continua: **“Para o vosso progresso e alegria da fé, a fim de que vossa glorificação transborde em Cristo Jesus quanto a mim, por meio de minha presença de novo convosco.”** Precisamos unir “progresso” e “alegria” a fim de relacionar o genitivo “da fé” com ambas as expressões. Se Paulo for liberto, não se aposentará merecidamente depois desses longos anos de sofrimento - seu trabalho continuará! Esse trabalho possui um alvo claro: o estado vigoroso e vivo da fé das igrejas. Paulo estava livre de qualquer falsa “humildade” que somente lamentaria sua insuficiência e imprestabilidade. Ele sabia que também seu trabalho “não é em vão no Senhor” (1Co 15.58). Por isso seu trabalho futuro propiciará um novo progresso na fé das igrejas, inclusive a dos filipenses. Como sua fé se tornará alegre quando virem o apóstolo a salvo de tais perigos! Paulo já vê diante de si como será a visita a Filipos depois de todos esses anos. Então haverá muito entusiasmo. As devidas ações de graça não serão prestadas apenas com medidas litúrgicas, mas então a **“glorificação em Cristo Jesus” “transbordará”** em Paulo, em tudo o que Jesus faz a Paulo e também concedeu à igreja por meio dele. Essa jubilosa alegria de fé de uma igreja inteira é mais importante e grandiosa do que a libertação de uma única pessoa das aflições desta vida e sua partida para o ambiente de paz do Senhor. Paulo tem certeza de que Deus concederá essa opção mais importante e mais grandiosa.

O QUE A IGREJA DEVE FAZER NESSE ÍTERIM! – FP 1.27-30; 2.1-18

a) *Fp 1.27-30. Sejam unânimes na luta do padecimento!*

27 – Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo, para que, ou indo ver-vos ou estando ausente, ouça, no tocante a vós, que estais firmes em um só Espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica;

28 – e que em nada estais intimidados pelos adversários. Pois o que é para eles prova evidente de perdição é, para vós, de salvação, e isto da parte de Deus.

29 – Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de credes nele,

30 – pois tendes o mesmo combate que vistes em mim e, ainda agora, ouvis que é o meu.

27 Paulo desenhou para si e para os filipenses a grata imagem do reencontro. Porém não fez isso para que agora sonhem a esse respeito e preencham o tempo com esperas e preocupações. Com um movimento vigoroso (**“Acima de tudo:”**), Paulo leva os filipenses, depois de todas essas comunicações pessoais, de volta a seus próprios afazeres e tarefas. Que o alegre dia da glorificação transbordante seja concedido, mas acima de tudo está diante de todos o cotidiano com suas demandas, e essas demandas não são fáceis nem para os filipenses nem para Paulo.

“Vivei vossa vida comunitária.” O verbo usado aqui por Paulo pode ter esmaecido para um significado genérico “conduzir a vida, andar”. É assim que ocorre, p. ex., em At 23.1. Como Paulo não emprega aqui o termo *peripatein*, que ele em geral mais utiliza para “andar”, o uso de *politeuesthai* certamente visa expressar ao mesmo tempo o momento “político” (cujo som também permite a nós essa associação de termos). Ou seja, não apenas “Vivei vossa vida!”, mas **“Vivei vossa vida comunitária!”**. Desse modo somos novamente lembrados de que o NT nunca se dirige a pessoas isoladas, que não visa a formação de personalidades em si, mas a “comunidade”, as irmandades e sua vida conjunta. “Conduta”, “santificação”, também isso e justamente isso é o objetivo da vida fraterna no NT.

Que configuração deve ter a vida da congregação? Paulo, que lutava para que as igrejas não se tornassem reféns de uma santificação legalista (cf. especialmente Cl 2.16-23), não é capaz de responder a essa pergunta com determinados “estatutos”. Preceitos jamais captarão a plenitude da vida ativa em sua constante mutação, e ficarão sempre presos a aspectos exteriores. Por isso Paulo fornece um ponto de orientação capaz de determinar constantemente o comportamento no convívio da igreja a partir de dentro: **“De modo digno do evangelho do Cristo vivei vossa vida comunitária!”** Este é um traço muito significativo da “ética” do NT. O fazer e produzir das pessoas não são o mais importante. Antes de tudo elas são livre e ricamente presenteadas: o evangelho do Cristo, o Redentor, com seu amor que jamais será compreendido, vem até eles. Na seqüência, há evidentemente um viver e agir que corresponde a essa graça régia, a esse amor imerecido. “Eleitos, nascidos em alta posição, cumpre andar de acordo com ela.” Uma pessoa de fora, distante, não pode dizer aos filipenses de que consiste esse agir e viver “digno” hoje e aqui, mas eles mesmos são capazes de descobrir estas diretrizes na irmandade. Com segura e crescente “sensibilidade” (Fp 1.9s) eles perceberão: isto não é “digno do evangelho”, mas aquilo pode ser esperado do povo do Cristo.

Paulo ditava suas cartas. Contudo, não tinha para isso uma secretária que escrevia rapidamente usando estenografia. Naquele tempo conheciam-se somente letras maiúsculas, que tinham de ser penosamente desenhadas sobre material de escrita bastante tosco. Por isso o ditado progredia apenas lentamente. Quantas coisas podem ter passado na mente ardente de alguém como Paulo enquanto ditava especificamente palavra por palavra! Não é de surpreender que a construção da frase também fosse rompida, como vemos na presente passagem: **“para que, ou indo ver-vos ou estando ausente – ouça como estais, que vós...”** Contudo é precisamente esse salto na construção da frase que torna explícito o que Paulo visa dizer. Assim como a carta inteira é perpassada pela incerteza e pelo dilema em relação ao destino definitivo do apóstolo (cf. lado a lado Fp 1.20,25s; 2.17s,23), permanece impreciso também agora: será que o próprio Paulo estará de volta em Filipos e verá como vão as coisas, ou será que continuará separado da igreja, dependendo de notícias? Não importa! Nenhum aspecto decisivo depende disso. O principal é **“que estais de pé em um só Espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé no evangelho”**. Independentemente do que possa estar incluído em uma “vida comunitária digna do evangelho”, uma tarefa é colocada diante da igreja em Filipos como essencial: cabe-lhe **“ficar de pé”**. Na resistência da igreja durante a Segunda Guerra Mundial aprendemos a valorizar e utilizar novamente a simples palavra “ficar firme”, sem qualquer adendo: os pastores permaneceram “em pé”, a igreja “está de pé”. Não precisa realizar grandes coisas, nem realizar grandes ofensivas. Contudo, no tiroteio de ataques humanos e demoníacos cabe-lhe permanecer de pé sem se abalar e sem retroceder. Por isso a “perseverança” no sentido da capacidade de suportar com persistência constitui uma palavra tão decisiva e freqüente no NT, atingindo o ápice na expressão “Aqui há perseverança e fidelidade dos santos” (Ap 13.10) na última batalha da era mundial anticristã. É por isso que “Filadélfia” obtém o louvor e a promessa especial do Senhor, “porque guardaste a palavra da minha perseverança” (Ap 3.10). Nisso reside também a tarefa dos filipenses. A carta, uma carta da “alegria” como nenhuma outra, não foi apenas escrita por um homem que enfrentava sofrimento, mas foi também dirigida a uma igreja que há anos vivia em tribulações e aflições! A ferrenha oposição que eclodira imediatamente contra Paulo naquele tempo (At 16.19-24) não acabou com sua honrosa libertação da prisão (At 16.35-39). Por trás dela certamente não estavam apenas a encarnizada avidez humana e o orgulho nacional romano, mas o mundo das trevas, em cuja esfera de poder Paulo havia interferido direta e poderosamente ao libertar a jovem escrava do espírito de vaticínio (At 16.16-18). Ainda hoje “adversários” ameaçam seriamente a igreja.

Se a igreja pretende vencer essa luta que lhe foi ordenada da forma devida, precisará de unidade e coesão. Essa unidade tem uma base objetiva nesse **“um só Espírito”**, no qual tem o privilégio de viver. Já sabemos que logo no começo da carta Paulo enfatizou o “todos, todos”. Também nessa luta todos, todos precisam estar engajados. Podem fazê-lo também sem levar em conta sua força ou fraqueza, porque esse um só Espírito está disponível para todos eles, ajudando-os da mesma maneira como o apóstolo, “para que não sejam envergonhados”, mas para que também neles Cristo seja engrandecido no sofrimento. Desse fundamento conjunto concedido por Deus brota então o **“lutar juntos com uma só alma pela fé no evangelho”**; da dimensão objetiva brota a imprescindível dimensão subjetiva. Aqui Paulo acrescentou ao termo “lutando juntos” ou “batalhando conjuntamente” um dativo: “à fé do evangelho”. Esse dativo poderia depender gramaticalmente do

“juntos” ou do “com” no verbo, expressando assim que os filipenses realizam sua luta “em conjunto com a fé”. Nesse caso a fé seria um poder vivo específico. Mas o dativo também poderia ser aqui (assim como em muitas outras ocasiões) um dativo instrumental. É assim que o entende A. Schlatter: “para que lutais juntos... com uma só alma mediante a fé na boa nova”. Então o alvo da luta não seria mais expressamente indicado. Em termos lingüísticos seria sem dúvida mais plausível considerar “a fé no evangelho” como objeto pelo qual se luta, e pelo qual os cristãos em Filipos devem lutar conjuntamente.

Neste momento não se trata da ofensiva do testemunho. Paulo não está falando dessa luta por corações humanos. Na verdade, ele prefere ilustrar essa tarefa da evangelização com imagens diferentes que a da “luta” (cf., p. ex., 2Co 2.12,14-16; 4.3-6). Aqui se trata da luta defensiva que sofre, de “que ninguém amoleça nessas tribulações”, como diz aos tessalonicenses (1Ts 3.3), de que ninguém cambaleie e caia, de que a igreja permaneça coesa em todos os seus membros. Assim como o NT em geral acentua muito as virtudes “passivas” da “mansidão, humildade, paciência”, assim a “luta” da igreja também não significa “atacar” os outros, mas perseverar inabalavelmente diante dos ataques destes outros e do ódio do mundo.

28 É por isso que Paulo prossegue de imediato: “**e que não estais intimidados em nada** pelos adversários”. Ele sublinha fortemente: “**não... em nada**”. Não pode haver ameaça ou providência dos adversários diante da qual a igreja se torne medrosa e retroceda. A luta, no entanto, agora ainda não chega ao final; aliás por princípio não pode acabar para toda a igreja de Jesus nesta era do mundo. Afinal ela brota do “ódio do mundo” (Jo 15.18s), que não cessa, mas que somente aumenta ao se aproximar o fim deste éon. Por não ser aquela que ataca, a igreja tampouco pode dispor sobre a condução dessa luta. Pode usufruir e aproveitar tréguas com gratidão (At 9.31), mas precisa levar em conta que o mundo sempre recomeça a luta por iniciativa própria, e não pode fazer nada contra isso. Exteriormente a igreja raramente ou nunca triunfará nessa luta. Não deve se entregar a falsas esperanças nessa questão. Cumpre-lhe seguir seu Senhor no caminho da cruz, do sofrimento e da derrota exterior. Mas em sua resistência irreduzível e disposta a sofrer sem dúvida o próprio Deus levanta um sinal. A igreja precisa padecer porque seus adversários têm o poder nas mãos. Contudo, justamente quando a igreja de Jesus não combate poder com poder e não se defende habilmente, à maneira do mundo, mas também não se deixa intimidar nem silenciar apesar de todos os sofrimentos, isso já serve para delinear a injustiça dos adversários e a justiça da igreja, a destruição vindoura dos inimigos e a salvação derradeira da igreja. O sinal foi dado objetivamente por Deus, independentemente de ser ou não visto e compreendido pelas pessoas. O próprio Deus está preestabelecendo nele o futuro. Assim como a cruz de Jesus Cristo, com sua paixão, sua “fraqueza” e sua “derrota” de fato já constitui o “sinal” da vitória e da consumação vindoura do mundo, assim também acontecerá a trajetória de cruz da igreja. Esta tem o privilégio de ver esse “sinal” pela fé, deixando-se fortalecer por meio dele (cf. 2Ts 1.3-10). Os adversários, porém, são cegos para ele e constantemente pensam poder contar com a rápida destruição da igreja, ainda que aqui e acolá o confronto com o povo de Deus os encha de calafrios, como no passado os egípcios, quando tiveram de admitir: “Quanto mais oprimiam o povo, tanto mais ele se multiplicava e espalhava” (Êx 1.12).

29s A igreja está preparada para essa resistência inabalável e sofredora, porque lhe “**foi concedido o ‘para Cristo’**”. Foi isto que Paulo afirmou inicialmente em sua linguagem preferencialmente tão sucinta. Porém que relevância decisiva possui essa breve afirmação! Nosso cristianismo praticamente só conhece o “Cristo por nós”. Com toda a certeza esse é e continua sendo o fundamento até o último respiro, e até na eternidade. Mesmo um servo de Deus tão eminente quanto Spurgeon não teve no fim da vida outra teologia que não estas simples quatro palavras: “Jesus morreu por mim”. Não obstante, o objetivo de uma redenção genuína e real é presentear-nos com mais, com uma libertação verdadeira do mero “por mim” preso no eu, com uma libertação real para o “**por Cristo**”. Paulo não teve medo de que a igreja pudesse vir a dizer: muito bem, primeiro ele promete que seria nosso Redentor e realizaria tudo por nós, e agora ele vem com exigências para que façamos algo por ele ou até sofremos por ele! Que não-salvação, que duro e sombrio acorrentamento na prisão do eu seria expressa com tal reação! Paulo espera que os filipenses compreendam isso quando lhes diz: fostes ricamente presenteados e abençoados, porque vos foi concedido o “por Cristo”. Inicialmente esse “por Cristo” é bastante geral e abrangente. Por isso Paulo o antecipou com essa breve formulação. Ela inclui todo serviço para Cristo, toda vida para ele. A verdadeira existência cristã sempre percorre essas diversas relações entre Jesus e nós: “Por meio de Cristo” – “em Cristo” – “por Cristo”. Mas o

“por Cristo” evidencia sua verdade de forma particularmente pura quando se torna sofrimento por Cristo. Ele sofreu por nós, o justo pelos injustos. Agora nós como redimidos e reconciliados podemos sofrer por ele. Nós “podemos”. Por isso Paulo prossegue: a vós foi concedido **“não somente o crer nele, mas também o sofrer por ele”**. Por consequência, padecer por amor de Jesus não é uma sina amarga, da qual se anseia sair o quanto antes, mas uma dádiva que faz parte da vida cristã e é fruto da verdadeira redenção. Foi assim que Paulo considerou seu próprio viver, lutar e sofrer. Desse modo sua vida se torna um *agon*, uma “disputa”, na qual é preciso empenhar toda a energia em vista do grande prêmio de vitória. É a luta **“como vistes em mim”**. De forma a servir de exemplo para a igreja, Paulo viveu o presente do “por Cristo” logo no começo de sua atuação em Filipos. À noite no presídio, com as costas flageladas, os pés prensados no bloco, Paulo e Silas não resmungaram nem se lamentaram, mas louvaram a Deus, porque para eles também esse “por Cristo” era tão-somente graça. E agora **“eles o ouvem dele”**, precisamente nessa carta, que Paulo não exige ser inocentado e ter dias melhores, mas somente anseia ardentemente por uma coisa, que “Cristo seja engrandecido em seu corpo” – um poderoso “por Cristo”. É essa “luta”, portanto, que eles compartilham com Paulo. Que alegria e fortalecimento para eles, que se vêem tão ligados com seu apóstolo! Somente agora se desvenda integralmente para nós o que Paulo queria dizer em Fp 1.7: “meus participantes da graça, todos vós”. Sendo essa a situação deles, torna-se indiferente se o próprio Paulo virá pessoalmente até eles e presenciará tudo, ou se permanecerá separado deles, ouvindo à distância a respeito de sua situação. Importante é apenas que a igreja cumpra sua vocação e chegue ao alvo. Para isso, porém, a unidade na igreja constitui a premissa decisiva, da qual Paulo também se ocupa no trecho seguinte.

Com razão houve quem chamasse atenção para o fato de que no NT a palavra ocorre somente no plural. Um “santo” solitário e isolado é realmente inimaginável para o NT. O Cristo é o Criador da igreja e se faz presente na irmandade, ainda que seja formada apenas por dois ou três, reunidos em nome dele.

b) Fp 2.1-11: Sede unidos no verdadeiro amor!

- 1 – Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias,**
- 2 – completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento.**
- 3 – Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo.**
- 4 – Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros.**
- 5 – Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus:**
- 6 – pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus;**
- 7 – antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana,**
- 8 – a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.**
- 9 – Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome,**
- 10 – para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra,**
- 11 – “e toda língua confesse” que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.**

A tradução deverá reproduzir justamente aqui o ímpeto lapidar das afirmações de Paulo, para que possamos ouvir esse conhecido trecho de forma nova e estejamos abertos para as possíveis diferentes interpretações em termos gramaticais.

Paulo empenha-se pela unidade, pela unidade plena e profunda da igreja. Para nossa vergonha nosso cristianismo tão dividido e dilacerado precisa perceber a grande intensidade com que Paulo se preocupava com a unidade real da igreja, vivida aqui e agora. Para ele, a “una e santa igreja” não era apenas “objeto da fé”! Ele não visualizava o fundamento dessa unidade na “unidade da doutrina” nem a considerava sensivelmente ameaçada por diferenças no entendimento. Na presente passagem não se dá a menor atenção a essa questão. O que decide o fundamento da unidade ou a ameaça contra ela são coisas bem diferentes. A história da igreja evangélica, quando apoiada na “doutrina”,

evidenciou que essa maneira só leva a novos cismas, justamente porque nosso entendimento é “fragmentário” e por isso incompleto, e logo também diferente em todos nós. Sem dúvida o *phronein* aparece no centro deste bloco, definindo a unidade real da igreja: “**que penseis a mesma coisa**” e novamente “**tendo o mesmo pensamento**” (v. 2). *Phronein* certamente significa “pensar”, mas como o v. 5 mostra com peculiar clareza, não se tem em vista o “pensamento” teórico do teólogo, mas o pensar prático, subordinado ao querer, o “considerar que...”, a “mentalidade”. Trata-se do *phronein* de Jesus Cristo, que neste caso não é o raciocínio doutrinário, com o qual o eterno Filho de Deus sem dúvida poderia ter apresentado uma imagem condizente de todas as coisas. Aqui se trata do “pensamento” que conduziu o Filho de Deus do trono da glória para a vergonha da morte na cruz! Na unidade desse “pensar”, e não na unidade do conhecimento e da doutrina, é que reside a sólida e indestrutível unidade da igreja. Se todos “pensarem” da maneira como Jesus Cristo também pensou, como ele morreu por pecadores, não poderão se separar, hão de apegar-se aos irmãos.

- 1 Também neste caso Paulo é coerente com a linha básica de sua “ética evangélica”: antes de agir e realizar precisamos receber! Contudo, do receber resultará também um agir definido e resoluto que usa o que recebeu: “**Se há..., se há..., então...!**”
- 2 À igreja foi presenteada “**exortação em Cristo**”. O termo grego aqui, *paraklesis*, que conhecemos a partir do nome Paracleto e que descreve o Espírito Santo como “auxílio”, “advogado”, “consolador”, tem um significado básico semelhante ao termo seguinte, traduzido como “**consolação**”, “conselho”. Esse “conselho” pode servir para encorajar e exortar ou para erguer e consolar. Por isso há diversos estudiosos que traduzem a presente passagem de maneira justamente inversa: “Se há, pois, consolo em Cristo, se há palavra encorajadora de amor...”

No entanto, não é cabível pensar em termos “morais” diante da “exortação em Cristo”, nem em termos “sentimentais” diante da “consolação do amor”. Na igreja acontece a palavra de asseveração enraizada “em Cristo” e que, por isso, não permanece vazia, mas possui força para moldar; existe também a palavra para levantar, que vem do amor divino e por isso propicia ajuda eficaz. Além disso a igreja possui “**comunhão do Espírito**”. Isso não representa a comunhão entre eles no Espírito Santo, mas a “participação no Espírito”. O Espírito de Deus habita na igreja e cria nela sua obra. Visto que, porém, aquilo que o Cristo, o amor divino e o Espírito Santo nos concedem de fato se torna nossa propriedade pessoal, a própria igreja também possui “**afetuosidade e misericórdia**”. Como já vimos antes em Fp 1.8, mais uma vez fica explícito que a irmandade em uma igreja evidentemente não se limita a “sentimentos”, mas tampouco se resume apenas em atividades de ajuda e frias ações. Certamente as “entranhas” precisam ser movidas, e a aflição exterior e interior do irmão precisa despertar uma compaixão viva. No entanto, isso acontece na igreja!

A igreja recebeu tudo isso. Quando ela não despreza este presente nem o torna inócuo, mas o utiliza e vive dele, ela fortalece e preserva sua unidade. Paulo alegra-se com essa rica vida eclesial. Mas justamente pelo fato de terem tudo isso, ele pede: “**Tornai plena para mim a alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, concordes, considerando uma só coisa.**” Como é maravilhoso que aqui, na aparente vinculação com o próprio eu, se expresse justamente todo o amor não-egoísta! Paulo pede para si e para sua alegria aquilo que é, antes de tudo, um ganho bem específico dos filipenses. Mas justamente ao formular assim o pedido ele confere uma delicadeza inimitável à sua exortação, livrando-a de qualquer conotação que insinue intromissão de fora e de cima para baixo. Tudo o que foi dado à igreja coopera para a unidade dela, mas apesar disso a unidade ainda precisa ser especialmente buscada e preservada contra todas as perturbações. Com que facilidade somos divididos por aquilo em que fixamos nosso pensamento. Até mesmo o amor pode ser diferente em cada pessoa, ter intensidades diversas e uma clarividência distinta (cf. Fp 1.9s). Por isso Paulo se esforça por encarecer os componentes da unidade com múltiplas formulações.

- 3 Porque os velhos inimigos mortais da comunhão continuam vivos até mesmo em corações renascidos, subindo à tona repetidamente: “egoísmo” (cf. acima Fp 1.17) e “ânsia de afirmação”. É preciso lutar com determinação contra isso. O NT não diz que tudo entra nos eixos “por si só” em nossa vida de cristãos, e tampouco que basta a simples oração pela atitude correta. O NT conclama para o engajamento corajoso da vontade renascida: “**Nada por egoísmo ou por ânsia de afirmação!**” Positivamente é acrescentado o combate eficaz aos motivos vis, “**considerando pela humildade um ao outro mais importante que a si mesmo, não olhando cada um para o que é seu, mas também para o que é do outro**”. Novamente a tradução não é fácil. A palavra *hyperechein* pode apontar para uma mera superioridade hierárquica do outro, mas também para uma superioridade

qualitativa. Na conhecida passagem de Rm 13.1 afirma-se esse *hyperechein* da autoridade, do mesmo modo como em 1Pe 2.13 do “rei”. Paulo não espera que os membros da igreja por princípio considerem os outros “mais importantes”. Com certeza isso resultaria em uma “humildade” não-verdadeira e artificial. Seguramente, porém, amor e humildade podem fazer com que eu vá ao encontro do outro com uma reverência que o ser humano natural somente demonstra aos que estão em posição superior a ele. Posso “considerar o outro mais importante” que eu mesmo, ainda que seja o mais fraco e menos talentoso. O sentido literal de “humildade” é aquele “pensamento” que leva em conta o insignificante e “pequeno”. A “ânsia de afirmação” dá importância à própria pessoa, desejando para si a posição de destaque, a tarefa que traz fama, o lugar de visibilidade. E quando o outro obviamente também deseja tudo isso, a concórdia torna-se inviável na igreja e surge a ruptura na irmandade. Somente agora os entendimentos divergentes também se tornam perigosos, porque agora tem de valer exclusivamente a “minha” opinião. Já não consigo ouvir o outro com seriedade, deixando-me convencer talvez por suas razões bíblicas. Essa “ânsia de afirmação” igualmente pode ser evidenciada por um grupo inteiro na igreja. A “humildade”, porém, é isenta do eu e “objetiva”, inclusive ao examinar questões de entendimento. Tem prazer de realizar também o serviço pouco aparente, o trabalho que permanece nos bastidores, a obra insignificante, deixando com alegria aos outros aquilo que parece mais importante e obtém maior reconhecimento. Isso pode acontecer de forma autêntica e sincera sem uma avaliação não-verdadeira dos outros e das próprias realizações. “Paulo não fala de uma cortesia inverídica que enaltece o fraco como um herói e investe com cargos aquele que é incapaz de governar. Isso significaria instaurar novamente o domínio da vaidade sobre a igreja” (A. Schlatter). Obviamente Paulo tampouco se refere ao temor de assumir responsabilidade e ao comodismo mascarados de “humildade” e que se esquivam das grandes tarefas porque demandam o empenho total sob agruras e dores. “Quem ocupar a última posição na igreja dedicando plenamente todas as forças também agirá com a mesma fidelidade quando tiver de exercer a função da primeira posição” (A. Schlatter).

- 4 No mundo obviamente cada um cuida primeiro de si, pensa somente em si e tem o olhar atento apenas para os próprios interesses. Os interesses dos outros estão fora de seu verdadeiro campo de visão. Por isso tampouco existe no mundo verdadeira comunhão, mas somente o medo recíproco e a ciumenta autodefesa contra o outro. Na irmandade da igreja de Jesus pode e deve ser diferente. Nela os irmãos podem se apoiar mutuamente, de modo que **“não tenha cada um em vista o que é seu, senão também cada qual o que é dos outros”**. Paulo não exige que eu negligencie as minhas coisas e somente me engaje em favor dos outros. Assim eu somente causaria dificuldades à igreja e demandaria de outros a atenção para aquilo que deixo de fazer por mim e pelos meus. Porém Paulo espera que meu olhar de amor e preocupação “também” caia sobre as necessidades, dificuldades e aflições do irmão, e presume que para isso ainda restem tempo, energia e capacidade em quantidade suficiente. A instrução não é que para que igreja se subdivida entre os que deixam que outros cuidem deles, e os que dedicam tudo aos outros. De forma enfática aparece na exortação o “cada um”. Mas, se “cada um” lembrar do próximo, ninguém será prejudicado e ninguém será sobrecarregado. Então haverá na igreja uma alegre concórdia.

Nada disso são “ideais”. Costumamos concordar fácil e prontamente com estes. Não se trata de ouvirmos uma pregação dessas respondendo “sim, é verdade, é assim que deve ser entre cristãos”! Paulo simplesmente deseja que isto se concretize real e efetivamente nessa igreja de Filipos. Isso é difícil! O próprio Paulo sabe como é difícil. Por isso ele não se satisfaz com os motivos citados no começo do bloco, nem com as dádivas que existem na igreja, nem com o pedido: enfim, tornai plena a alegria para mim, vosso apóstolo, prisioneiro para o evangelho! Justamente aqui ele conclama para o mais poderoso impulso que existe de fato na igreja de Jesus: olhar para Jesus! Assim acontece o singular fato de que esse ensaio sobre a “ética cristã” desemboca repentinamente em um dos textos mais importantes da “dogmática” neotestamentária, em que essas instruções sobre a forma concreta da vida eclesial acabam na descrição adoradora de Jesus!

Nossa teologia jamais deve esquecer: essas frases sobre Jesus, das quais a dogmática dos séculos se alimentou em todos os tempos, não são fruto de um interesse “dogmático”! Não foram inventadas por um solitário teólogo pensador cujas indagações teóricas giravam em torno do mistério da pessoa de Jesus. Não foram formuladas por um lutador arguto, a fim de separar a “pura doutrina” da heresia. Foram ditadas por um homem que com humildade e amor lutava pela verdadeira concórdia de seus irmãos. Essas frases, com todo o seu teor dogmático, são parte dessa luta.

Por isso também as famosas linhas a seguir (que todo cristão deveria saber de cor) não visam solucionar problemas teológicos teóricos. A leitura correta delas não é a que nos dá a imagem dogmática mais clara possível da encarnação, humilhação e exaltação do Filho de Deus, mas a que abala nosso coração egoísta e vaidoso por meio da trajetória seguida por Jesus, e que faz esse coração, vencido pelo amor de Jesus, enveredar prontamente pelo mesmo caminho em grata adoração.

- 5 Está em jogo o “exemplo” de Jesus. **“Tende consideração em vós por aquilo que também (havia) em Jesus Cristo”!** Mas não se trata do exemplo de uma “pessoa nobre” à qual devotamos “admiração” sem que nós mesmos sejamos mudados. Aqui somos confrontados com uma história extraordinária. Evidentemente ninguém pode provar que isso é “história”, e não “mito”. Cada indivíduo, porém, deveria conscientizar-se com toda a simplicidade de que todo esse testemunho perderia o valor e a força se fosse apenas “mitologia”, e não história. As ações e as experiências de um personagem mitológico deixam-me completamente indiferente. Na verdade não tem nada a ver comigo. Se o caminho aqui descrito tiver realmente sido trilhado por Jesus, o Jesus a quem conheço, a quem amo, a quem pertenço, porque ele é “meu” Jesus, meu Redentor, minha “vida”, somente então o aqui relatado mexerá com todo o meu ser. Então receberei algo que nenhuma filosofia existencial é capaz de me proporcionar, mas que todos aqueles que leram essas palavras de coração aberto na longa história da igreja de Jesus receberam. Paulo evidentemente não faz nenhuma tentativa para “demonstrar” a veracidade de todas essas afirmações. Não é possível provar - somente é possível ouvir e captar pela fé mediante o Espírito Santo.
- 6 Essas informações não se referem a um ser humano, por mais nobre e eminente que tenha sido, mas sobre aquele de quem é preciso afirmar: **“Ele, existindo em forma de Deus, não considerou roubo o ser igual a Deus.”** Existindo em forma de Deus – ouvimos esse límpido testemunho de inúmeras maneiras no NT: ele é o “Verbo” que “estava com Deus” e era “Deus por natureza”, diz João. Ele “é a réplica exata do ser de Deus, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder”, diz a carta aos Hebreus. Ele é a “imagem do Deus invisível”, “por meio dele e em direção dele foram criadas todas as coisas”, diz a epístola aos Colossenses [1.15s]. Jesus participa da divindade de Deus, Jesus possuía a “imagem de Deus” pelo fato de que o próprio Deus se expressou nele, de Deus ter apresentado nele uma réplica de seu ser, sua imagem diante de si, de que por meio dele Deus proporcionou origem e alvo ao universo e à riqueza que abrange coisas visíveis e invisíveis. Obviamente ninguém é capaz de “entender” isso. Quem ousaria captar os mistérios últimos de Deus! Mas na realidade todo o evangelho repousa sobre o fato de que em Jesus está conosco aquele que veio do coração do Pai. Para Paulo esse mistério é tão inteiramente verdadeiro que ele não o explica nem interpreta, somente dizendo uma breve palavra acerca dele: **“existindo em forma de Deus”**. No entanto não cabe compreender a “forma” como oposta ao “ser”. O termo grego *morphé* expressa justamente a “essência”. Jesus era partícipe do “jeito” de Deus. Bela é a formulação de Lutero: “O Filho do Pai, Deus por natureza...”

Agora, porém, Paulo se torna eloquente! Não cabe penetrar nos insondáveis mistérios do ser de Deus, mas no coração, no “pensar” de Jesus. Maravilhoso: enquanto toda a doutrina da Trindade da igreja só consegue fazer tentativas de delinear (e no máximo com termos negativos) os mistérios da natureza de Deus, mas sem aproximá-la de nosso entendimento – aqui podemos **compreender!** O que constatamos no coração do Filho de Deus? Como ele se apercebe de sua existência divina? Todos conhecemos em nós mesmos o doce sentimento de enlevo com o qual nos damos conta de nossos dons e capacidades, de nossa posição e nossa influência. Sabemos que consideramos tudo como nossa propriedade, agarrando-a a defendendo-a com tenacidade. Sendo o Filho, a partir de Deus, fundamento e alvo de todas as coisas, como ele deve refestelar-se nisso, como ele deve desfrutá-lo, exercendo seus direitos de soberania! Sim, temos uma noção do que significa o fato de que o olhar para dentro do coração do Filho revela algo completamente diferente: **“Ele, existindo em forma de Deus não considerou um roubo ser igual a Deus.”**

Meditou-se muito sobre a curiosa expressão **“não considerou um roubo”**. O termo em si pode referir-se tanto ao ato de roubar quanto ao produto do roubo, os despojos, ou ainda, em sentido mais brando, também a um presente do acaso, a um achado de sorte. Os dois últimos significados resultariam no seguinte sentido nesta passagem: Jesus não considerava o “ser igual a Deus”, a existência em forma de Deus, como algo que tivesse de ser segurado e aproveitado como um roubo ou como uma coincidência. Essa aceção já é suficiente para nos atingir de forma poderosa:

agarramos, dilapidamos e usufruímos nossa vida e nossa sorte realmente como um “roubo”. No entanto, será que esse texto e a estranha escolha da expressão não são também iluminados por uma luz muito diferente se levarmos em conta que Paulo conhecia bem o sedutor que havia tentado os humanos no paraíso com o “ser igual a Deus”, pois esse desejo violento e rebelde ardia também em seu próprio coração? Satanás de fato considerava um roubo ser igual a Deus! Sob essa ótica a primeira frase deste texto já teria em vista a história da salvação no tocante à primeira queda e ao arqui-inimigo. Afinal, toda a trajetória de Jesus descrita por Paulo tornou-se necessária somente por causa da queda do ser humano e por sua profunda miséria. O causador dessa queda, que foi enfrentado pelo próprio Miguel com um “Quem é como Deus?!”, o arqui-inimigo que tentou roubar para si e usurpar o “ser igual a Deus”, é combatido pelo anulador da queda, o Filho, que era legítimo proprietário da forma de Deus e não a transformou em “roubo”, contrastando radicalmente com o pensamento mais íntimo do inimigo. Para ele, ser igual a Deus é puro presente do amor. A cada instante ele encara este presente como dádiva maravilhosa de forma tão pura e integral, que o seu próprio desejo é possuí-la somente nessa mais íntima das liberdades, que não levanta a menor “reivindicação” por ela e não procura apegar-se a ela com todas as forças. Ó íntima mentalidade do coração do Filho de Deus, como te admiramos! Prostramo-nos diante de ti! De ti brotou tudo o que vemos diante de nós em tua obra temporal. Essa mentalidade é a luz julgadora sob a qual nos compete colocar nosso próprio coração. E mais: a obra do Filho é exatamente que sejamos purificados da mentalidade satânica, que nos infesta, e inseridos nesse pensamento de Jesus. **“Tende consideração em vós por aquilo que também (havia) em Jesus Cristo!”** É assim que eles, os “santos em Cristo Jesus” em Filipos, podem conviver uns com os outros, de modo que ninguém mais, em seu coração, considere como roubo a posição, a capacidade ou a propriedade que tem, de maneira medrosa ou impertinente.

- 7 O “pensar” que habitava o coração do Filho não permaneceu oculto ali, mas manifestou-se como ação, uma série de ações. Ele **“a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de escravo”**. O começo de tudo foi a obra do arqui-inimigo, que levou para o mundo sua rebelião satânica contra Deus, que fez com que o ser humano caísse, arrastando assim toda a criação para uma nefasta miséria. Neste trecho, porém, Paulo não diz nada disso. Seu olhar dirige-se exclusiva e integralmente para o agir de Jesus em si, que é visto unicamente em sua relação com Deus. Isso é muito salutar para nós, que, por natureza e egoistamente, consideramos Jesus apenas como “nosso” Salvador, sempre aquilatando somente o que seu agir renderá para nós, esquecendo-nos por isso que ele era o “Filho” cujo amor foi devotado primeiro ao Pai e tinha em vista primeiramente o direito de Deus, a honra de Deus e a causa de Deus. Também nesse aspecto deixemo-nos envolver pelo pensamento que havia em Jesus Cristo, acompanhando o raciocínio de Paulo, com a ajuda iluminadora do Espírito Santo!

Entretanto – será que um pobre pecador seria capaz de ler tudo isso sem ao mesmo tempo ouvir nas profundezas de seu coração quebrantado e admiravelmente ditoso em tudo o “Por tua causa!”, “Por tua culpa!”, “Por ti!”? O exemplo de Jesus não se torna eficaz somente pelo fato de que nós, miseráveis, orgulhosos, desobedientes, estamos envolvidos nessa história de Jesus, porque ele a sofreu por nós? Porém, com toda a certeza Paulo não pretende nos lembrar disso. Ele não é um teólogo de abstração, que ao mencionar a morte de Jesus na cruz seria capaz de repentinamente se esquecer de tudo o que sempre anunciara sobre o significado salvador dessa morte. Um pecador na verdade somente é capaz de ler esses versículos da carta aos Filipenses de joelhos, agradecendo àquele que trilhou esse caminho para sua salvação. Mas justamente então podemos nos alegrar em adoração pelo fato de que nosso Redentor é o Filho de Deus, cujo relacionamento com Deus, conforme mostrado aqui por Paulo, constitui o fundamento imprescindível de nossa redenção.

Em nós pode haver um profundo abismo entre o que pensamos e como agimos. É essa a nossa miséria que Paulo descreveu em Rm 7.14 ss. Não vemos nada desse abismo em Jesus. Seu pensamento torna-se ação integral. Ao abrir mão de tudo, comprova que não considera nada do que o amor de Deus lhe concedeu como “roubo”; ele abre mão de tudo de forma tão completa que adquire a “figura de um escravo”, a quem não pertence nada, nem mesmo seu próprio corpo e sua própria vida. Não deixa de ser relevante notar que Paulo não tenha escrito “assumiu figura de escravo esvaziando-se”, mas: “esvaziou-se, assumindo forma de escravo”. O “despojar-se” é o processo fundamental e decisivo que tornou realidade o “não considerar um roubo”. Aceitar a figura de escravo apenas caracteriza a profundidade à qual o esvaziamento chegou. Talvez devêssemos dar preferência à tradução literal e rude “tornou-se vazio” ou “tornou-se em nada” em lugar da expressão

“ele se esvaziou”, que já se tornou “bela” e “edificante” pelo longo costume cultural. É assim, portanto, que precisamos ver Jesus, o ser humano Jesus na terra! “Homem-Deus” não é a mesma coisa que “metade humano, metade Deus”. Jesus na verdade não é um filho de deuses disfarçado, que “na realidade” esconde puro ouro e prata debaixo de seu precário invólucro. Sem dúvida persiste o fato incrível sem o qual não haveria salvação para nós e o mundo: esse ser humano Jesus é Deus! Embora a expressão grega “*morphé* de Deus” e “*morphé* de um escravo” sugira essa associação no nosso idioma, não há nenhuma “metamorfose” nesse processo. Não se trata de “transformação” de “substâncias”. A tradução “embora *tenha* estado em forma divina” não nos deve levar a equívocos. “Existir em forma de Deus” é algo eterno e imperdível em si mesmo. Mesmo sobre o ser humano Jesus na caminhada da paixão, e justamente ali, paira a afirmação divina “Este é meu Filho amado, no qual me comprazo”.

Mas a divindade tampouco foi revestida do invólucro irrelevante da humanidade. Há seriedade total na encarnação. Por isso Paulo acrescenta “**tornando-se em semelhança de humanos**” e “**reconhecido em estatura como humano**”. O termo grego para “tornar-se” possui múltiplos sentidos. Pode expressar simplesmente: “veio a ser um ser humano igual a outros” (Heinzelmann). Mas também tem a conotação de “vir, apresentar-se”, de forma que significaria: “apresentou-se em figura humana” (Weizsäcker). E por fim também se refere especificamente ao nascimento: “nascido à imagem dos humanos” (Schlatter)! As três traduções mostram como pode ser difícil captar e reproduzir corretamente as palavras gregas. Não é possível chegar a uma decisão meramente por razões lingüísticas. Mas, independentemente da versão escolhida, precisamos enxergar o ser humano Jesus em toda a sua existência na terra dessa forma: esvaziado, “figura de Deus” em “figura de um escravo”. Isso não pode ser captado com a razão, aqui fracassam todas as categorias da “doutrina das duas naturezas”. A “figura de Deus” e a “figura do escravo humano” estão simultaneamente presentes em Jesus. Não do ponto de vista da “substância”; somente conseguiremos começar a entender isso usando figuras, p. ex., imaginando um pai que, ao lidar com o filho, “existindo na qualidade de adulto se esvazia e assume o modo de ser de uma criança”. Podemos declará-lo somente por meio da mais audaciosa contradição mental: a verdadeira divindade de Jesus é justamente despir-se de toda a “divindade” e escolher a figura de escravo. É justamente disso que é capaz somente quem é participante do poder criador de Deus: para qualquer outro isso seria um mero jogo de “disfarce”. Contudo, o que não pode ser “imaginado” apesar de tudo aparece diante de nós com toda a simplicidade e constantemente cativa o coração que adora e canta na igreja de todos os tempos. É assim que a criança jaz na manjedoura: ele, existindo em forma de Deus – uma indefesa e frágil criança como todos os filhos humanos, totalmente esvaziada de qualquer soberania e magnitude, precisando de fraldas. É assim que ele aparece na tentação: será que o Filho de Deus precisa sofrer fome? Sim, porque um escravo não se serve de pão, mas possui somente o que seu senhor lhe dá. É assim que ele se mostra em seu serviço: “O Filho não pode fazer nada por si mesmo” e “Essa é minha comida, que eu faça a vontade daquele que me enviou e conclua a obra dele”. Por isso não veio como “senhor” para que lhe servissem, mas para servir e render sua vida. Por isso realiza a pequena obra na terrinha da Palestina em meio ao obstinado povo de Israel, deixando que o sobrecarreguem com todos os fardos da miséria humana. Por isso pende da cruz, privado das roupas, mãos e pés pregados, totalmente esvaziado, totalmente escravo, a quem não pertence nem mesmo o próprio corpo, em impotência absoluta, presa indefesa das dores e da morte – ele, que detinha o poder e a glória de Deus. Contudo, somente por isso essa vida humana e essa morte são algo totalmente diferente dos inúmeros destinos sofridos que seres humanos suportam neste terrível mundo. Essa vida humana, essa existência de escravo e essa morte foram escolhidas livremente por aquele que dispunha do direito de ser igual a Deus. Por isso ela é a glorificação do Pai por meio do Filho, por isso ela é minha salvação e a redenção do mundo inteiro.

Diante disso, porém, será que haveria pessoas em Filipos que deveriam doar, ceder, tornar-se humildes, mas que declarariam: “Não se pode exigir isso de mim. Isso é demais para minha boa vontade!”? Será que qualquer um deles, Paulo ou os filipenses, ainda pode reivindicar quaisquer direitos no serviço a esse Jesus? “Esvaziar-se”, renunciar, tornar-se pequeno – será que ainda seria difícil agir assim depois de ouvir acerca desse Jesus e da forma com que ele abriu mão do que tinha: passando da forma divina para figura de escravo? Será que esse incrível salto para as profundezas poderia ser comparável ao salto de um pecador perdido e condenado para se tornar escravo desse Jesus? Se em algum momento houver problemas com a concórdia e comunhão dos irmãos porque

alguma coisa ainda está sendo retida, então Jesus ainda não foi corretamente apreendido. É justamente por isso, não para escrever capítulos de uma obra doutrinária, que Paulo mostra Jesus aos filipenses.

- 8 Ao prosseguir Paulo diz: **“E reconhecido em atitude como humano, humilhou-se a si mesmo, tornado obediência até a morte, mas à morte da cruz”**. Torna-se completamente impossível ignorar a relação desse agir de Jesus com o evento do trágico pecado. É verdade que aqui tampouco é dita uma palavra clara a esse respeito. Primeiramente é o amor filial de Jesus que brilha aqui com seu fulgor próprio e soberano. O Filho deseja mostrar ao Pai: Pai, tu me elevaste tanto e me presenteaste tão ricamente. Aconchegaste-me ao teu coração quando brotei do teu coração, concedeste-me a igualdade contigo – Pai, justamente por isso desejo dedicar a ti toda a perfeita obediência, a obediência capaz até mesmo do impossível: morrer a morte sem Deus, a morte de um maldito na cruz! Precisamos ter em vista que para a Bíblia “morte” não é simplesmente um evento natural, mas um poder, um “inimigo”, a esfera de poder de Satanás (1Co 15.26; Hb 2.14; Ap 20.14). Foi nesse reino da morte que o príncipe da vida penetrou submissamente. Certamente faremos bem em primeiramente nos aquietar e contemplar silenciosamente esse amor filial de Jesus. Até mesmo no eterno Filho de Deus o amor do coração somente é consumado na realização do ato. “Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8). Ao mesmo tempo, porém, não somos nem mesmo capazes de ver tudo isso sem imediatamente reconhecer sob essa luz também o pecado em sua forma cabal. Pecado é desobediência! Pecado é a autonomia arrogante que se contrapõe a Deus: quero ter minha própria vida, não quero obedecer, quero seguir minha própria vontade. “Dá-me, Pai, a parte dos bens que me cabe”. Ou, potenciado à máxima insolência: nem mesmo existe um “Pai” que tenha algo a me dar, tudo é simplesmente meu! A primeira desobediência no paraíso desencadeou a avalanche da desobediência, aquela avalanche de desgraças, de trevas e sofrimentos que chamamos de “história universal”. Cada pecado individual volta a ser desobediência, os menores pecados são desobediência, aumentando essa avalanche e sendo arrastados por ela. Deus fala, Deus adverte e suplica. Eu, porém – não quero! Essa é a dor do Filho que ama o Pai: Pai, como te desonram com sua desobediência devota ou insolente, todos eles, todos! Pai, deixa-me restabelecer a tua honra! Quero espontaneamente demonstrar que obedeço a ti como um escravo obedece a seu senhor. Pai, ordena-me o mais terrível. Pai, diante de todos os anjos e diante dele, o autor de toda desobediência contra ti, eu serei obediente! “Humilhou-se, pois, a si mesmo, feito obediência até a morte, porém, à morte da cruz”.

Por essa razão o perdão chega a nós, desobedientes e rebeldes, por meio dele. Quem se rende ao Filho obediente, quem se torna membro no corpo desse cabeça, a esse Deus pode absolver. Por isso, no entanto, também é impossível parar na mera “justificação forense”, uma absolvição apenas formal. Quem se entrega a ele, a esse ele torna obediente. Mais adiante Paulo retomará esse ponto.

- 9-11 Agora, porém, ele novamente deixa tudo isso de lado. Primeiro acrescenta um “por isso” bem diferente: **“Por isso Deus também o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus ‘todo joelho se dobre’, dos celestiais, dos terrenos e dos subterrâneos, e ‘toda língua confesse’ que Senhor (é) Jesus Cristo, para glória de Deus, o Pai.”** O Filho demonstrou ao Pai todo o amor e conseqüentemente toda a obediência. Deus aceitou isso, esperando de seu Filho amado o ato extremo. “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou”, entregou-o ao ponto de abandoná-lo na cruz. Mas justamente por isso o fim não podia e não foi esse. Ao profundo amor de entrega do Filho corresponde o poderoso e sublimatório amor do Pai. A trajetória de Jesus levou-o à extrema profundidade, agora ela o eleva à maior altura. Jesus, que se tornou vazio e nada, agora recebe a plenitude. Tornou-se escravo, agora passa a ser Senhor. Renunciou a todos os direitos e toda a honra, agora todo joelho terá de curvar-se diante dele e toda língua terá de reconhecer sua honra.

Recordamos: “por isso Deus também o exaltou”. No entanto, Paulo escreveu: “exaltou excessivamente”, elevou à altura máxima. Isso não é somente uma expressão de intensidade, da forma como nós às vezes empregamos as formulações vigorosas, particularmente no linguajar religioso. Paulo quer dizer exatamente o que está dizendo. Torna-o explícito de forma quase assustadora.

Deus concede a Jesus **“o nome acima de todo nome”**. A princípio isso não diz nada. “Nome é ruído e fumaça”, exclamava o Dr. Fausto, de Goethe, com uma sensibilidade tipicamente moderna. Hoje nomes são questão de moda e não significam mais nada para nós. Qual é a “Renata” que se

lembra de que se chama “Renascida”? Até mesmo se entendermos “nome” como “título” – como o mundo moderno abusou de títulos! Hoje “general”, amanhã “delinqüente”, depois de amanhã “mártir” e no dia seguinte novamente esquecido – nesse vaivém, o que, afinal, de fato tem validade? Não obstante percebemos ainda aqui e acolá que também para nós o “nome” pode sintetizar toda a essência. Para o velho viúvo solitário, o nome feminino comum de sua esposa descortina um mundo de amor e fidelidade, uma vida inteira rica, plenamente vivida! Um grande nome da História é capaz de desencadear reações significativas até hoje. É óbvio, porém, que todos os nomes humanos são pequenos, tendo um âmbito de vigência limitado no tempo e no espaço. Resta perguntar se também Deus os reconhece e os “anota no céu”, conferindo-lhes perenidade. A Jesus, porém, ele concedeu o “nome acima de todo nome”, ou seja, o nome no qual todo o conteúdo e vigor que sentimos parcialmente em um ou outro nome foi consumado e se tornou presente para o universo e para todas as eras. Paulo não diz que Deus teria atribuído a Jesus um novo título, de nível superior. Assim agem os poderosos deste mundo para honrar os que lhes servem. No caso de Jesus, porém, Deus agiu de forma muito mais gloriosa: exatamente esse “Jesus” é agora o “nome acima de todo nome”! Isso se evidencia pela continuação: **“Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho.”**

Por essa razão não temos motivos para acompanhar aqueles na igreja que consideram o nome de Jesus insignificante e acreditam que devem preferir falar de Jesus com títulos litúrgicos ou teológicos. O nome, que o próprio Deus transformou em nome acima de todo o nome, também pode ser tranqüilamente o nome maior, mais sublime e mais belo. Afinal, a igreja experimenta repetidamente: justamente quando tudo está em jogo, quando a autoridade da igreja é capaz de libertar pessoas da culpa ou fortalecer-las na enfermidade, quando ela precisa passar pela mais árdua batalha, quando precisa opor-se aos poderes das trevas e libertar seres humanos de laços diabólicos, então caem por terra todas as expressões litúrgicas e títulos dogmáticos, então é no singelo nome de Jesus que reside exclusivamente todo o poder e a vitória. Agora a igreja começa a experimentá-lo. Virá, contudo, o dia em que esse começo será concluído com magnitude imensa. Então esse nome “Jesus” fará com que todo o joelho se dobre. Paulo acrescenta expressamente: **“dos celestiais, dos terrenos e dos subterrâneos”**. Não haverá exceção. Os habitantes do mundo celestial, a multidão infindável dos anjos, já fazem isso agora com alegria e hão de fazê-lo muito mais quando o mistério que desejam perscrutar (1Pe 1.12), o mistério de toda essa trajetória do Filho, aparecer limpidamente diante deles. Os “subterrâneos”, na medida em que isso se refere a poderes demoníacos, igualmente também já temem o nome de Jesus, como já ficou explícito nos evangelhos (Mc 1.23-26; etc.) e como a igreja de Jesus pôde experimentar em todas as épocas. Com “subterrâneos” Paulo provavelmente deseja referir-se aos moradores do reino dos mortos. Bilhões de pessoas passaram por esta terra e morreram sem ter conhecido Jesus. Todas elas o conhecerão, todas dobrarão o joelho diante dele. E os “terrenos” são as pessoas sobre esta terra, os grandes, famosos, e os pequenos, desconhecidos. Atualmente milhões ainda não sabem nada a respeito de Jesus, milhões o rejeitam, desprezam, ridicularizam ou odeiam, porém esses milhões hão de se ajoelhar diante dele, todos, sem exceção! Então não será possível evitar que esse curvar dos joelhos seja muito diferente. Com que júbilo e beatitude se ajoelharão diante de Jesus aqueles que se deixaram salvar por ele, que por isso o amaram e viveram para ele! Com que pavor cairão de joelhos aqueles que passaram orgulhosamente por ele ou o combateram!

Que imagem Paulo faz surgir diante de nós: todo o imenso universo, com todos os seus habitantes, em uma única reunião gigantesca de joelhos diante de Jesus! Esse é o verdadeiro alvo da esperança bíblica e de toda esperança de futuro autenticamente cristã. Agora entendemos muito bem com que facilidade ambas as coisas se unificavam para Paulo: a esperança pessoal para sua morte e o apego à grande escatologia de abrangência cósmica. Se já deixou em segundo plano seu desejo pessoal “de partir e estar junto de Cristo”, em vista da perspectiva do “fruto do trabalho”, do serviço a suas igrejas, quanto mais não o consideraria cabalmente ínfimo e desimportante quando está em jogo a glória de seu Senhor Jesus e, por conseguinte, a glória de Deus, o Pai!

Para Paulo, pessoalmente, morrer e estar junto de Cristo certamente é “muito melhor”. Mas na realidade ele não vive para si e sua própria felicidade. Vive para Jesus, o Filho de Deus, que o amou e a si mesmo entregou por ele. Por essa razão seu coração anseia poderosamente, além da felicidade pessoal junto de Cristo, por aquele dia em que Jesus, o Crucificado, o ignorado e desprezado, receberá a adoração de todos os joelhos e lábios do universo. “Partir para o lar, entrar na felicidade eterna – que maravilhosa palavra!” Sim, com toda a certeza. Porém de forma alguma mereceríamos o

amor que ele investiu em nós se nos contentássemos egoisticamente com ele e encerrássemos nossa esperança e expectativa nesse ponto! Também o coração da igreja de hoje deve acender-se novamente com tal intensidade que nenhuma bem-aventurança pessoal a satisfaça, pelo contrário, que todo seu anelo vise atingir aquela hora em que o Pai conceder ao Filho a glória mais que suprema diante dos olhares de todos.

Ainda mais poderosa se torna a gravidade desse “**Deus o exaltou sobremaneira**”. Afinal, a palavra de que todo joelho se dobrará e a sua continuação referente à confissão que toda língua fará, é uma citação do AT. Mas, ao conferirmos a palavra em Is 45.23 descobriremos que ali ela se refere ao próprio Deus! É um juramento de Deus, no qual Deus declara acerca de si mesmo: “Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua.” Aquilo que o Deus eterno e vivo, o Deus da aliança, Javé, reivindicou para si mesmo, ele dedica agora a Jesus! Por isso não há como captar o conteúdo desse “jurar”, dessa exaltação, desse “confessar”, desse *Kyrios Iesus Christos* de outra maneira que não entendendo *kyrios* como aquele “Senhor” com a qual a tradução grega da Bíblia [LXX] reproduziu o nome hebraico de Deus “Javé”. Portanto, o que o coro de milhões de vozes e línguas de todo o universo confessa é: “Javé Jesus Cristo”! Tudo o que Deus fez, faz e fará como “Javé”, o Deus da aliança, aquele que institui a comunhão com os humanos, tudo isso foi entregue a Jesus! Agora todos o descobrem e reconhecem: todo o amor de Deus aos seres humanos, toda a graça que Deus jamais demonstrou, toda indulgência, toda paciência com um mundo pecador – tudo repousa exclusivamente em Jesus, no esvaziamento, serviço e obediência de Jesus, e aconteceu unicamente por causa dele.

Será que a glória do próprio Deus não é obscurecida assim? Afinal, é isso que muitos temem na igreja quando a comunidade de Jesus exalta e adora esse único nome. Mas Paulo declara: é assim que a glória de Deus é posicionada na mais clara luz! Porventura algo que o próprio Deus realiza poderia “obscurecer” a Deus?! Sim, se Jesus tivesse lutado pessoalmente por essa posição e honra, ou até mesmo as tivesse usurpado, então Deus evidentemente teria sido “suplantado”. Era isso que o arqui-inimigo queria. Porém o Jesus “exaltado sobremaneira” na verdade é precisamente aquele que por amor ao Pai tornou-se a si mesmo vazio e nada, o Filho que foi obediente ao Pai, obediente até a morte maldita na cruz. Como poderia haver o menor vestígio de “prejuízo” para o Pai em sua exaltação? Tudo o que Jesus possui agora é pura dádiva. Ao descrever a concessão do nome acima de todo nome Paulo propositadamente deixou de usar a palavra “dado”, mas utilizou um termo que destaca toda a característica do presente concedido por soberana graça. O que poderia honrar mais ao Filho do que “não considerar um roubo ser igual a Deus”, mas comparecer perante o Pai em figura de escravo, servindo e obedecendo? O que pode honrar mais ao Pai do que presentear o Filho obediente com todas as honras, com amor e superabundância divinos, elevando-o à sua direita no trono: Javé – Jesus?

Desse modo Deus revela a seus inimigos, a todos os anjos, a toda a humanidade e, logo, também aos filipenses, que ninguém que enveredar para Deus pelo caminho do esvaziamento, da obediência e do serviço será prejudicado. O filipense que prontamente ficava em segundo plano em relação aos irmãos, que gostava de realizar o serviço humilde e inexpressivo, que de bom grado abria mão de seu “direito” e sua “honra”, pode olhar para Jesus e ficar completamente despreocupado: justamente nesse caminho Deus presenteia com graça abundante!

c) Fp 2.12-18: Exercei obediência para valer!

12 – Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor;

13 – porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.

14 – Fazei tudo sem murmurações nem contendas,

15 – para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo,

16 – preservando a palavra da vida, para que, no Dia de Cristo, eu me glorie de que não corri em vão, nem me esforcei inutilmente.

17 – Entretanto, mesmo que seja eu oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, alegro-me e, com todos vós, me congratulo.

18 – Assim, vós também, pela mesma razão, alegrai-vos e congratulai-vos comigo.

- 12 **“Portanto, amados meus”** – interpelando afetuosamente os destinatários da carta, Paulo traça as conseqüências da descrição da trajetória de Jesus, e na verdade de todo o trecho desde Fp 1.27, que também já falava de “salvação” em Fp 1.28. Mas não reitera as exortações para as quais já proporcionara um resumo conclusivo nesse relato, as exortações para a concórdia e humildade cheia de amor, mas agora dá prosseguimento ao que se revestiu de tanta importância para ele na imagem de Jesus: a obediência. A rigor ele não diz nenhuma novidade aos filipenses, não é apenas agora que os convoca a obedecer. “Crer” e “obedecer” eram tão estreitamente ligados para Paulo que ele foi capaz de criar a fórmula “obediência de fé”. A fé dirige sua confiança àquele em quem só é possível confiar por meio da obediência. Foi esse o fundamento das instruções de Paulo para todas as igrejas, foi isso que também os filipenses ouviram desde o começo. Por isso Paulo pode confirmar a eles: **“Como sempre obedestes.”**

Evidentemente temos toda a razão para ficar alertas nesse ponto! Aqui se mostra uma linha nítida e forte do NT que se tornou demasiado estranha para nós. Uma proclamação unilateral nos acostumou a pensar que o cristianismo de fato trata apenas de “graça”, de “perdão”, de “ser presenteado”, de “ser bem-aventurado”. Já nos consideramos um tanto condescendentes para com Deus quando, ao contrário de tantos outros, nos prontificamos a aceitar essas dádivas dele. A isso se agrega um segundo aspecto. Quando, por volta do ano 1800, se tratou pela primeira vez de assegurar um lugar para o “cristianismo” (e até mesmo para a “religião”), em vista dos olhares críticos de seus “desprezadores”, Schleiermacher acreditou poder situar no “sentimento” o ambiente mais precípuo que não poderia ser tirado da “religião”. Desde então penetrou profundamente no pensamento do ser humano moderno, também na igreja, a opinião de que “religião” e “cristianismo” têm a ver com sentimentos e estados de ânimo. Em seguida essa opinião mesclou-se com resquícios da doutrina da justificação da Reforma, com “graça” e “ser bem-aventurado”, moldando nossa atitude involuntária diante do cristianismo. Em decorrência o ser humano de hoje busca “edificação”, “enlevo”, “consolo” na igreja. Como poderia estar aberto para algo tão sóbrio e duro como a “obediência”?! Nesse ponto a igreja precisa superar um pensamento equivocado profundamente enraizado. Para isso é importante que vejamos e compreendamos de forma completamente nova a obediência na imagem do Redentor e que a “obediência”, inseparavelmente associada à “fé”, perfaz o ser cristão.

Os filipenses foram obedientes em todo o tempo, mas evidentemente não a Paulo, e sim a Deus e ao Senhor Jesus em sua palavra. O próprio Paulo somente tinha uma função nisso por ser o “autorizado do Cristo”. Apresentara-se entre eles em favor do Senhor, confirmando e explicando a palavra dele. Por isso, seria possível que **“na presença dele”** a obediência fosse mais fácil e zelosa. Com alegria Paulo pode atestar a seus “amados” que a obediência caracterizava a vida eclesial deles mesmo **“agora muito mais em sua ausência”**. Naturalmente a expressão “muito mais” não deve ser entendida em termos quantitativos. Na ausência de Paulo os filipenses não eram ainda mais obedientes do que antes, mas agora eles eram obedientes “para valer”. Na realidade entendemos todas as palavras desde “não só...” até “...minha ausência” como uma observação intercalada que ainda depende de “sempre fostes obedientes”. No entanto, essas palavras também podem ser ligadas à frase seguinte, definindo seu predicado no “desenvolvi a vossa salvação”. Depois, no enunciado vivo do ditado uma idéia e frase fluíram para dentro da outra.

- 13 Causa, porém, grande surpresa a solicitação: **“com temor e tremor desenvolvi a vossa salvação”**. Mais surpreendente ainda é sua justificativa: **“Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar.”**

Nossa primeira impressão é um extasiante contraste com a linha básica da proclamação bíblica protestante que conhecemos. Porventura não dizemos e ouvimos com toda a clareza, e de forma bem unânime, independentemente de sermos “luteranos”, “reformados” ou “pietistas”: “Você não pode fazer mais nada, Jesus já realizou tudo; está consumado, está consumado”? Você não pode contribuir nem mesmo com o menor gesto para a sua salvação, só é possível aceitá-la como presente soberano da sempre eficiente graça. Sim, até mesmo esse “aceitar”, esse “poder crer” não é sua realização, mas obra de Deus pelo Espírito Santo! Será que é sobre isso que repousa toda a certeza de nossa salvação? Pois de repente surge a afirmação: “Desenvolvi a vossa salvação”. A forma literal é ainda mais forte: “Efetuai, produzi vossa salvação”? Seria isso tão sério, tão gravemente decisivo que

precisa acontecer “com temor e tremor”? Paulo, como és capaz de afirmar isso? Assim não estás derrubando tudo o que ensinaste antes? Que pretendes dizer com isso? Como, afinal, faríamos isso?

Ficamos quase mais perplexos ainda quando Paulo, no mesmo instante, adiciona bruscamente a concepção que nos é familiar: **“Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar.”** Muito bem, Paulo, retornaste novamente ao trilho habitual, essa é a mensagem salvadora da Reforma. Contudo – como podes dizer simultaneamente e colocar lado a lado ambas as coisas?! Afinal, somente uma ou outra pode prevalecer! Ou é Deus quem efetua tudo, a salvação (de forma objetiva) e também o “querer” (de forma subjetiva) - e então não temos mais nada a fazer, então é tudo pura graça. Então posso no máximo admitir o agir de Deus e (como diziam os antigos dogmáticos) “não lhe colocar uma tramela”. Ou tenho de pessoalmente “produzir minha salvação”, ação e assunto meus, e os velhos teólogos judaicos terão razão por terem considerado Deus apenas como juiz daquilo que nós humanos fazemos ou deixamos de fazer. Então igualmente entenderemos o “com temor e tremor”, que faz parte da “lei”, porém não do “evangelho”.

A teologia muitas vezes entrou nesses trilhos da lógica clara, e evidentemente é esse o seu grande equívoco. Dessa forma ela representa uma *theologia irrogenitorum* típica, uma “teologia de não-renascidos”, uma teologia que observa Deus e o ser humano de fora, como “objetos” de suas pesquisas e dissecações (mas, de um ou outro modo, também é “teólogo” todo o “leigo” que reflete sobre essas questões e lê a Bíblia atentamente). Do ponto de vista de quem está envolvido, a partir da experiência real no Espírito Santo a figura é bem diferente. Ou seja, igual à imagem que Paulo deixa explícita neste versículo, quando as duas afirmações na verdade não são sobrepostas, mas relacionadas por meio de um “porque”, mais precisamente de forma a estabelecer na atuação de Deus o fundamento de nossa prática com temor e tremor. *Por* ser o próprio Deus aquele que causa em nós tanto o querer como o realizar, justamente por isso desenvolvi vossa salvação com temor e tremor. Aqui nossa “lógica” fracassa porque se trata de processos *vitalis* que transcendem qualquer lógica. No entanto, é de suma relevância para nossa vida pessoal de fé e para nosso serviço a outras pessoas que captamos esses processos vitais de forma correta e compreendamos sua estranha “lógica” própria. Conseqüentemente, o presente texto torna-se um teste decisivo para nós. Quem ainda tropeça em alguma parte dele, quem ainda não concorda íntima e totalmente com isto, quem ainda vê alguma “contradição” aqui, esse precisa perguntar a si mesmo se não está de fato também contemplando o evangelho “de fora para dentro”, tendo refletido apenas teoricamente sobre sua mensagem mas não vivenciado os processos reais da experiência da salvação. Afinal, não somente a presente passagem o deixará perplexo, pois todo o NT o confrontará com o fato de que a grande linha “da Reforma” (“Só Deus realiza tudo, tudo é pura graça, o ser humano não é nada!”) é permeada pelo mais intenso apelo à ação decisiva do ser humano. É óbvio que, diante do conjunto do NT, não se pode buscar uma solução que involuntariamente não leve as passagens do segundo tipo tão a sério, colocando-as de lado, entendendo-as apenas “pedagogicamente” como caminho rumo ao desespero do ser humano consigo mesmo, ou até mesmo depreciando-as como porção não plenamente “evangélica” do NT. Só aquilo que o NT ensina sobre a atuação exclusiva de Deus e a passividade total do ser humano é a verdadeira palavra de Deus, com base na qual todo o restante precisa ser aquilatado. Contudo – dessa forma não conseguimos chegar a uma solução no presente texto. De forma muito nítida e inequívoca consta aqui: só Deus atua e concede o querer e o realizar, mas justamente por isso o ser humano não é passivo, irrelevante, mas convocado para a máxima atividade responsável!

Em 1Co 2.1-6 oferece-se um importante paralelo com o presente texto, só que transportado da vida de fé pessoal para o serviço de proclamação. Lá aparece o mesmo “temor e tremor”. A fé dos coríntios não se deve alicerçar “sobre sabedoria humana, mas sobre a força de Deus”. Por isso a própria atuação de Deus está em jogo em Corinto, a “demonstração de Espírito e poder”. Pois bem, nesse caso Paulo certamente poderá dirigir-se calma e serenamente para Corinto. Ou Deus age, gerando fé pelo Espírito e pelo poder de Deus (e então tudo estará bem mesmo sem a colaboração de Paulo), ou Deus não age (e então Paulo igualmente não poderá fazer nada). Não, usando a mesma “lógica” da presente passagem, Paulo realiza seu trabalho em Corinto “com temor e tremor”, justamente porque ali o próprio Deus vem operando. Encontra-se em Corinto com temor e tremor, não por lhe faltar a demonstração de Espírito e poder, mas porque está presente nesse local, como sempre está em seu trabalho evangelizador (inclusive em Atenas!).

No fundo a solução da questão é bastante simples, tão logo nos disatanciemos integralmente do conceito romano da *gratia infusa*, da “graça infundida” (derramada para dentro), que faz de nós

meras vasilhas mortas, e da graça divina, uma espécie de substância. Em sua atuação Deus nos valoriza como pessoas vivas! Por isso ele não gera em nós quaisquer qualidades imóveis mas, como a presente passagem declara com tanta clareza, o “querer”. Para quê, porém, existe o “querer”? Justamente para que agora de fato também “se queira” seriamente! No âmbito da graça e do Espírito Santo, nada ocorre de forma diferente do que na criação. Não somos nós que fazemos olhos para nós mesmos, produzindo visão. O olho que vê é unicamente dádiva maravilhosa de Deus. No entanto, uma vez que temos essa dádiva, vejamos de fato, utilizemos nosso olhos! A forma de lidar com os olhos, o que e como vemos, é nossa máxima responsabilidade pessoal! Isso ocorre ainda mais no caso do mais glorioso e supremo presente de Deus ao redimir o ser humano. A atual passagem mostra quanto Paulo distava de mera “justificação forense”. Deus não traslada um ser humano não-mudado simplesmente para um “estado da graça”, mas Deus agracia de tal forma que cria um novo querer no ser humano. Realmente, nenhum de nós poderá ter no coração o menor anseio por salvação se Deus não nos despertar previamente da condição de “mortos em pecados e transgressões” (Ef 2.1) e nos atrair para a salvação. A cada um, porém, em quem Deus realizou isso, cumpre dizer agora com máxima seriedade: não brinque com essa salvação, siga-a realmente, não deixe escapar essa hora da graça, justamente porque ela não é apenas seu próprio “estado de ânimo”, sua própria “idéia”, mas a atuação decididamente divina em seu coração. O querer gerado por Deus – que responsabilidade isso traz para nós! Realmente só podemos aproveitar esse querer “com temor e tremor”, em sagrada seriedade! Isso se repete em todos os estágios da vida de fé, do “querer” até o pleno “realizar” (Cf. F. Rienecker, *Biblische Kritik am Pietismus* [1952], p. 72ss).

Justamente porque Deus realizou tanto nos filipenses, porque sua atual situação de fé demonstra tanta graça viva e gloriosa de Deus, porque essa situação não é obra deles mesmos, mas do próprio Deus, por isso eles não devem lidar com ela negligentemente, não devem destruir a obra de Deus, mas precisam investir em sua salvação um agir pleno e resoluto, vivendo constante e plenamente nessa graça; precisam de fato e com persistência “querer” com essa vontade gerada por Deus, executar obedientemente o agir com que Deus os presenteou. A imagem de Jesus que Paulo acaba de delinear para os filipenses com certeza ainda está diante dele próprio. Mesmo o Filho só possui tudo o que é e tem por tê-lo recebido do Pai como dádiva de graça e amor. Isso, porém, não fez com que o Filho se tornasse inativo, fruindo belas e agradáveis dádivas de sua propriedade, mas trilhou com elas a grandiosa trajetória de serviço e obediência, não para se tornar “Filho” por meio dessas “realizações”, mas porque já o era. É assim que Paulo vê o caminho de seus “amados” em Filipos. A soberana graça atuante de Deus, que havia redimido pecadores perdidos sem qualquer obra e mérito pessoais, não pode seduzir os filipenses a agirem com negligência, mas deve conduzi-los ao empenho máximo: porque Deus deu o querer, queiram com toda a força; porque Deus concedeu o realizar, também realizem com obediência total!

Quando voltaremos a dizer isso às igrejas (e a nós mesmos!), ao invés de consolá-las (e a nós!) mortalmente com uma falsa doutrina da graça baseada em uma teologia equivocada?

O adendo “**por causa do aprazimento**” é mantido na tradução literal porque não há como fazer uma interpretação unívoca. A preposição grega *hyper* = “por” pode expressar tanto o alvo como a causa de algo. Portanto, a intenção Paulo pode ter sido dizer: ajam de tal maneira que alcanceis o beneplácito divino. No entanto, o “aprazimento” de Deus certamente deve ser entendido apenas como “deliberação da sua graça”, seu desígnio soberano, fundamentado unicamente em seu próprio agrado, e então referido à atuação de Deus em dar o querer e o realizar. Logo Paulo visa recordar – como faz com frequência – o mistério que sempre paira sobre o agir gracioso de Deus. Por ser “graça”, não pode estar alicerçado sobre a excelência, qualquer que seja, dos que a recebem. Por que essa graça de querer e realizar foi proporcionada justamente aos filipenses, justamente a esse pequeno grupo em Filipos? Mais uma vez não podemos usar a nossa “lógica” e constatar o reverso desta medalha: que Deus negou este “querer” aos demais, ou seja, destinou-os à condenação. Contudo, olhando para o estado vivo da graça em nós ou em outros só podemos afirmar, em adoração: isso de maneira alguma aconteceu por causa de algum privilégio que nós mesmos apresentamos, mas “**por causa do aprazimento**”, porque assim agradou a Deus, porque sua soberana graça o quis assim. Precisamente isso aumenta nossa responsabilidade, justamente isso nos leva a aplicar com pleno engajamento e ainda maior “temor e tremor” aquilo que Deus nos concedeu segundo o eterno desígnio de sua graça. Que juízo cairia sobre nós se perdêssemos e não

proveitássemos corretamente o que Deus despertou e criou em nós com uma bondade tão franca! É disso que Paulo quer preservar seus amados filipenses.

14 Na seqüência descreve-se melhor o que significa “desenvolvimento da salvação”. **“Tudo fazei sem murmurações nem dúvidas.”** Novamente precisamos levar em conta que esses vocativos (“vós”) não se dirigem aos vários indivíduos em si, cada um dos quais realizando sozinho o que foi demandado, mas à irmandade de uma igreja. Na irmandade a vontade de Deus pode e deve ser reconhecida tão atual e claramente que a obediência **“sem dúvidas”** possa acontecer com plena certeza. “Dúvidas” tolhem e paralisam. “Dúvidas” mostram que ainda continuo restrito a mim mesmo nas decisões que tomo e que não vivo sob a clara condução de meu Senhor vivo. Isso não precisa ser assim! Paulo não veio a Filipos de maneira insegura e hesitante, porém “certo de que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho” (At 16.10). Além das “dúvidas” pode surgir em nosso coração também uma objeção intencional contra a instrução de Deus. O caminho de Deus é difícil demais, Deus exige demais de nós. É essa a **“murmuração”** que pode se manifestar, mas que, profundamente oculta no coração, também degrada e paralisa nossa obediência. Visto que é o próprio Deus quem cria em nós o querer e o realizar, podemos agarrar e praticar esse querer e realizar concedidos por Deus, de forma que uma obediência sincera e plena **“sem murmurações nem dúvidas”** se desenvolva. Era dessa forma tão “perfeccionista” que Paulo pensava! Ou será que havia uma segunda intenção por trás destas frases dirigidas aos filipenses: é evidente que jamais chegaremos a tanto, e que continuaremos todos sendo míseros pecadores que nunca se livrarão da murmuração e das dúvidas? Descortina-se aqui uma ampla perspectiva bíblica que com certeza esteve diante de Paulo, que também escreveu 1Co 10.1-11. O povo de Israel foi salvo do “Egito” pela poderosa graça de Deus, a fim de passar a pertencer ao Deus vivo com confiança e obediência. Então, porém, a “murmuração” começou com avassaladora rapidez quando a caminhada com Deus se tornou tão diferente do que o desejo humano imaginava: Êx 16.2-9; 17.1-7; Nm 11.1; 14.27-32; 16.11; 17.5; Sl 106.24s. Conseqüentemente, na história do povo libertado que peregrinava pelo deserto a “murmuração” aparece como o verdadeiro oposto da “fé”, impedindo o cumprimento do plano de salvação divina, de modo que os milagrosamente resgatados não puderam de fato “entrar no descanso” na terra da promessa (Hb 3.7-19). Tudo depende da circunstância de que o povo de Deus da nova aliança não sucumba à mesma tentação, ainda mais que sua caminhada passa por “tribulações” ainda maiores (At 14.22). Por isso, quando Paulo escreve aos filipenses atribulados pelos adversários: “Tudo fazei sem murmuração nem dúvidas”, não se trata apenas de uma exortação isolada, feita à margem, mas de rejeitar por princípio a ameaça decisiva à obediência de fé. Por causa da murmuração constante Israel se tornou a “geração perversa” da qual já falava Moisés. A igreja, porém, pode continuar sendo a multidão de filhos autênticos e obedientes diante dessa geração perversa.

15 Sim, Paulo determinou o alvo sério de seus amados: **“para que vos torneis irrepreensíveis e sem falsidade, ‘imaculados filhos de Deus’ no meio de ‘uma geração torta e perversa’.”** A expressão traduzida por “sem falsidade” na verdade é um adjetivo que significa “não-mesclado”. Novamente nossa teologia habitual nos leva a pensar que nossa condição na verdade sempre é muito “mesclada”. Mesmo num cristão as coisas boas e más, divinas e pecaminosas permaneceriam interligadas. Afinal, essa é a experiência de todos nós. Pode ser que sim. Contudo, isso não nos deve impedir de notar que Paulo evidentemente pensava de outra maneira. Ou será que realmente classificaremos Paulo de orador pomposo que profere palavras edificante que ele mesmo não leva tão a sério? Será que o interpretaríamos corretamente se inseríssemos nesta frase um “na medida do possível” que não consta ali? “Esforçai-vos para ser irrepreensíveis e não-mesclados, ainda que obviamente jamais o alcançareis de fato?”

Ao obedecer a igreja concretiza o que já foi enunciado pelo AT. No cântico de Moisés Israel é chamado de “geração torta e perversa” (Dt 32.5) porque retribui a fidelidade e glória de Deus com ingratidão e desobediência. Por isso Paulo com certeza também agora lembra de seu próprio povo, que novamente mostra toda a sua perversão diante da mensagem de Cristo. No entanto a igreja de Jesus não foi salva para que também ela torne a seguir “caminhos tortos” e volte a associar a filiação divina com um agir pecaminoso, como fizera Israel, mas para que nela **“filhos imaculados de Deus”** mostrem como de fato se obedece totalmente a Deus e se anda em seus caminhos bons e “retos” sem “murmurações nem dúvidas”. No escrito aos filipenses Paulo obviamente não terá esquecido que justamente naquela cidade e igreja o judaísmo não tinha muita importância. Mas os filipenses tinham

suficientes evidências em seus concidadãos para saber o que vem a ser uma “geração torta e pervertida”. Era suficientemente “torto” o que aqueles “senhores” fizeram quando transformaram sua fúria pelo fim da fonte de lucros em pura indignação moral de fiéis corações romanos contra os pregadores estrangeiros “judeus”, mandando açoitar e prender esses homens sem investigação, em repúdio ao direito e à lei (At 16.19-24). Quantas coisas semelhantes os filipenses podem ter experimentado pessoalmente da parte de seus “adversários” (Fp 1.28). Nessa Filipos os “santos em Cristo Jesus” (Fp 1.1) não apenas devem pertencer a Deus, mas também viver de fato como “filhos imaculados de Deus”, para que na escuridão de seu contexto **“resplandeçam como estrelas no universo”**.

Novamente ficamos cheios de dúvidas: será que Paulo não está educando seu pessoal para serem fariseus? Porventura é possível realmente esperar isso de uma igreja, uma igreja formada por seres humanos, que continuarão sempre totalmente pecadores? Um teólogo moderno preferiria escrever: “Estejam sempre conscientes de que na realidade vocês não se distinguem em nada do povo no meio do qual vivem; vocês não são diferentes nem melhores do que as pessoas em seu redor, mas apenas conhecem a graça daquele que justifica vocês pecadores e que um dia, depois da morte, há de criá-los de novo como filhos imaculados de Deus em um novo mundo.” Talvez tal pensamento corresponda novamente à nossa experiência conosco mesmos e nas igrejas de hoje. Não obstante, temos de perceber que o próprio Paulo escreveu de forma radicalmente diversa, e, com muita oração e luta, precisamos nos confrontar com aquilo que o cabeça da igreja realmente levou o autorizado Paulo a escrever aos filipenses por meio do Espírito Santo.

- 16** Mas como, afinal, segundo a convicção de Paulo, os filipenses poderão atingir o grande alvo que ele lhes fixou? **“Segurando firme a palavra da vida!”** Não possuem força luminosa em si mesmos, como se fossem “estrelas”, não conseguem encontrar o agir correto “sem murmurações nem dúvidas” neles mesmos, não conseguem ser “filhos de Deus irrepreensíveis e não-mesclados” por si mesmos. Porém “a palavra” está com eles. Não é uma palavra morta, mas “a palavra da vida”. Ela propicia a vida, porque ela mesma está repleta de vida. “Segurar firme” essa palavra: é essa a tarefa simples e que apesar disso engloba tudo. Como, porém, Paulo entendia esse “segurar firme a palavra da vida” de forma prática e concreta? Hoje imaginamos imediatamente a Bíblia, e fazemos bem. Mas ao mesmo tempo é salutar que sejamos lembrados de que também existe uma erudição nas Escrituras que apesar de toda a fidelidade à Bíblia ignorou o Cristo, entregando-o à crucificação, e que os filipenses nem mesmo possuíam a Bíblia como a conhecemos hoje! É até mesmo duvidoso que tenham possuído todos os rolos de escritos que hoje formam o “Antigo Testamento”. É absolutamente certo que nem todos possuíam rolos próprios para o uso diário em casa, nem mesmo os mais importantes. E ainda não existia um “Novo Testamento”. A “palavra da vida”, porém, deve ser, como em Cl 3.16, sobretudo “a palavra do Cristo”. Para os membros da igreja valia de modo bem diferente o que hoje nós ouvimos sobre Maria: “Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração” (Lc 2.19). A palavra vivamente anunciada, acolhida, preservada e meditada no coração era “a palavra da vida”. Cumpre avaliar o quanto Deus nos presenteou pelo fato de que hoje toda a riqueza dos escritos do AT e do NT estão ao alcance pessoal de cada um na igreja, favoravelmente impressos em um só livro. Mas não pretendemos ignorar o grande perigo de que, possuindo tranqüilamente esse livro, na verdade tenhamos e seguremos a “palavra da vida” com muito menos firmeza do que aquelas igrejas que, sem imprensa, possuíam a palavra ouvida no coração como propriedade real e viva. Com sua percepção iluminada Lutero seguramente acertou em cheio ao escrever: “Evangelho, porém, não é nada além de pregação e gritaria a respeito da graça e misericórdia de Deus, merecida e conquistada por meio do Senhor Jesus Cristo em sua morte; e na realidade não é o que consta em livros e é formulado com letras, mas antes uma pregação oral e palavra viva, uma voz que ressoa em todo o mundo, sendo gritada em público de modo que seja ouvida em todos os lugares” (WA 12, p. 259).

Segurar firme a palavra da vida e assim desenvolver sua salvação - é essa a tarefa dos filipenses. E essa tarefa está inteiramente sob a luz do “dia do Cristo”. Para esse dia aponta todo pensar e agir. Também aqui nos surpreendemos novamente com o que Paulo escreve. Assim como em Fp 1.10s ele contava com o fato de que a igreja não compareceria diante de Cristo pobre, vazia, maculada, meramente aceita “por graça”, mas surgiria “pura e irrepreensível”, “cheia do fruto da justiça”, assim ele espera agora que ele mesmo terá então um “motivo de glória”: **“Como motivo de glória para mim em vista do dia do Cristo, porque não corri em vão e tampouco trabalhei em vão.”**

Novamente sentimos falta da “humildade” que nos parece necessária e que diria algo como: “Espero que, não obstante, o Senhor considere em sua graça minha pobre e imprestável obra”. Paulo, no entanto, usa palavras diferentes. Deseja poder gloriar-se feliz de seu trabalho bem-sucedido na igreja! Para que isso lhe seja possível naquele dia, a igreja precisa desde já ter uma vida translúcida e vigorosa, progredindo seriamente nela. Paulo não conhece aquela modéstia exagerada que não consegue alcançar nada em seu trabalho, mas que se consola pelo fato de que “a eternidade seguramente há de revelar o fruto”. Se os filipenses não segurarem firmes a palavra da vida e não desenvolverem sua salvação com temor e tremor, ele terá trabalhado “e “corrido em vão”, como um corredor que não alcança o prêmio. Então tampouco “a eternidade” (ou a forma bíblicamente mais correta: “o dia do Cristo”) revelará algo diferente. No NT tudo é muito mais simples e real do que em nosso problemático mundo de fé.

17s Ao falar de sua trajetória e seu trabalho Paulo volta a se lembrar de que ele talvez já tenha chegado ao fim. Aquilo que escreveu anteriormente em Fp 1.25s não passa de uma “certeza” pessoal. Seu processo ainda não ultrapassou o ponto crítico, e ainda pode acabar em pena de morte. Então será conduzido pelos soldados para fora do pretório, e um dos soldados o decapitará com a espada, de modo que seu sangue jorrará. Vendo essa possibilidade diante de si, desenvolve-se no coração de Paulo, pela genialidade do amor e do Espírito Santo, uma imagem para esse evento, na qual toda a sua humildade e toda a sua valorização da igreja se tornam claras. Quando lemos os preceitos para os sacrifícios, p. ex., em Êx 29.36-41, constatamos que o sacrifício dos dois cordeiros que deviam ser levados diariamente pela manhã e à noite ao altar vinha acompanhado de uma “**libação**” de vinho derramado. Também o mundo gentio, do qual vinham os filipenses, conhecia “libações” acrescentadas ao sacrifício principal. A igreja de Jesus não conhece mais nenhum tipo de sacrifício, porque ele, o eterno Filho de Deus, o grande Sumo Sacerdote, cumpriu e encerrou todos os sacrifícios em seu auto-sacrifício. No entanto, também a igreja pode honrar a Deus com uma oferenda: seu “sacrifício” é a fé com a qual ela se rende inteiramente a Deus. Foi assim que Paulo viu a si mesmo como sacerdote que presta sacrifício: “como sacerdote do Cristo Jesus perante os gentios, que exerce o serviço sacerdotal no evangelho de Deus, para que a oferenda dos povos seja agradável, santificada pelo Espírito Santo” (Rm 15.16). A fé dos filipenses, na qual eles desenvolvem com temor e tremor sua salvação e se tornam filhos sem mácula, constitui o verdadeiro grande sacrifício que Paulo pode ofertar. Se for decapitado, o jorrar de seu sangue será como a libação que o acompanha. Paulo não conhece a falsa modéstia – como vimos várias vezes – mas com que autenticidade e humildade diz isso! Não é seu martírio o fato maior, o verdadeiro sacrifício, ao lado do qual a simples fé dos filipenses desaparece, mas pelo contrário: seu sangue de mártir é apenas um acréscimo, uma “libação”.

Se for essa a situação, Paulo não se assustará nem lamentará. Com alegria ele está preparado para esse caminho. Agora a razão já não é apenas porque então estará “junto com Cristo”, o que seria tanto melhor, mas também porque desse modo poderá ofertar ao Senhor uma oferenda completa, um sacrifício pleno. Se os filipenses segurarem firmes a palavra da vida, se ficarem firmes na obediência completa e não-mesclada da fé, o sacrifício de Jesus que, existindo em forma de Deus, não obstante se transformou em nada, assumiu figura de escravo e se tornou obediência até à morte na cruz, passará a ser a resposta verdadeira, de gratidão, à qual o sangue de Paulo acrescenta o Amém. O que haveria a lamentar e prantear nisso? Paulo somente consegue se alegrar, e se alegrar com os filipenses. Por isso ele também pede aos filipenses que não fiquem perturbados e tristes se a notícia de sua execução chegar a Filipos, mas que se alegrem com ele pelo sacrifício consumado que tem o privilégio de glorificar o nome de Jesus.

PAULO CUIDA DA IGREJA

a) Fp 2.19-24: Pelo envio de Timóteo.

19 – Espero, porém, no Senhor Jesus, mandar-vos Timóteo, o mais breve possível, a fim de que eu me sinta animado também, tendo conhecimento da vossa situação.

20 – Porque a ninguém tenho de igual sentimento que, sinceramente, cuide dos vossos interesses.

21 – pois todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus.

22 – E conheceis o seu caráter provado, pois serviu ao evangelho, junto comigo, como filho ao pai.

23 – Este, com efeito, é quem espero enviar, tão logo tenha eu visto a minha situação.

24 – E estou persuadido no Senhor de que também eu mesmo, brevemente, irei.

19 Não temos uma informação segura se Paulo manteve correspondência constante com todas as igrejas, de modo que apenas uma pequena seleção das cartas que ele realmente escreveu tenha sido preservada, ou se uma missiva era enviada somente em vista de um motivo especial, assim como Rm, 1Co, 2Co, Gl, Cl, 1Ts e 2Ts permitem reconhecer uma motivação especial do autor, em geral uma preocupação específica. Nesse caso também esta carta aos Filipenses não teria surgido sem uma relação com dificuldades na igreja, das quais Paulo teve notícia. Na verdade não há nenhuma ameaça especial por meio de heresias ou algo semelhante à vista. Por toda a carta ecoa um tom cordial e confiante. No entanto, as exortações que já lemos e ainda leremos no capítulo 3 podem, sim, ter um fundo bem específico. Nesse caso também seria particularmente compreensível que Paulo pretende enviar a Filipos o melhor colaborador de que dispõe. E a justificativa disso, **“para que também eu me alegre, tendo conhecimento da vossa situação”**, não seria apenas a linguagem do amor, que apresenta como desejo pessoal o que antes de tudo é uma dádiva para o outro, mas Paulo teria diversas preocupações também em relação a Filipos. De qualquer maneira Paulo sempre viu todas as igrejas, mesmo a melhor, ameaçadas pelo pendor pecaminoso para a desunião, o egoísmo e a lerdice que dormita em nosso coração. Com certeza também não considerou insignificantes as tribulações a que os filipenses eram expostos por parte dos “adversários”. Por isso ficará feliz ao ser informado justamente por uma pessoa totalmente confiável a respeito da situação da igreja em Filipos em todos os sentidos.

20s Vimos no começo da carta que não devemos imaginar que Paulo esteja sozinho. Encontrava-se rodeado de numerosos colaboradores e soube falar deles de maneira calorosa e reconhecidora, p. ex., em Cl 4.10-14. Aqui, porém, ouve-se um juízo assustador sobre esses homens: **“Pois todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é do Cristo Jesus.”** Será que justamente agora, quando tudo se tornou mais perigoso, Paulo experimentou várias decepções com outras pessoas, não encontrando a disposição de engajamento incondicional pela causa de Jesus que ele considerava óbvia, motivo pelo qual também espera que seus colaboradores sejam capazes dela? Recordamos, p. ex., a informação sobre Demas em 2Tm 4.10, que na verdade não diz que Demas “apostatou”, mas que ele se retirou de Roma e da perigosa proximidade com Paulo para Tessalônica, um lugar mais seguro. Alguns anos antes Paulo havia descrito aos romanos a nítida característica de todo cristão: “Nenhum de nós vive para si... se vivemos, é para o Senhor que vivemos” (Rm 14.7s). Agora ele mesmo precisa constatar penosamente, em vista de seus colaboradores mais íntimos: “Todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é do Cristo Jesus”. Como ele nos julgaria, se visse a nós e nosso trabalho?

24 **Timóteo**, porém, é diferente. Ele foi aprovado, e os filipenses estão cientes disso. Vemos, pois, de novo o que é escrever vivamente no Espírito Santo. Quando Paulo pronuncia o nome de seu discípulo, o colaborador que ele mesmo convocou para o serviço (At 16.1-3), tem vivamente diante de si a forma com que Timóteo o serviu afetuosamente, **“como filho ao pai”**. Imediatamente, porém, ele muda o rumo do pensamento. O decisivo não é o serviço que Paulo recebeu desse homem, mas que **“junto com ele serviu ao evangelho”**. Foi por isso que já no começo da carta Paulo uniu Timóteo e a si próprio como “escravos do Cristo Jesus”. De forma maravilhosamente bela, porém, a primeira frase entrelaça a afetiva posição filial do mais jovem diante do mais velho e mais importante, Paulo, e apesar disso toda a supremacia do evangelho, que torna secundária qualquer ajuda pessoal, unindo ambos os homens no serviço à grande incumbência comum.

Paulo não tem **“ninguém de igual mentalidade”**. Os filipenses precisam (de forma geral ou mesmo por causa de dificuldades específicas) de uma pessoa que, com total desinteresse e **“genuinamente, esteja preocupado com as questões deles”**. Quem busca o que é seu, sua própria fama, seu próprio conforto, esquiva-se do esforço e da dor de ir a fundo nas questões em uma igreja e solucionar as mazelas com mão paciente, afetiva e por isso também firme. É por isso que Paulo enviará aos filipenses justamente o aprovado Timóteo. Espera que possa fazê-lo **“em breve”**. Entretanto, primeiro precisa **“ter uma visão geral de sua situação”**. Enquanto o processo ainda estiver indefinido, não poderá abrir mão de Timóteo. Paulo igualmente pode lhe dar as necessárias

incumbências específicas quando souber se ele mesmo retornará ao trabalho ou se precisará organizar seu campo de trabalho para sua saída definitiva. Mas tão logo isso estiver esclarecido com o fim do processo, seja ele qual for, então Timóteo irá **“imediatamente”**. Mais uma vez Paulo dá vazão à sua **“persuasão”** de que também **“ele mesmo, brevemente, irá”**.

Para o “ser cristão” da forma como Paulo entendia, o “estar em Cristo”, é característico o sentido concreto que ele tem e como foi vivenciado pelo próprio Paulo. Como pensamos arbitrariamente quando fazemos todos os planos e tomamos nossas deliberações! No máximo permitimos que Deus conceda posteriormente sua bênção a tudo. Para Paulo, viver constantemente em Cristo é tão natural que a própria idéia de enviar Timóteo a Filipos e a esperança de poder fazer isto em breve só é concebida **“no Senhor Jesus”**. Da mesma maneira sua confiança não é questão de ânimo pessoal, mas uma **“persuasão no Senhor”**. De quantas coisas privamos a nós mesmos porque não tiramos proveito do fato de que realmente podemos fazer tudo no Senhor Jesus!

b) Fp 2.25-30: Enviando Epafrodito imediatamente para casa.

- 25 – Julguei, todavia, necessário mandar até vós Epafrodito, por um lado, meu irmão, cooperador e companheiro de lutas; e, por outro, vosso mensageiro e vosso auxiliar nas minhas necessidades,**
- 26 – visto que ele tinha saudade de todos vós e estava angustiado porque ouvistes que adoeceu.**
- 27 – Com efeito, adoeceu mortalmente; Deus, porém, se compadeceu dele e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza.**
- 28 – Por isso, tanto mais me apresso em mandá-lo, para que, vendo-o novamente, vos alegreis, e eu tenha menos tristeza.**
- 29 – Recebei-o, pois, no Senhor, com toda a alegria, e honrai sempre a homens como esse;**
- 30 – visto que, por causa da obra de Cristo, chegou ele às portas da morte e se dispôs a dar a própria vida, para suprir a vossa carência de socorro para comigo.**

25 **Epafrodito** é quem leva a carta aos filipenses. Os filipenses o haviam enviado pessoalmente até Paulo em Roma, a fim de entregar ao apóstolo preso um donativo de amor. Pelo fato de Paulo designá-lo **“vosso servo das minhas necessidades”** e justificar seu retorno para Filipos de forma tão exaustiva evidencia-se que ele tinha a incumbência de permanecer junto de Paulo em seu serviço pessoal. É interessante que aqui palavras que mais tarde adquirem um conteúdo bem definido ainda sejam usadas de forma bem singela. Pelo fato de Epafrodito ter sido enviado e incumbido pelos filipenses Paulo o chama de **“apóstolo”**; e, como deve “servir” às necessidades de Paulo, ele é chamado **“leitourgos** (“liturgo”) **de minha necessidade”**.

A circunstância de Epafrodito retornar imediatamente a Filipos poderia surpreender a igreja e dar ocasião a acusações abertas ou veladas. Será que também esse encarregado que eles haviam enviado fazia parte daqueles para os quais Roma e a proximidade de Paulo se tornavam perigosas demais e que por essa razão abandonavam o prisioneiro em sua grave dificuldade? Será que Paulo também escreveria sobre Epafrodito como fez sobre Demas: “Epafrodito me abandonou porque ama a sua vida nesta era, e viajou para Filipos”? Não, diz Paulo, eu mesmo **“considerarei necessário enviá-lo a vocês”**. Por quê? A justificativa reúne uma observação humana muito singela das coisas com o firme olhar para Deus, dizendo tudo de maneira tão amável e delicada que somente os filipenses e o próprio Paulo tiram vantagens nesse retorno, e não Epafrodito.

26s Epafrodito havia adoecido em Roma. Os filipenses souberam disso e ficaram preocupados. Nosso mau costume humano, porém, talvez levasse posteriormente a comentários em Filipos: provavelmente não foi tão grave assim! Por isso Paulo atesta expressamente: **“Com efeito, adoeceu mortalmente.”** Que sofrimento novo, além de todo o restante, essa grave doença trazia para Paulo! Por isso Paulo considerou a recuperação de Epafrodito como uma misericórdia até mesmo para com ele mesmo. Entretanto fala de modo bem simples da enfermidade e convalescença. Poderíamos acusar Paulo de considerável incoerência. Para si mesmo considerava a morte como “lucro” (Fp 1.21), há poucos instantes solicitara aos filipenses que se “alegrassem” com sua eventual morte pela mão de um algoz (Fp 2.18), mas no caso de Epafrodito a morte teria sido uma imensa dor para ele! Essa “incoerência”, porém, apenas revela que nas questões de fé as coisas não seguem um esquema dogmático, mas são concretas e vivas. Mesmo diante dos filipenses Paulo demonstrou que alegria de fé seria quando ele fosse absolvido e comparecesse novamente junto deles. Se Epafrodito tivesse

morrido Paulo provavelmente também teria expressado alegria por essa morte no serviço de Jesus, sem sentir a menor contradição em si mesmo. É essa a “liberdade do ser cristão”, que ele pode convalescer e viver com alegria bem como partir e morrer com alegria. Da mesma maneira parece que Paulo não considerava a doença grave de um irmão como falha na vida de fé. Mesmo no círculo mais próximo do apóstolo, mesmo no caso de um **“cooperador e companheiro de lutas”**, como Epafrodito é honrosamente chamado, pode surgir a mais penosa enfermidade. Ser restaurado constituiu uma dádiva de Deus. Contudo não há qualquer palavra a respeito de “cura pela fé”, falta qualquer conotação de triunfo, insinuando que Epafrodito tenha sido arrancado da morte com persistentes orações e audácia de fé. Mas Paulo não deseja aproveitar-se pessoalmente durante mais tempo do serviço daquele cuja saúde fora restabelecida. Compreende o anseio de Epafrodito de rever neste momento as pessoas em casa que souberam de sua enfermidade. Epafrodito estava **“aflito porque ouvistes que adoeceu”**. Para a “aflição” de seu colaborador Paulo utiliza um termo forte que encontramos no NT apenas ainda em Mt 26.37, em relação à “angústia” do Senhor no Getsêmani. Não temos como entender por que Epafrodito se afligia tanto com o fato de que em Filipos todos souberam que ele adoecera. De qualquer maneira os filipenses devem vivenciar muito em breve a alegria de saudá-lo novamente. O próprio Paulo ficará livre de uma preocupação se souber que está novamente são e salvo em Filipos.

29 Por isso os filipenses devem **“acolhê-lo no Senhor com toda a alegria”**. Ainda que seu envio para casa tenha acontecido em consideração a singelas circunstâncias humanas, o agir do próprio Deus não deixava de pairar sobre elas. Deus havia permitido que esse homem adoecesse gravemente em Roma e que, na seqüência, recuperasse a saúde. Isso significou um claro direcionamento para Paulo. É o que também os filipenses podem perceber, recebendo-o “no Senhor” com alegria. “No Senhor” não era um enfeite belo e edificante, mas tratava-se da inclinação sincera e alegre perante Jesus, que havia atravessado os planos e as instruções dos filipenses e conduzido Epafrodito para casa muito antes do que esperavam. Portanto, não se admite nenhuma censura velada, misturada à recepção daquele que retorna.

Nesta oportunidade Paulo exorta aqui da mesma forma como em outras cartas a igrejas: **“Honrai sempre a homens como esse”**. Na igreja daquele tempo não havia “cargos” com “direitos e deveres”, que assegurassem ao encarregado a honra e o reconhecimento. Voluntariamente certas pessoas assumiam os serviços necessários. Paulo dá grande valor para a necessidade de a igreja reconhecer e valorizar isto plenamente. Conhece a tendência de nosso coração maligno de considerar nossos próprios esforços extremamente relevantes, mas passar facilmente por cima daquilo que outros realizam. Por isso ele volta a destacar o que Epafrodito fez. Quando pessoas na igreja criticarem sua volta precoce, elas terão de se conscientizar de que, apesar de toda a solicitude por Paulo, todos eles permaneceram em casa em Filipos, e que assim ainda “faltava” o mais importante para que o amor dos filipenses de fato chegasse até Paulo. Epafrodito completou esse elemento faltante ao levar as dádivas dos filipenses até Paulo e se dispôs a prestar-lhe serviço pessoal. Nisso **“colocou em risco a vida”** e **“por causa da obra de Cristo chegou às portas da morte”**. Paulo, portanto, ensina os filipenses e também a nós a reconhecer com afetuosa justiça a realização e o empenho de colaboradores, até mesmo quando seu agir não corresponde aos nossos pensamentos e planos.

Uma nota idiomática: Paulo escreveu “Tanto mais me **apressei** em mandá-lo”. Na Antigüidade, ao contrário de hoje, o autor de cartas se transporta ao momento em que o receptor lê a carta. Por isso usa verbos no passado para fatos que no momento da escrita ainda são presente ou futuro, mas na leitura já serão parte do passado.

A CONVERSÃO DO JUSTO – FP 3.1-11

- 1 – Quanto ao mais, irmãos meus, alegrai-vos no Senhor. A mim, não me desgosta e é segurança para vós que eu escreva as mesmas coisas.**
- 2 – Acautelai-vos dos cães! Acautelai-vos dos maus obreiros! Acautelai-vos da falsa circuncisão!**
- 3 – Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne,**

- 4 – Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais!
- 5 – circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu,
- 6 – quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível.
- 7 – Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo.
- 8 – Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo
- 9 – e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé,
- 10 – para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte;
- 11 – para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos.

1 No estilo epistolar é comum usar “quanto ao mais”, com o intuito de introduzir um novo bloco, particularmente quando está próximo da conclusão do todo. Por isso a mesma palavra ocorre também em 2Co 13.11; 1Ts 4.1; 2Ts 3.1 e na presente carta em Fp 4.8. Contudo, a seção final da carta não começa neste local. Pelo contrário, segue-se um dos capítulos mais impactantes e fundamentais que Paulo jamais escreveu. Esse capítulo também é tão surpreendentemente diverso da parte anterior da carta e tão completo em si que a pesquisa crítica acreditava que seria necessário considerá-lo como uma inclusão vinda de uma outra carta de Paulo. Nesse caso, porém, o que significaria o v. 1 deste trecho? A que se refere a observação de que Paulo não se importa em “escrever a mesma coisa” aos filipenses? Trata-se de mera observação intermediária exortando à alegria, na qual Paulo após Fp 1.4,18,25; 2.2,17,18,29 tinha a impressão: estou me tornando repetitivo, falando constantemente de “alegria” – pois bem, tanto mais fortaleço a igreja para a alegria? Ou será que o apóstolo de fato visava ditar originalmente uma seção final bem diferente, p. ex., conforme Fp 4.4-9, sendo então interrompido, seja por novas notícias sobre novos avanços da agitação judaísta, seja por refletir sobre a situação de todo seu campo missionário em vista de sua possível morte em breve? Será que Timóteo o lembrou aqui de que era imprescindível que ainda dissesse uma palavra de advertência diante do perigo judaísta, como respaldo para o trabalho que Timóteo depois faria em Filipos? Ou será que esse “escrever a mesma coisa...” pertence ao trecho subsequente, e que Paulo se refira a exposições de cartas anteriores para Filipos, que não conhecemos, mas que poderiam muito bem ter sido escritas em vista da afetuosa ligação entre Paulo e essa igreja? Não há como chegar a uma conclusão segura nessa questão.

A nós, porém, essa frase de Paulo diz que também não devemos ter receio de “dizer a mesma coisa”. Até mesmo em seus rudimentos mais simples a verdade de Deus não tem nada de “monótona”, assim como a luz solar que brilha sobre nós todos os dias, assim como a palavra amável que é trocada diariamente entre duas pessoas. A repetição nos torna firmes e seguros. Todo o fluxo da vida neste mundo, inclusive o da mais nobre moral e religião, flui de modo constante rumo ao evangelho. Por isso carecemos, para nosso fortalecimento, que nos seja dita incansavelmente “a mesma coisa”, a saber, o evangelho.

Em seguida aproximamo-nos do impactante trecho que evidentemente é muito menos conhecido na igreja que outras passagens “grandiosas” das cartas de Paulo, mas que deveria ser recuperado pela igreja. Ao lado de Gl 1.10-24 e 1Tm 1.12-16 esse trecho é o único retrospecto autobiográfico de Paulo sobre sua conversão. Aliás, de todas as três passagens, esta é a mais profunda e íntima. A igreja de todos os tempos pode constatar aqui como o apóstolo autorizado de Jesus para os crentes de todas as nações considerou pessoalmente a grande guinada de sua vida. Tem a oportunidade de vislumbrar o coração de Paulo. Nesse testemunho pessoal cheio de profundo fervor ao mesmo tempo também se torna-se extraordinariamente nítida e transparente a causa do evangelho, justamente porque neste caso as experiências da conversão e da justificação foram concebidas e expostas com expressões e ilustrações bastante diferentes.

2s O evangelho “livre da lei” de Paulo – que ele ocasionalmente chega a definir como “seu” evangelho (Rm 2.16) – representava uma mensagem incrível, inconcebível, e até mesmo escandalosa para todo pensamento natural. Pois o ser humano é por natureza “moralista”. Está profunda e tenazmente

enraizada em seu coração a convicção de que ele precisa “merecer” algo diante das pessoas e de Deus, e que ele também é capaz disso e o faz. Sem dúvida o ser humano precisa de uma certa parcela de graça. Porém, unicamente graça, somente graça totalmente soberana? Impossível! Todo o sentimento moral e todo o orgulho do ser humano se rebelam contra isso. Exclusivamente graça – isso parece desconhecimento e desprezo total de todo o patrimônio moral e religioso da humanidade. Somente graça – esse seria um prêmio para a indiferença e a maldade éticas. Por isso o evangelho de Paulo sempre encontra contestação indignada, em especial por parte de judeus e “judaístas”, i. é, de cristãos que também acreditavam em Jesus como o Messias, que também sabiam algo sobre redenção e perdão de pecados, mas que consideravam o evangelho de Paulo como perigoso descaminho e distorção, dizendo aos cristãos nas igrejas de Paulo: com toda a certeza vocês continuarão sendo “cristãos”, mas justamente como cristãos sérios e integrais vocês precisam seguir o caminho das realizações morais e religiosas que a lei nos mostra. Afinal, esse Paulo está arrasando tudo o que qualquer ser humano ético-religioso traz dentro de si e que nossa lei evidencia a nós israelitas com clareza concedida pelo próprio Deus. Na Galácia os sucessos desses adversários de Paulo foram consideráveis. A carta aos Gálatas é uma ardente luta contra eles. No entanto podiam aparecer em qualquer igreja, descobrindo aliados em todos os lugares no coração do ser humano natural. Toda moral e toda religião constituem uma profunda contradição ao evangelho. Por isso tais pessoas qualquer dia também poderão aparecer em Filipos. Por isso Paulo deseja advertir a tempo.

“Acautelai-vos! dos cães! Acautelai-vos dos maus obreiros! Acautelai-vos da falsa dilaceração!”

No antigo Oriente o cão não era o companheiro fiel e amado do ser humano, mas um animal semi-selvagem que vagueava em matilhas, caçando presas aos latidos. É assim que Paulo vê seus adversários metendo o nariz e latindo em todas as regiões. Porque é verdade que são zelosos, trabalhadores laboriosos por sua causa, mas infelizmente também “maus obreiros” (cf. também 2Co 11.13) que não edificam, antes arrasam e destroem. Por isso o apóstolo os chama, com um amargo trocadilho, de “dilaceração”. Não são capazes de outra coisa senão “dilacerar” pessoas e, por insistir nesse tipo de procedimento, confundir e cindir a igreja, cortando o corpo de Cristo em pedaços!

Entretanto também precisamos considerar seriamente a possibilidade de a presente passagem não se referir a “judaístas”, mas diretamente aos judeus em Filipos. Do pequeno grupo de judeus havia se originado o começo da igreja. Quantos motivos de inveja e ódio isso representava! Contudo, naquele tempo o judaísmo e a “igreja” ainda não estavam tão óbvia e naturalmente separados como mais tarde. Sempre que alguém declarava “Cristo Jesus”, o significado era “o Messias é Jesus”. A mensagem “O Messias esperado veio na pessoa de Jesus!” dizia respeito diretamente aos judeus de todos os lugares! Dizer “não” a essa mensagem e, conseqüentemente, aos “cristãos” era inegavelmente uma questão judaica muito específica. Não é de admirar que por isso a luta contra Paulo e suas igrejas em muitos locais partisse dos judeus (cf., p. ex., At 13.45,50; 14.5,19; 17.5,13; 18.12; 19.9). Se em Filipos o pequeno, mas talvez bastante ativo, grupo de judeus fosse o foco de agitação contra os cristãos, então a imagem dos “cães” conforme o Sl 59.6,14s se tornaria consideravelmente tangível. Ao mesmo tempo essa ilustração já se tornaria uma incisiva inversão irônica de idéias judaicas correntes. Para muitos judeus os gentios obviamente eram “cães”. Não, diz Paulo, justamente esses judeus que agitam e latem são verdadeiros “cães”, enquanto a maioria dos “santos em Cristo Jesus” estava no lado dos “gentios”. Somente nessa perspectiva também teria contundência plena o trocadilho de “dilaceração” e “circuncisão”, ou seja, o verdadeiro Israel somos nós, o judaísmo não traz no corpo nada além de um pouco de dilaceração. Todavia persistem muitas dúvidas se Paulo, que circuncidou Timóteo pessoalmente (At 16.3), era capaz de julgar a circuncisão judaica (não a judaísta!) de forma tão radical e simplesmente chamar de “cães” membros do povo de Israel, que ele mesmo via debaixo da luz de Rm 9-11. Da mesma forma continua questionável se no clima anti-semita da colônia militar romana (cf. acima, p. 176) o pequeno grupo de judeus de fato podia se tornar tão perigoso para a igreja. Nesse caso o perigo certamente seria apenas exterior. No entanto, a forma da advertência de Paulo, e sobretudo a profunda controvérsia subsequente, não combinam com isso. De forma alguma podemos imaginar uma ameaçadora influência interior do judaísmo puro sobre os cristãos em Filipos. Por isso o olhar de Paulo deve estar voltado aos conhecidos adversários judaístas, com os quais já havia se defrontado suficientemente para alertar vigorosamente contra eles mesmo uma igreja que ainda não fora diretamente alcançada por eles.

No entanto, como Paulo é capaz de julgar esses adversários de forma tão áspera e negativa? Será que não exagera nessas reprimendas e nessa ironia? Isso ainda é “cristão”? Afinal, esses adversários

também estavam convictos de defenderem a causa certa e desejavam o bem! Se acreditavam que além de Jesus deviam apresentar uma série de realizações morais e religiosas, isto é, a circuncisão, o sábado e as boas obras – não se pode ter opiniões distintas a esse respeito? É assim que pensamos hoje. Mesmo na igreja acabamos conhecendo somente “opiniões” e “ótics”, em cuja abundância – afinal, quantas denominações e “tendências” existem? – já não descobrimos o rumo, motivo pelo qual tendemos a ser bastante tolerantes diante de todo tipo de “ponto de vista”, desde que não se afaste demais do bom meio-termo e não seja “exagerado”. No fundo estamos impregnados da medíocre moral religiosa cristã que não presta atenção alguma à mensagem de Paulo e por natureza está completamente do lado dos adversários de Paulo. Por isso precisamos ouvir de maneira totalmente nova o que Paulo afinal diz para fundamentar sua “posição”, por que ele não constata uma “opinião divergente” na ação dos adversários, passível de “discussão”, mas a destruição da obra do próprio Deus e o ataque à própria verdade de Deus.

Paulo formula o contraste intransponível em dois conceitos marcantes, cujo teor são opostos como fogo e água: “espírito” e “carne”. Toda a compreensão da mensagem bíblica depende do entendimento correto deles!

“Carne” – a helenização do cristianismo fez com que diante dessa palavra pensemos imediatamente em “sensualidade” (até mesmo em “sexualidade”, na forma extrema), mas quase nunca em nossa “existência material”. Temos de eliminar radicalmente esse mal-entendido. Na Bíblia, “carne” é primeiramente a designação da criatura mortal impotente em contraposição ao Deus eterno e vivo. A natureza de Deus, porém, é “espírito”. Por isso o termo “espírito” na Escritura não tem o sentido greco-moderno de “vida intelectual”, a faceta “intelectual” de nosso ser em contraste com o corpo e a “sensualidade”, mas refere-se à vitalidade e ao vigor eterno e glorioso de Deus. Por exemplo, o profeta Isaías diz em Is 31.3: “Pois os egípcios são homens e não deuses; os seus cavalos, carne e não espírito.” Em seguida “carne” passa a ser particularmente a designação de toda pessoa separada de Deus, tanto no seu sentido “intelectual” quanto na sua existência material transitória. “Carne” é tudo o que essa pessoa separada de Deus possui e sabe, o que ela mesma pode criar e realizar, inclusive suas mais sublimes e nobres realizações. “Carne” no sentido da Bíblia é também sua arte mais delicada e sublime, “carne” é sua mais nobre moralidade, “carne” é também toda a religião produzida pessoalmente nas profundezas do coração e do estado de espírito. Essa “carne” pode ser sempre reconhecida no fato de que o ser humano continua voltado sobre si mesmo, confia em si mesmo e se gloria em si mesmo.”Carne” é sua natureza centrada em si mesma. Mesmo quando exerce a moral e a religião, o ser humano fica preso a seu eu, cultiva e glorifica-o, até mesmo quando cita o nome de Deus.

Para Paulo, o aspecto insuportável dos adversários é que eles – ainda que tenham “boas intenções” – prendem o ser humano nessa esfera da carne ou que, sendo ele membro da igreja de Jesus, tentam novamente rebaixá-lo a essa esfera. O verdadeiro cristão havia recebido uma maneira totalmente diferente de servir a Deus. “No Espírito”, na própria natureza e vida de Deus ele vivia para Deus. Esse “culto a Deus” é, no sentido estrito da palavra, algo absolutamente diferente de toda a religião humana, por mais sublime que esta seja. Esse culto a Deus “no Espírito e na verdade” é tão distinto de qualquer “religião” como o dia difere da noite, o Espírito, da carne, Deus, da criatura. Por essa razão nesse culto a Deus nós não nos gloriamos novamente das realizações pessoais, mas gloriamos do Cristo Jesus somente. Porque tudo o que um ser humano poderia ter e ostentar pessoalmente em termos morais e religiosos na verdade é apenas “carne”. Por isso aparece aqui apenas uma alternativa, e não aquela mescla de evangelho e “religião” que os adversários promoviam, e por meio da qual tão-somente mostravam que nem mesmo haviam entendido o evangelho. Por isso são pessoas tão perigosas, “dilaceração”, “maus obreiros”: quanto mais zelosos, tanto piores. Por isso são “cães”, que têm de ser prontamente afastados. Porque a verdadeira “circuncisão”, a verdadeira igreja de Deus nesta era somos **“nós, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne”**.

No entanto – será que Paulo está pensando seriamente que todas as realizações morais do ser humano e toda a sua religião não são **nada**? Afinal, todo o ser se rebela contra isso, até mesmo nós! Sim, Paulo pensa assim com toda a seriedade. Não consegue explicitar melhor essa gravidade do que demonstrando o “caráter carnal” e a completa inutilidade de toda a religião e moralidade próprias não em seus adversários, mas em seu próprio exemplo e em sua vida pessoal.

4-6 Isso, portanto, é o que os filipenses e sobretudo também seus adversários têm de levar em consideração: afinal, ele mesmo também possuía tudo isso que os adversários enalteciam e tentavam impor às igrejas, sim ele o possuía na proporção máxima! Não critica aquilo que os adversários trazem como a raposa desmerece as uvas azedas, por lhe serem inatingíveis! Ele é **“alguém que também poderia depositar sua confiança na carne”**. Sim, **“se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais!”** Se depende de circuncisão – Paulo foi circuncidado no oitavo dia, exatamente segundo a prescrição de Lv 12.3. Se pertencer a Israel significa a salvação – ele é oriundo “da geração de Israel”, sendo até capaz de “citar a tribo a que pertence, algo que somente os membros originários do povo podiam fazer, mas não aqueles que foram agregados mais tarde” (Schlatter). Trata-se daquela tribo a que, conforme Js 18.28, no início também pertencia Jerusalém e da qual surgiu o primeiro rei de Israel, de quem Paulo tinha o nome. Ele é um “hebreu de hebreus”, o que certamente significa: apesar de ser originário de Tarso, ele não descende de judeus helenistas da diáspora, mas de antigos grupos de fala aramaica (cf. At 6.1; 2Co 11.22)! Por acaso algum de seus adversários pode afirmar isso tão facilmente a respeito de si mesmo? A essa sua origem impecável em termos nacionais e religiosos correspondia sua própria atitude interior. Aderira àquele grupo rigoroso no povo que insistia no cumprimento detalhado e completo de toda a lei. No termo “fariseu” não devemos imaginar logo o quadro que, com base nas palavras de Jesus, costumamos conceber de forma demasiado rápida e “farisaica”. Os fariseus eram antes de tudo homens que com zelo ardente e disciplina férrea da vontade realmente tentavam obedecer a Deus em tudo. Se a questão é “fazer”, nós só temos a nos envergonhar com nossa moral cristã morna diante da integridade e resolução daqueles fariseus. Muitos deles confirmaram a seriedade de sua mentalidade por meio de um duro martírio. Se os judaístas queriam introduzir um pouco de “lei” na igreja – Paulo sabe o que significa realmente levar a sério toda a lei. Ele próprio fora **fariseu**. Havia levado esse zelo pela lei radicalmente a sério. Por isso ele não combateu apenas com palavras os cristãos, esses sonhadores, que de forma tão ridícula quanto blasfema pretendiam ver em um criminoso vergonhosamente executado o Messias de Israel, o filho do Exaltado, mas também tentou exterminá-los sistematicamente: **“quanto ao zelo, perseguidor da igreja”**. Ele sabe como a mensagem do evangelho é revoltante para toda pessoa séria em termos morais e religiosos. Porque precisamente isso fora o jovem Saulo de Tarso: um moço impecável, sincero e devoto, **“quanto à justiça, à justiça na lei, irrepreensível”**. Quando lhe apresentavam os mandamentos, podia afirmar com o jovem rico: “Tudo isso tenho observado desde a minha juventude”. Por essa razão ele também era conhecido nos mais altos escalões, um personagem promissor, ao qual desde já se confiavam importantes tarefas (At 9.2).

Portanto, Paulo foi conduzido de maneira bem diferente do que Martinho Lutero. Tudo o que sabemos de Lutero e também transferimos facilmente para Paulo - o sofrimento debaixo da lei, o temor perante a ira e o juízo de Deus, o medo da perdição - tudo isso não podia ser constatado no jovem Saulo de Tarso. Experimentou a lei da mesma maneira como ela se espelha, p. ex., nos Sl 19 ou 119: “A lei do Senhor é perfeita e restaura a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos simplices” (Sl 19.7). Sua atitude correspondia aos numerosos idealistas éticos que fervorosamente subordinam a vida à “lei” (independentemente de como possam entender seu conteúdo) e obtêm satisfação de sua decidida entrega às exigências do bem. Portanto Rm 7.14ss não tem sentido biográfico! Somente mais tarde Paulo adquiriu esse entendimento do ser humano sob a lei. Justamente o rigor moral é um mundo fechado em si, cuja limitação e dubiedade não podem ser percebidas por quem está do lado de dentro. “Falhas” da própria vida, porventura descobertas, aparecem primeiramente apenas como “exceções”, como falhas a serem superadas o quanto antes, que somente impelem para um engajamento maior. A mensagem da graça do evangelho apenas pode ser sentida como tolice incompreensível, e até mesmo como perigoso solapamento da disposição voluntária, sendo conscientemente combatida. Não temos nenhum motivo para introduzir quaisquer dúvidas e aflições íntimas em Saulo, que corre para prender cristãos em Damasco. Ele trilhava a via da lei e, por consequência e com toda a convicção, a via do extermínio do revoltante fanatismo cristão, “na ignorância, na incredulidade” (1Tm 1.13).

Tanto mais integral teve de ser a mudança, quando esse homem se tornou cristão! Como, porém, **isso** aconteceria? Como aconteceu?

7 Esse mundo do idealista ético e religioso Saulo, fechado em si, só poderia ser aberto e ferido de morte de fora para dentro. Foi o que ele descreve pessoalmente, numa correlação precisa com o

relato de At 9: **“Mas o que, para mim, era ganho, isto considereí perda por causa do Cristo.”** “Por causa do Cristo”: no episódio às portas de Damasco Saulo se deparou com o fato de que apesar de tudo Jesus era o Messias, o Ressuscitado, o Senhor vivo. Por meio desse fato objetivo, já não contestável, todo seu caminho anterior se evidenciou como errado. Afinal, esse caminho havia levado com conseqüência lógica à rejeição, e mesmo à perseguição do Messias Jesus enviado de Deus (“Saulo, Saulo, por que me persegues?”, At 9.4). Esse caminho fizera do homem puro, irrepreensível e devoto um “blasfemo, perseguidor e sacrílego” (1Tm 1.13). O zeloso implacável pela honra de Deus na verdade se fizera um inimigo de Deus! Esse caminho, portanto, não apenas devia ter falhas, mas ser profunda e essencialmente errado. E agora Paulo volta o olhar para esse Messias Jesus, cuja realidade se tornou irrefutavelmente certa na estrada para Damasco. Ele olha para esse Cristo sofredor, crucificado, morto e amoroso. Então se dá conta do que acaba de escrever aos filipenses em breve síntese: diante da natureza essencial e verdadeira de Deus, conforme ela se mostrava no Cristo Jesus e em sua morte na cruz, tudo de que o ser humano é capaz se evidencia como “carne”, justamente também no caso de seus mais sublimes valores eclesiásticos, morais e religiosos. Também a circuncisão, a descendência do povo da aliança, o cumprimento férreo e puro da lei, todo o zelo próprio e impiedoso por Deus – tudo é apenas “carne”. E “espírito”, ou seja, verdade e vida a partir de Deus, somente é aquilo que entrou neste mundo por meio do amor redentor de Cristo, algo que a mais decidida religiosidade humana apenas consegue considerar ridículo e blasfemo.

Por essa razão ocasiona-se a grande inversão de todos os valores, que deve ter acontecido de modo fundamental em Paulo naqueles três dias em Damasco, dos quais se informa: “Esteve três dias sem ver, durante os quais nada comeu, nem bebeu” (At 9.9). **“O que, para mim, era ganho, isto considereí perda por causa de Cristo.”** Em geral entendemos erroneamente essa palavra, privando-a de sua acuidade e profundidade. Afinal, conhecemos somente a conversão dos “pecadores”. Conseqüentemente, diante do que era considerado “ganho” e agora é tido por “perda”, pensamos em bens terrenos, em prazeres terrenos e talvez pecaminosos, em toda a vida mundana, com a qual o cristão precisa romper. Mas Paulo não via “pecados”, nem “prazeres”, nem “bens mundanos” neste retrospecto. Via tesouros em seu passado que qualquer pessoa religiosa contabilizaria como “ganho”: o sacramento da circuncisão, a inclusão na congregação do povo da aliança, sim, toda a elevada moralidade e devoção em que ele havia apostado a seriedade de homem – **isso** ele aprendera a considerar “perda”! Jesus é tão cabalmente diferente, tão novo, tão maravilhoso que os valores terrenos não desvanecem diante dele, mas o maior ganho interior que um ser humano puder ter torna-se “perda”! Será que nós “cristãos” de hoje ainda temos alguma percepção dessa magnitude e singularidade de Jesus?

- 8 Paulo confirma novamente: **“Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da destacada magnitude do conhecimento do Cristo Jesus.”** A ênfase não está na troca do tempo verbal. Paulo não deseja enfatizar que hoje ainda concorda com o entendimento adquirido em sua conversão, ou seja, que ela não foi, p. ex., um entusiasmo inicial transitório. Nesse caso deveria ter escrito expressamente “agora” ou “hoje”. O mero uso do presente não seria suficiente para isso. A tônica está no “tudo”. Não somente os valores arrolados de seu passado judaico, não - tudo o que Paulo desde então aprendeu nos encontros com pessoas é somente “perda”. Isso **“por causa da destacada magnitude do conhecimento do Cristo Jesus, meu Senhor”**. Porventura ainda conseguimos entender isso? Será que nós ainda conhecemos este tipo de conhecimento de Jesus? Ou será que essa palavra de Paulo é totalmente estranha, exagerada, fanática para nós? Contudo, esse Cristo Jesus de fato se tornou para Paulo, desde o encontro às portas de Damasco, todo o conteúdo de seu pensar e entender. Escreve aos coríntios: “Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Co 2.2). Porque precisamente o fato de que ele, o “Senhor da glória” se tornou o impotente, humilhado, crucificado, foi para ele objeto inesgotável de todos os seus pensamentos. Em Fp 2.5-11 Paulo forneceu aos próprios filipenses uma demonstração da visão admirada e adoradora desse mistério de Jesus. Também em Cl 1.15-2.15 encontramos um exemplo dessa “sobreexcelente magnitude do conhecimento do Cristo Jesus”. Por isso ele pede dos efésios (Ef 3.19) o que repetidamente preenche sua própria vida até transbordar: “conhecer o amor do Cristo, que excede todo entendimento”. Diante desse conhecimento todo o resto perde o valor.

Isso não é somente teoria! Ao empregar os termos do antigo jogo de dados, “ganho” e “perda”, Paulo retira a questão do nível da moral e da razão, no qual involuntariamente a situamos a partir de nosso cristianismo moralizado. Arriscou um grande jogo em sua vida! “E perdeu muito com isso”,

diz o expectador sensato. Verdade, confirma Paulo: **“por amor do qual tive de perder tudo isso.”** A realidade era dura: seu povo (talvez também seus pais e sua família), sua reputação, sua posição, seu futuro promissor, uma vida sossegada e honrada –tudo isso ele “perdeu no jogo”. Não faz mal, diz Paulo, intercalando uma observação com uma palavra rude: **“Considero-o porcaria.”** Na verdade ganhei nesse jogo arriscado de minha vida e continuo ganhando: **“Para ganhar a Cristo e ser achado nele.”** Assim como perder, o ganhar não é mera “questão de opinião”, mera aquisição de conhecimentos dogmáticos. Nem mesmo se trata apenas do chamado “crer em” Cristo. Não, esse mesmo Cristo é a propriedade que ele ganha, tão real como a perda de todo o resto, que não aconteceu apenas em pensamento, mas de fato.

Esse Cristo é, pois, o ambiente de vida no qual Paulo deve ser “encontrado”. Ter conquistado esse amor que jamais será entendido, essa glória divina, essa plenitude da vida eterna de fato faz com que cada outro “ganho” se pareça com “perda”. A vida do cristão certamente é “ascese”, precisando perder, abrir mão, porém isso não é realização moral (que novamente não passaria de “carne”), mas é um ganhar exuberante – no perder, a vida é uma riqueza transbordante na pobreza, e por isso é “alegria” até mesmo quando se é derramado como libação (Fp 2.17). Também o abandono de toda a “religião” própria constitui ganho total. Porque viver neste Cristo é viver “no Espírito”. A partir dessa vida em Cristo fica claro como a mais séria das moralidades e a mais nobre das religiões são mortas, pobres, sombrias, “até mesmo no melhor padrão de vida”. É “carne” e não “Espírito”. Antes não **podíamos** vê-lo, por estarmos pessoalmente dentro. Agora, porém, ocupando esse “lugar” totalmente diferente em Cristo, nós vemos e já não podemos depositar nossa confiança em qualquer coisa que seja apenas “carne”, mas nos gloriamos unicamente do Cristo Jesus. Será que os filipenses notam do que os “maus obreiros” privam a igreja com todo seu zelo, em que prejuízo eles a precipitam com seu suposto “lucro”?

- 9 Paulo, será que isso vale da mesma maneira para a área central de nossa vida, nossa posição perante Deus, nossa “justiça”? Paulo ouve essa pergunta em sua mente e interrompe o fluxo normal de seu testemunho, que depois prosseguirá na direção original. Com certeza, **“já não estou de posse de minha justiça própria, a da lei, mas a por meio da fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé”!**

A frase é da mais densa brevidade, trazendo a “doutrina da justificação” em sucinto testemunho pessoal. Por isso ela tampouco explica ou fundamenta algo. Sentimos como justamente a mensagem da justificação não é um jogo inteligente de terminologias, que possa ser manuseado com aptidão, ou um conhecimento meramente dogmático que possa ser explicado a toda pessoa sensata e “demonstrado” com tantos e tantos argumentos. Como “doutrina”, porém, ela é tão-somente a projeção racional de uma realidade vivenciada de forma bem diferente. A guinada na concepção da “justiça perante Deus” integra a guinada total que aconteceu com Paulo quando veio a conhecer o Cristo Jesus como seu Senhor. Por essa razão a “doutrina da justificação” tampouco pode ser entendida nem afirmada sem uma dessas guinadas totais fundamentais, sem um reconhecimento de Jesus desse tipo. Por maior que fosse a clareza com que se apresentasse a justificação ao fariseu Saulo de Tarso, ela jamais o teria convencido. Diante dela o ser humano moral e religioso sempre dará de ombros, perplexo, ou se irritará passionalmente com ela. Se minha luta para praticar a vontade de Deus, para praticar o bem, não for mais meu valor em vista da justiça eterna, ruirá o fundamento de toda moralidade, bem como o fundamento de minha própria vida! Novamente é apenas a partir do novo “lugar” da vida “em Cristo” que a inutilidade dessa “justiça a partir da lei” se torna visível. Não é preciso demonstrar suas carências, falhas e lacunas – nossa proclamação se dedica demasiadamente a tais demonstrações. Agora ela foi condenada simplesmente por ser “minha própria” justiça. Apesar de toda a dedicação, de toda a disciplina férrea na obediência aos mandamentos, é somente o eu que tenta se afirmar diante de Deus. O ser humano quer ser independente e autônomo justamente no centro de sua vida, na realização do bem, e contrapor-se a Deus, conquistando dele o beneplácito. Justamente o ser humano que fosse capaz da perfeita realização moral, que comparecesse diante de Deus impecavelmente puro e nobre seria o ser humano perfeitamente ateu no brilho de “sua própria justiça”. Era essa igualdade a Deus atéia que estava em jogo na queda do pecado, era esse saber autônomo e arbitrário do bem e do mal. Paulo, porém, foi cativado por Cristo, encontrou nele o amor de Deus com toda a sua glória. Agora já não deseja sua própria justiça, nem mesmo no momento em que de fato seria capaz de conquistá-la. Já não a deseja, não apenas por ter desmascarado que é furada e inatingível – por isso também, é claro, mas não é

disso que fala a presente passagem –, mas por princípio não a deseja mais como sua “propriedade”! Ele não quer mais a auto-afirmação perante Deus que se expressa nela da forma mais sutil e perigosa. Reencontrou a posição “correta” perante Deus, na qual a criatura vive do amor de Deus e de suas dádivas. A conhecida tradução de Lutero, “a justiça que vigora perante Deus”, ou, na presente passagem, “a justiça que é creditada por Deus à fé”, ainda não abrange inteiramente o que Paulo escreveu. Poderia ser entendida equivocadamente no sentido de que o ser humano ainda continua se afirmando diante de Deus, agora evidentemente não mais com sua insuficiente justiça própria, mas com a justiça melhor adquirida na fé, uma justiça que Deus deixa prevalecer. Paulo, porém, realmente se referia à justiça própria de Deus, que nos é concedida por meio de Cristo em virtude da fé assim como também o Espírito próprio de Deus e a vida própria de Deus.

Em decorrência, clareia-se para nós também a relação desta passagem com Rm 7.14ss. A princípio as afirmações aqui e lá parecem se contradizer. Aqui a justiça parece ser atingível por meio da lei (v. 9), e até mesmo atingida de fato na vida de um fariseu sério (v. 6). A perspectiva de Paulo não é aquela que nós filhos da Reforma consideramos óbvia, a perspectiva que olha para trás com um gemido por causa da falta da justiça, mas a da constatação determinada da “**justiça que há na lei, irrepreensível**”. Em Rm 7, porém (e em outras passagens conhecidas), o cumprimento da lei é fundamental e essencialmente impossível. Lá ocorre o lamento sobre o querer vão e sobre a obrigatoriedade de fazer aquilo que se odeia, lá ouve-se o grito: “Desventurado homem que sou!”. Como Paulo consegue proferir afirmações tão distintas? Como ele pode se contradizer dessa forma? E qual é, afinal, o Paulo “genuíno” e verdadeiro? Qual é a verdade para nós? O dilema acaba quando levamos em conta que na presente passagem a lei é vista como realidade “carnal”, mas em Rm 7.14 como “espiritual”. Lá Paulo afirma o que antes não havíamos compreendido: “Sabemos que a lei é pneumática”. Assim como o ser humano natural considera, e unicamente é capaz de considerar, a lei como regra para sua própria justiça humana, como soma de instruções para o reto fazer e deixar de fazer, a lei é exequível. Enquanto a conhecermos somente dessa maneira, poderemos constatar de forma subjetivamente honesta: “Tudo isso tenho observado desde a minha juventude”, sou “irrepreensível”. Por isso também existem tantas pessoas gentis e corretas que não sabem nada sobre a aflição e o desespero de quem se sente oprimido pela lei e que simplesmente não conseguem entender as afirmações de outros a esse respeito. Contudo, como expressão da justiça de Deus, a lei é “espiritual”, i. é, ela é oriunda do Espírito de Deus e visa à vida divina gerada pelo Espírito e ao serviço para Deus no Espírito Santo. Não é essa ou aquela ação, mas unicamente a *agápe*, o amor divino, que constitui o “cumprimento” dela (Rm 13.10). Esse “amor”, porém, não é alcançado, por mais ferrenhamente que se cumpra a lei. Pelo contrário! Num paralelo exato com as frases acima (p. 235) constatamos: quanto mais integralmente uma pessoa “cumpre” a lei com dura disciplina, tanto mais plenamente falha em seu verdadeiro cumprimento! Por essa razão justamente o fariseu sério e subjetivamente correto passou a ser alguém que não entendia nada do agir amoroso de Deus em Jesus, e até alguém que o odiava e que com seu ardente zelo pela honra de Deus não obstante se tornou justamente inimigo de Deus e perseguidor de Jesus. Somente quando Saulo passa a ser Paulo, quando não busca mais a justiça própria no cumprimento da lei, então a justiça de Deus lhe pode ser atribuída, sendo “o amor de Deus derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Rm 5.5). É assim que a lei chega a seu verdadeiro e essencial cumprimento. Doravante Paulo desejava ter unicamente essa “justiça”, a “justiça pela fé em Cristo, que provém de Deus em virtude da fé”. Somos extraordinariamente gratos por essa visão da doutrina da justificação a partir de um contexto completamente diferente. Vemos, assim, as velhas conhecidas linhas de pensamento de uma maneira nova e particularmente clara para nós não israelitas.

- 10 Em seguida Paulo prossegue no fluxo de seu raciocínio original. Teve de perder tudo para ganhar a Cristo e ser encontrado nele, “**para conhecê-lo**”. Diante da “magnitude sobreexcelente do conhecimento do Cristo” todo o resto tornou-se pequeno para ele, e até mesmo “perda”. Porém justamente por causa da “magnitude sobreexcelente” esse conhecimento é inesgotável e nunca chega ao final. O amor do Cristo supera qualquer conhecimento, motivo pelo qual movimenta nosso conhecer e apreender de forma incessante. No caso, “conhecer” deve ser entendido da maneira intelectual moderna, mas bíblica. Afinal, biblicamente o termo pode ser usado (p. ex., em Mt 1.25) para a relação conjugal. É um conhecer afetoso e pessoal. É assim que Paulo conhece e ganha o Cristo Jesus, a fim de conhecê-lo cada vez mais e com maior profundidade. Que inesgotabilidade e que frescor constante, mas também que poderoso movimento penetram assim na vida cristã!

Realmente é possível permanecer no “primeiro amor” (Ap 2.4), que não consegue saciar seu ardente desejo de conhecer cada vez mais o glorioso Redentor.

A continuação mostra que de fato não se trata de um processo meramente intelectual: “**e o poder de sua ressurreição**”. Não é a doutrina sobre Cristo que Paulo tenta compreender cada vez melhor, mas ao próprio Cristo, a ele em pessoa e em sua vida. No entanto, ele é o Ressuscitado e torna eficaz a *dynamis*, a “dinâmica” de sua ressurreição. A ressurreição não foi uma experiência pessoal dele, que lhe tenha concedido meramente uma nova vida depois da morte, mas foi o efeito do poder redentor e renovador de Deus no cabeça em prol de todo o corpo, e foi até mesmo foi começo da renovação de toda a criação. Cristo ainda está oculto para o mundo, tão oculto que pessoas como Saulo de Tarso o combatiam como se fosse uma fábula perigosa. Mas seu poder de ressurreição está atuando desde já. Sempre que pessoas são renovadas no corpo (At 3.16; 4.10) ou na alma, sempre que os poderes das trevas retrocedem, sempre que acontece a fé viva e, por conseqüência, o “ser ressuscitado com Cristo” (Ef 1.19s; 2.5s; Cl 2.12), torna-se eficaz esse “poder de sua ressurreição”. Paulo não se cansa de conhecer sempre de novo e sempre mais esse poder.

Não obstante, importa-lhe de fato o próprio Jesus, e somente Jesus. Por isso não lhe importam apenas as experiências ditosas, de como o Ressuscitado ajuda e salva com poder. Deseja ter o Cristo inteiro, e por isso também o Crucificado e morto. Somente poderemos estar nele e verdadeiramente ter participação nele quando também partilharmos seu sofrimento e sua imagem de morte. Por isso Paulo de fato é capaz de acrescentar: “**E a participação nos seus sofrimentos, conformando-me com ele em sua morte.**” Nós permanecemos assustadoramente atolados no egoísmo até mesmo no entendimento do evangelho. Diante da mensagem de Cristo somente perguntamos pelas vantagens que nós teremos, pela nossa felicidade. Por isso nossa teologia e nossa proclamação são dedicadas e grandiosas na captação e na exposição do “Cristo para nós”. Nós mesmos, porém, ficamos longe de Cristo na realidade da nossa vida. Nossa vida ensimesmada não foi superada, não fomos realmente redimidos. Essa redenção deveria acontecer repentinamente após a morte física, e a “santificação” permaneceu em um segundo plano incerto, ao lado da “justificação”. Acolhemos a entrega libertadora a Jesus de maneira muito insuficiente, não possuímos esse anseio tempestivo por ele, afastando-nos do próprio eu que arde nas frases do presente texto, esse “em Cristo”, “com Cristo”, “para Cristo” (cf. acima, o exposto sobre Fp 1.29). Por essa razão o cristianismo evangélico também está tão abatido, sem vigor e sem vitórias. Paulo, porém, transita, sem pausa e sem mudar de assunto, da conversão (v. 7s) para a justificação (v. 9), a santificação (v. 10) e a perfeição (v. 11). Tudo se resume em um único processo de vida homogêneo, que pode ser sintetizado na expressão “ganhar a Cristo”. Toda a diferença entre Paulo e nós torna-se explícita de forma particularmente marcante no posicionamento diante dos sofrimentos de Cristo. Para nós, a “participação em seus sofrimentos” significa, na melhor das hipóteses, um fardo do qual não nos esquivamos propriamente; mas a condição normal que desejamos é que Jesus nos livre, como igreja e indivíduos, dos sofrimentos e que possamos fruir em paz e felicidade os frutos da paixão dele. Paulo, porém, via na “participação em seus sofrimentos” algo que ele ambicionava como um bem tão sublime quanto a “força de sua ressurreição”. Também aqui ele não pensava em “teologia da crucificação”, mas na participação real. Com base em 1Co 10.16, onde a celebração da santa ceia é descrita como “participação” no sangue e corpo do Cristo, poderíamos praticamente falar de uma “presença real” dos sofrimentos de Cristo na vida dos crentes.

A realidade da participação nos sofrimentos é sublinhada pelo adendo: “**conformando-me com ele na sua morte**”. Enquanto o ser humano natural deseja viver, progredir e prevalecer neste mundo, Paulo anseia por uma existência que o transformará em desprezado, atribulado e moribundo neste mundo. A palavra de seu Senhor Jesus sobre “perder a vida” tornou-se ação e verdade para ele. Em duas cartas ele lutou com os coríntios para que compreendam que a trajetória dele, de renovados perigos, maus tratos, detenções e humilhações, não anula sua autoridade como apóstolo, mas justamente a confirma. Ele se gloria de preferência em sua “fraqueza”, não em suas experiências maravilhosas (2Co 12.9s), e isso significa precisamente que ele se gloria “unicamente da cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio do qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo” (Gl 6.14). Essa conformação com a morte de Jesus não é uma desgraça para ele, da qual tenta escapar na medida do possível, mas o alvo de sua vida. A autoridade da igreja e de cada um na proclamação da mensagem de Cristo também dependerá de que nesse ponto comecemos novamente a entender a Paulo, vivendo segundo o exemplo dele.

11 Paulo busca essa participação na paixão e morte do Cristo com o objetivo de “**alcançar, de algum modo, a ressurreição dentre os mortos**”. Pois a era vindoura, o *éon* da ressurreição, possui na presente era mundial seu correspondente oposto. “Fiel é esta palavra: Se já morremos com ele, também viveremos com ele; se perseverarmos, também com ele reinaremos” (2Tm 2.11s). Este *éon* só consegue entender a manifestação da sabedoria divina como “tolice”, a força divina como “fraqueza”, a glória divina como “cruz”. No entanto, o olhar do apóstolo está voltado para o *éon* vindouro, que será o último e transformará tudo totalmente.

Mas não tem somente em vista esse *éon* em geral. Paulo tem um alvo específico que ele formula como “**ressurreição para fora dos mortos**”. Alguns teólogos explicam que essa formulação não teria nenhum significado especial e seria a mesma coisa que “ressurreição dos mortos”. Mas, nesse caso, por que Paulo não usou simplesmente essa expressão? E, acima de tudo: todas as pessoas experimentarão a “ressurreição dos mortos”, inclusive aquelas que gostariam muitíssimo de evitá-la, para não comparecer diante do grande trono branco (Ap 20.11) e confrontar-se com aquele diante de cujo semblante “fogem” céus e terra. Paulo não teria necessidade de buscar essa ressurreição geral. Porém Paulo está nitidamente falando de uma ressurreição que não inclui todos os mortos, mas que conduz para fora da multidão dos mortos. Falou dela também em 1Co 15.23 de forma sucinta, mas bastante inequívoca. Não devemos permitir que a tradição eclesiástica, mostrada pela Escritura e que já no Credo Apostólico comprime em um único evento a rica e variada história do fim (“de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos”), nos deixe cegos para as afirmações bíblicas. A declaração sucinta de 1Co 15.23: “depois, os que são de Cristo, na sua parusia” foi melhor explicada pelo próprio Paulo em 1Ts 4.13-18, da forma mais tangível possível nesses acontecimentos que transcendem qualquer concepção humana. Quando os anjos, conforme o anúncio de Jesus (Mt 24.31,40s), reunirem com sonoras trombetas os eleitos de uma extremidade do céu à outra, Paulo não deseja fazer parte daqueles que são “deixados para trás”, mas daqueles que são capazes de “escapar de todas essas coisas que têm de suceder, e estar em pé na presença do Filho do Homem” (Lc 21.36).

No entanto – porventura Paulo ainda teria alguma incerteza nisso? Por que, então, essa expressão estranhamente tímida: “**se de algum modo alcançarei...**”? Afinal, em 1Co 15.23 o próprio Paulo não atribuiu essa ressurreição a todos “que pertencem a Cristo”? Também em 1Ts 4.13-18 não se pode perceber a menor insegurança, e ele se considera simplesmente um daqueles que ainda estarão vivos na parusia e serão transformados. Seria esta “ressurreição para fora dos mortos” algo diferente, p. ex., uma ressurreição imediata de certos mártires? É o que pensa Lohmeyer. Contudo não encontramos essas idéias em outros textos de Paulo, e nem mesmo a presente passagem faz alusão a isso. Em decorrência um exegeta tão consciencioso como Ewald tentou dar preferência à relação do presente versículo com Ef 5.14 e Rm 6.13 e entender a “ressurreição para fora dos mortos” como um processo espiritual na atualidade. Nesse caso, porém, torna-se ainda mais difícil a formulação interrogadora “se de algum modo...”, pois conforme Rm 6.13 os cristãos romanos não devem ver se de algum modo chegarão à tal vida da ressurreição, mas se estão se comportando como pessoas que já saíram do meio dos mortos para a vida. Também aos colossenses essa condição de ressuscitados é simplesmente atribuída, em Cl 3.1.

Não: esse “se de algum modo alcançarei a ressurreição dentre os mortos” evidencia mais uma vez que o cristão Paulo é bem diferente de nós. Quando, inertes e tímidos, nos satisfazemos com meias soluções, ele age com poder e faz afirmações sobre a condição cristã diante de cuja magnitude e certeza nós nos espantamos. Porém, quando pensamos que nada mais pode nos faltar, que “obviamente” participaríamos da ressurreição, do arrebatamento e aperfeiçoamento da igreja, ele se detém diante da inconcebível magnitude desse acontecimento e não escreve: “para que eu então chegue naturalmente à ressurreição”, mas: “se de algum modo alcançarei a ressurreição”. Não se trata de insegurança ou dúvida, mas de uma reverente admiração e de humildade não-artificial. É como uma criança antes do Natal: a criança sabe que a sala se abrirá, que o pinheirinho estará aceso, e apesar disso não consegue captar que tudo realmente estará lá de novo: “será que de fato vou ver isso outra vez?” Quando Paulo fala da igreja e simplesmente se junta à igreja, ele escreve as serenadas e determinadas afirmações: “Nós seremos...” Mas quando olha em frente por si mesmo – e a presente passagem constitui testemunho pessoal do começo ao fim – então, nessa atitude de admiração e veneração, ele só consegue dizer: “se de algum modo alcançarei...”

A IMAGEM DO CRISTÃO – FP 3.12-14

12 – Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus.

13 – Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão,

14 – prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

Paulo descreveu sua conversão e vida cristã por meio de um poderoso testemunho pessoal. Agora ele sublinha um traço básico dela, que na verdade já se destacara nessa mesma descrição, mas que ele deseja que fique especialmente claro para a igreja, em vista da própria existência cristã desta. Como se configura uma vida cristã?

Se pûssemos a um artista atual que desenhasse em uma figura simbólica o que representa “o cristão” – que imagem o artista escolheria? Que impressão tem ele da “essência” dos cristãos de hoje? Talvez ele desenharia o “ouvinte” ou uma mulher que sentada de mãos postas diante de uma Bíblia aberta.

Difícilmente ele lembraria uma imagem que para Paulo na verdade era a imagem apropriada de um “cristão”: a imagem de um desportista no estádio! O próprio Paulo se via nessa imagem. Qualquer interpretação e aproveitamento do presente trecho, portanto, precisa acontecer de tal maneira que essa imagem do cristão fique explícita.

12s A primeira pergunta decisiva é, neste caso: onde está a verdadeira ênfase das frases?

Evidentemente não onde as pessoas gostam de procurá-la, por razões compreensíveis da polêmica teológica e eclesiástica: na constatação de que o cristão não está pronto. O cristianismo evangélico tem uma grande preocupação com a “empáfia”. A contemplação intensa e constante de nossa miséria e de nossa completa insuficiência parecia ser necessária para que a graça fosse valorizada e desejada como necessária e permanecesse livre de qualquer “idéia meritória”. Por isso suspeitamos orgulho e farisaísmo por trás de toda alegre certeza, e tememos o “perfeccionismo” em cada convocação ao engajamento das forças e à verdadeira santificação da vida. Nessa situação as palavras de Paulo parecem ser a arma oportuna: **“Não que eu já o tenha alcançado ou seja perfeito.”** Contudo, mesmo com essa interpretação agimos da forma como nossas más maneiras gostam de fazer: tomamos a metade de uma palavra bíblica para transformá-la numa arma prática para golpear a cabeça do adversário teológico ou eclesiástico. A outra metade, porém, é ignorada. No entanto, essa segunda metade é aquela na qual incide a verdadeira ênfase de Paulo! Afinal, Paulo não diz: “Embora me esforce e corra, estou muito longe de chegar ao alvo.” Seu raciocínio é inverso: “Admito que também preciso reconhecer que ainda falta muito para que eu chegue ao alvo, mas assemelho-me ao corredor que com concentrados esforços se precipita rumo ao alvo para obter o prêmio da vitória!” Essa estrutura de pensamento torna-se especialmente explícita por meio do “mas uma coisa” [v. 13], que parece ser um dedo levantado: “Atenção! Agora vem o principal!” Esse ponto decisivo, porém, é correr atrás. Essa é a característica básica da vida cristã que ele visa inculcar à igreja. O adversário não é o “perfeccionismo”, mas o “quietismo”.

Não sabemos se Paulo estava preocupado com determinados aspectos na vida eclesial dos filipenses ou com expressões que ouvira deles, e se os presentes versículos, portanto, possuem uma referência histórica específica. Mas o equívoco “quietista” sempre esteve latente na mensagem de Paulo. Quando nosso eu não sente mais o chicote da lei, quando ele não ouve mais: Deves! Precisas! Não deves!, quando de fato recebemos tudo de presente e somente precisamos aceitá-lo pela fé – será que então não podemos sossegar? Se “ganhei a Cristo” não estará “tudo bem”? Será que não cheguei praticamente ao alvo, tenho tudo o que preciso, esperando tão-somente até que a volta do Senhor aperfeiçoe tudo? Como a doutrina da “justificação sem obras, unicamente pela fé” tornou a cristandade evangélica assustadoramente segura de si e lerda! Diante disso, pessoas e movimentos, que com temor e ira constataram essa perniciosa lerdeza, retornaram à vara da lei, tentando assim pôr a igreja novamente em movimento. Com excessiva freqüência isso se transformou no impotente chicote infantil da moral idealista cristã, que estala muito bem na pregação, mas não realiza nada quando realmente importa: “A rigor o cristão deveria...! O cristão deve mesmo...!” Diante de tudo isso Paulo se deparou com a tarefa de desalojar a lerdeza e o erro de se sentir pronto, sem destruir toda a gloriosa certeza da qual ele próprio acaba de dar testemunho, bem como de mostrar a necessidade de engajamento intenso, sem que esta motivação o leve outra vez a ficar debaixo da lei.

Nisso a imagem do desportista é útil. Por que o homem corre no estádio? Por ser “obrigação”? Por que alguém corre atrás dele com o chicote? Não, ele o faz de forma completamente voluntária e, não obstante, empenhando todas as suas forças! Como isso é possível? Ele não é instigado nem aticado por trás, com ordens. É requestado e atraído pelo alvo, pelo prêmio da vitória. Assim é o cristão! Pelo conteúdo, essa imagem já fazia parte de toda a descrição pessoal de Paulo acerca de sua própria vida. Basta ter uma pequena capacidade de ler para sentir esse tempestuoso ímpeto à frente nos v. 7-11! Avante! Mais!, essa corrida irrefreável, que ainda assim é completamente diferente da contenda inquieta sob a lei. Agora Paulo destaca essa imagem mais uma vez, de forma expressa.

O que põe o cristão em movimento? Não uma “lei” com ordens e ameaças. Está “em Cristo” e “ganhou a Cristo”. Porém esse Cristo e sua glória jamais foi “agarrado” por nós, nunca estamos “perfeitos” e completamente “nele”. É certo que – graças e louvor a Deus por isso! – existe algo totalmente certo e imutável. Não se trata de nós alcançarmos a Jesus, mas de Jesus agarrar a nós!

Fomos “agarrados por Cristo Jesus” já por ocasião da cruz, onde ele nos estendeu a mão para nos salvar. Essa obra da cruz chegou à realização atual em nossa vida quando, no momento de nosso despertar e de nossa conversão, Jesus nos agarrou e venceu de forma bem pessoal, transformando-nos em propriedade dele. Essa é a base inabalável e perfeita: “Fui agarrado por Cristo Jesus.” Porém, “**com base**” nesse fato inabalável o incessante movimento de agarrar passa agora pela vida cristã. O que é maravilhoso e admirável para nós que fomos educados nas bases da Reforma: o motivo do movimento aqui não é nossa miséria, nosso anseio, nossa carência em si, mas a magnitude e plenitude do grande interlocutor, ao qual estendemos a mão para agarrá-lo. De forma muito diferente de nossa perspectiva habitual estamos livres do eu e de suas “necessidades”, em incessante movimento, não porque vemos tão claramente o que nos falta, mas porque vemos com amor e gratidão quanto mais ainda há para ser achado e agarrado em Jesus.

- 14 Não são propriamente a carência pessoal e a própria pecaminosidade que põem o cristão em movimento – nesse caso sua vida no fundo ainda continuaria completamente determinada pelo eu – mas “**o prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus**”. “Vocação” é uma das palavras axiais da Bíblia. Com a “vocação de Abraão” começa a história da antiga aliança propriamente dita. Abraão emigra de sua terra natal não porque lá tivesse uma vida ruim, mas porque essa misteriosa vocação por Deus o atraía para uma terra desconhecida. Essa, porém, é também a característica do chamado de Deus na nova aliança. A “vocação celestial” (Hb 3.1) conclama para uma herança que é “desconhecida” para nós seres terrenos e somente pode ser captada com nossa “esperança” (Ef 1.18; 4.4; 2Tm 1.9; 2Pe 1.10). Não se importa com grandeza ou aptidão humanas, mas escolhe justamente o que é indigno, desprezado e nada (1Co 1.26ss). Em última análise o próprio Deus é o sujeito do movimento pelo qual uma pessoa é arrastada. Isso distingue o movimento de todo “andar e correr” próprio dos humanos. É a razão pela qual Paulo não apenas diz que o prêmio da vitória em si atrai o cristão, pois isso novamente poderia ser entendido de forma “legalista”. Atrás do prêmio da “justiça própria” corria também Saulo de Tarso. Por isso Paulo rompe e transcende aqui a figura tomada do esporte, e cria a palavra do prêmio de vitória da vocação celestial. Experimentou – e conhece essa experiência inerente a toda autêntica vida cristã – que a vocação de Deus em Jesus interveio em sua vida, em sua própria corrida tempestiva, dando-lhe o impulso para um movimento completamente diferente do qual tentou apossar-se.

Conseqüentemente, essa ilustração de fato se refere a ambas as coisas: graça soberana e extremo empenho pessoal. É a vontade graciosa de Deus que me “convoca”. O “prêmio da vitória” é pura dádiva. Ninguém de nós se pôs “por si mesmo” em movimento rumo a Deus. Unicamente Deus nos chamou do sono da morte e da perdição. Ninguém confecciona pessoalmente o prêmio da vitória. Unicamente Deus o entrega. Aqui vigora tudo o que a teologia sempre afirmou acerca da atuação exclusiva de Deus e da majestade de sua soberana misericórdia. Contudo: não obteremos esse prêmio da vitória se permanecermos sentados à beira do estádio e refletirmos sobre ele, nem se fizermos declarações corretas acerca dele. Tampouco somos levados até ele em um automóvel da graça. Temos de “caçá-lo” com o empenho de todas as forças. Pelo menos é o que afirma o apóstolo Paulo. Não faz parte deste contexto que, na retrospectiva, também nesse “caçar” reconheçamos que a graça e fidelidade de Deus estiveram operando e que no alvo somente exclamaremos “Tudo foi graça!” Em momento algum isso deve tolher nosso engajamento. “Quem correr, porém correr mal, perde seu direito à coroa” e “Lá ressoará, quando ele nos coroar: Deus é quem tudo realizará” – ambas as coisas são igualmente testemunho da Escritura e experiência da fé.

O corredor não está no alvo. Justamente por isso corre empenhando todas as forças. Não tem tempo de olhar para trás e para medir o trajeto que já deixou para trás. **“Esqueço-me das coisas que para trás ficam.”** Com essas palavras Paulo não condenou a memória grata. Com frequência e seriedade ele estimula a igreja a agradecer. Agradecer, no entanto, sempre inclui o “Não te esqueças de nem um só de seus benefícios”. Afinal, Paulo também acaba de fazer uma retrospectiva, descrevendo sua vida antes e depois da conversão. Nunca “se esqueceu” do que fizera como perseguidor da igreja de Jesus. Nunca “se esqueceu” de como Jesus o havia tomado pela mão com incompreensível misericórdia, a ele, o perseguidor e blasfemo. Com quanto amor e gratidão ele olhou no começo da carta para tudo o que vivenciara com os filipenses. Agora, porém, ele simplesmente reflete a imagem do “corredor”, que não pode se deter com aquilo que fica atrás dele. Essa palavra de Paulo representa uma aplicação viva da palavra de Jesus: “Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus”.

É para frente que está voltado o semblante do corredor. Lá está o “escopo”, o “alvo” a ser alcançado, a coluna a ser contornada! Toda a atenção é dirigida para lá, para que a corrida tenha êxito e o prêmio seja conquistado. “Avanço para as coisas que diante de mim estão e me precipito para o alvo.” De acordo com a convicção de Paulo é essa a atitude de uma igreja (e, ligada a ela, também a de cada cristão). Levanta-se uma grave pergunta para o cristianismo de hoje: ainda se pode ver em ti algo disso?!

Resta debelar um mal-entendido que pode se associar à forma de expressão do apóstolo justamente no v. 14. Aqui também ele parece falar a língua de Platão. O “em frente” parece ser ao mesmo tempo “em cima”, o “céu”, em direção do qual devemos nos lançar. Contudo, diante disso é muito significativo que no v. 11 Paulo *não* cite o “céu” como o alvo que almeja para si, mas a “ressurreição para fora dos mortos”! Se tivesse entendido o “em cima”, a “vocação celestial”, como o “céu”, no qual reside o alvo final para nossa “alma”, ele deveria ter dito o seguinte no v. 11: “para de algum modo alcançar o céu com sua felicidade eterna e glória”. Mas ele permanece na imagem bíblica de futuro, como o final do capítulo mais uma vez mostrará com clareza. O “prêmio da vitória da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus” não é “entrar no céu”, mas participar da ressurreição dentre os mortos, do arrebatamento e perfeição da igreja quando acontecer a unificação definitiva com seu cabeça e, a partir daí, participar da derrubada do anticristo, do governo sobre a terra “no reinado dos céus”, do juízo sobre o mundo e sobre os anjos, da habitação da nova Jerusalém sobre a nova terra! Sem dúvida um “prêmio de vitória” que deve movimentar o cristão da maneira mais voluntária e poderosa possível, imprimindo-lhe a configuração em que Paulo a viu aqui na imagem do atleta corredor!

PERSEVERAR NO PRINCIPAL! – FP 3.15S

15 – todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se, porventura, pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá.

16 – todavia, andemos de acordo com o que já alcançamos!

A tradução visa tornar perceptível a brevidade das expressões que dificulta o entendimento pleno. Não causa surpresa que a curta frase final deu origem a uma série de variantes nos manuscritos, que devem ser todas consideradas como explicitação ou explicação das concisas palavras originais.

15 Sobre “**perfeitos**” Paulo também falou em 1Co 2.6; 14.20; Cl 1.28. Nos cultos de mistério, amplamente difundidos naquele tempo, *téleios* era um termo técnico para designar a pessoa que havia passado por todas as iniciações. É possível que essa terminologia de cunho peculiar esteja subentendida nas igrejas da região helenista quando se fala de “perfeitos”. Porém seria tolo tentar derivar desse fato qualquer interpretação para o **conteúdo** do termo nos lábios de Paulo. Justamente na igreja de Jesus **não** havia tais “iniciados” especiais! Paulo somente poderia ter usado esta palavra da religião dos mistérios entre aspas, justamente para lhe dar, em termos de conteúdo, um sentido muito diferente. É verdade: mesmo entre nós, cristãos, existem “iniciados”, mas entre nós eles são aqueles que se encontram nessa incansável trajetória de fé rumo ao prêmio da vitória da vocação celestial! Muito mais plausível, porém, é supor que a linguagem bíblica use o conceito *téleios* justamente quando não se pode falar de qualquer parentesco com a prática dos mistérios: Mt 5.48; 19.21; Tg 1.4; 3.2; Hb 5.14. Mesmo depois que o termo “perfeito” recebeu um sentido peculiar no

contexto dos mistérios, ele obviamente manteve seu significado básico e simples no linguajar comum do povo, um significado cujo entendimento específico precisa resultar do respectivo contexto. Se todo o bloco anterior se volta contra a possível ou já iminente invasão de opiniões judaístas também em Filipos, então cumpre lembrar que a propaganda judaísta – como fica explícito na carta aos Colossenses – trabalha com a alegação de que a mera fé em Jesus seria somente uma etapa inicial, além da qual seria necessário passar para conhecimentos mais profundos e por uma “santificação” orientada pela lei em direção de uma condição cristã “perfeita”. Aliás, até hoje é essa a característica principal da propaganda de todas as seitas: vossa fé é muito bela e boa, mas “perfeita” ela se tornará somente quando cumprirdes o sábado, quando vos deixardes selar por nossos apóstolos, quando acrescentardes os conhecimentos antroposóficos de mundos superiores, etc. Diante disso Paulo afirma que ele também não deseja cristãos imaturos e parciais, mas completos e “perfeitos”. Contudo, a verdadeira completude e “perfeição” do cristão não estão em pensar que ficará “pronto” (“perfeito”) rapidamente, em “ter o suficiente” (“captado”), na aposentadoria precoce, mas persiste na incansável corrida para o alvo, em se alegrar sem cessar com o “conhecimento” sempre renovado do Cristo e da força de sua ressurreição, bem como em participar dos sofrimentos dele. Ou seja, **“tantos quantos somos perfeitos, consideremos isso”**. “Isso”, a saber, “esquecer-nos das coisas que para trás ficam”, “avançar para o que está diante de nós”, “correr mirando o alvo do prêmio da vitória”. Nessa afirmação Paulo –consciente ou involuntariamente – contrapôs o *teteleiomai* = “fui aperfeiçoado” e o *téleios* = “perfeito”. Não existem cristãos “prontos”: podem e devem existir “cristãos integrais”!

Na frase seguinte não devemos ignorar a pequena palavra *ti* = “algo”. **“Se em algo pensais de outro modo, também isso Deus vos revelará.”** Depois da intensa e insistente descrição da verdadeira condição cristã Paulo de forma alguma pode afirmar: se o vosso julgamento sobre a vida cristã for muito diferente, isso poderá ser tranqüilamente aceito por enquanto. Um dia Deus vos iluminará a esse respeito. Não foi esta sua posição nem em Corinto, nem na Galácia, nem em Colossos diante das ameaças que a igreja enfrentava por causa de visões errôneas! Por que agiria assim agora frente aos filipenses? Em nenhum lugar da carta há indícios de que esta igreja já tivesse concepções significativamente divergentes do cristianismo. Não, no “pensar de outro modo” de fato se trata apenas de “algo”, um disso e daquilo secundário. Como exemplo poderíamos pensar em 1Co 7.25,40. Paulo sempre foi uma pessoa a favor da liberdade, e não da uniformização, e até mesmo nas mais ardentes controvérsias (Galácia, Corinto) ele não se limitou a dar ordens, mas se empenhou pelo entendimento próprio das igrejas. Estando garantido o principal, sendo os filipenses “cristãos integrais”, “visando a mesma coisa” com Paulo, então poderão divergir de Paulo em diversos pontos. Nisso ele pode deixá-los seguir tranqüilamente, até Deus os iluminar também acerca dessa questão.

Trata-se de uma importante palavra também para nós. Ao lado das grandes e necessárias linhas principais da Escritura existem diversos entendimentos bíblicos que não deveríamos impor a ninguém. Se aquilo que compreendemos de fato for “bíblico”, de fato for verdade e orientação divinas, então certamente será revelado ao outro no tempo certo. Podemos conceder muita liberdade uns aos outros, evitando com isso cisões e separações desnecessárias.

- 16 “Todavia: ao que alcançamos, o mesmo também seguremos!”** Diversos manuscritos acrescentam, seguindo Gl 6.16, a “o mesmo” ainda a palavra *kanon* = “linha diretriz”, “regra”. Com certeza isto é muito lógico. A alternativa de percebermos no verbo *stoichein* mais o “segurar” ou mais o “andar de conformidade” não traz excessivas mudanças no conteúdo da afirmação. De qualquer maneira, essa breve frase novamente não versará sobre questões essenciais de conhecimento fundamental. Paulo não teria falado disso com uma observação tão sucinta. A pequena frase também precisa estar conectada com a afirmação precedente. Desde que os filipenses permaneçam como “cristãos integrais” na corrida intensa rumo ao alvo do prêmio da vitória, eles têm a liberdade de organizar a vida eclesial e o comportamento de cada cristão de forma diferente do que Paulo fazia. Devem ter liberdade nisso até que o próprio Deus lhes mostre algo diferente. Mas obviamente não podem recuar novamente diante da construção da igreja que já foi realizada - é preciso segurar com firmeza e unanimidade nestes pontos! É enfatizada a locução **“o mesmo”**. Aqui (assim como antes em Fp 2.2 e como em Gl 6.16; 1Co 1.10 e também em 1Pe 3.8) está em jogo a unidade e concórdia na vida da igreja. Justamente para essa igreja que se encontra em luta (Fp 1.17-30), que em breve talvez perca seu apóstolo Paulo (Fp 2.17), revestem-se de tamanha relevância a coesão e a concórdia.

Por isso eles de certo modo precisam “se alinhar”, como também se poderia traduzir aqui, até mesmo quando têm idéias divergentes em vários pontos.

ESTÁ EM JOGO A CONDUTA CERTA! – FP 3.17-4.1

- 17 – Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós!**
- 18 – Pois muitos andam entre nós, dos quais, repetidas vezes, eu vos dizia e, agora, vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo.**
- 19 – O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas.**
- 20 – Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo,**
- 21 – o qual transformará o nosso corpo de humilhação (ou: humildade), para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas (ou: o universo).**
- 1 – Portanto, meus irmãos, amados e mui saudosos, minha alegria e coroa, sim, amados, permaneçei, deste modo, firmes no Senhor!**

Também nesse trecho está em jogo algo que no primeiro cristianismo e também na visão que o apóstolo tinha da “justificação” tinha uma relevância bem diferente do que em geral tem para nós, cristãos evangélicos: a *conduta*, o cristianismo concretamente vivido. Sobretudo nas igrejas alemãs, o peculiar traço acadêmico que lhe foi incutido pela atuação da teologia e das universidades na época da Reforma fez com que ser cristão parecia equivaler-se a possuir os conhecimentos corretos. Conseqüentemente, a vida real – sob a primazia dos Dez Mandamentos em lugar das instruções do NT – ficou rapidamente entregue à moral burguesa, à qual ainda foi adicionado um significativo destaque unilateral para a “ética profissional”. No entanto, na carta aos Filipenses repetidamente trata precisamente dessa vida real! Há pouca “dogmática” nessa carta! E quando ocorre, em Fp 2.5-11; 3.2-11, ela está inteiramente a serviço da prática, da configuração real da vida. “Dogmática” e “ética” estão indissolúvelmente entrelaçadas, porém de tal maneira que o peso repousa nitidamente sobre a “ética”.

- 17** No entanto, depois que os traços fundamentais da conduta correta foram maciçamente evidenciados em todas as considerações anteriores, Paulo não transmite agora à igreja como diretriz um pequeno compêndio da ética cristã com vários parágrafos, mas pessoas que dão um exemplo concreto e vivo: **“Olhai para os que andam assim...!”** Novamente toda a nossa posição “fiel à Reforma” parece estar ameaçada com essa afirmação. Será que pobres e míseros pecadores podem ser apresentados como ponto de referência e exemplo? Isso não levará forçosamente ao orgulho e farisaísmo? Não persiste, enfim, no cristão, o pecador agraciado, o fato de que ele só faz tudo sempre errado e malfeito? E mais impossível parece ser para nós que Paulo no final aponte até mesmo para si mesmo: **“Sede imitadores meus com os demais; olhai para os que andam segundo o tipo que tendes em nós!”** Não há como mudar o texto, afinal Paulo o escreveu desse jeito. E temos de admitir: mesmo na igreja atual a minoria é dada à leitura. E livros, até mesmo aqueles acerca da “conduta”, em geral não levam além das “idéias” e discussões intelectuais. Mas um filho lembra até o fim de sua vida, por mais longa que seja e por mais alto que seja o posto alcançado, de como sua mãe simples “andava”, como ela cria, orava, agia e sofria. Precisamos de um “tipo” de cristão concretamente diante de nós. Neste mundo que se tornou complexo já não será a pregação do teólogo, fortemente preso a seu círculo de vida específico, que será capaz de mostrar como é possível permanecer em pé e viver como “cristão” em todas essas situações difíceis, mas somente o “exemplo” do trabalhador cristão diante do trabalhador, do empresário cristão diante do empresário, do político cristão diante dos que fazem política. Sem dúvida todos esses “exemplos” carecem pessoalmente do “tipo” com base no qual se orientam. Por isso o Espírito Santo fez com que Paulo anotasse na presente carta a forma como o processo de vir a ser cristão e de viver como cristão acontecia. Paulo diz a nós como aos filipenses: “Sejam imitadores **meus** com os demais!”

O exemplo claro, encorajador e sustentador é ainda mais necessário quando influências muito diferentes se impõem ao cristianismo e é possível constatar outra conformação de vida. Paulo fala

disso com visível irritação e com palavras muito ásperas. Suas palavras atingem-nos diretamente com muita gravidade. Não obstante, a exegese deste texto tem muita dificuldade em dizer exatamente em quem Paulo de fato está pensando. Os intérpretes divergem muito neste ponto.

- 18 Alguns consideram que ele continua a falar dos “judaístas”. Não haveria nenhuma indicação de que agora Paulo estaria se dirigindo a um grupo diferente de pessoas. Seria improvável que naquele tempo já houvesse “**muitos**” que se gloriavam de uma vida marcadamente desregrada, impressionando assim as igrejas. As expressões utilizadas por Paulo só teriam algum sentido marcante se as relacionarmos aos judaístas. Eles seriam “**os inimigos da cruz do Cristo**”. O uso do artigo definido não apenas se referiria a pessoas “receosas da cruz”, mas teria um foco bem mais fundamental. A mesma questão estaria em jogo também na carta aos Gálatas, onde Paulo luta contra os descaminhos judaístas em relação à validade da cruz (Gl 2.21; 3.1ss; 5.2; 5.11; 6.14). Seria difícil imaginar que “muitos” cristãos transformassem o estômago em “deus” pela glotonaria ou buscassem sua honra em excessos sexuais. O fato, porém, de que os judaístas consideravam toda a observância das leis alimentares como ponto central da religião faz com que realmente coloquem o estômago no lugar de Deus, com sua constante e receosa atenção no cumprimento desses preceitos. A palavra geralmente traduzida por “infâmia” poderia também designar o órgão sexual. Com dura ironia – mas não mais dura que o trocadilho da “dilaceração” para “circuncisão” e que o insulto “cães” – Paulo assinalaria que aqui a operação no órgão sexual do homem se transformaria em sua “honra”. Mesmo a afirmação final, “que só se preocupam com as coisas terrenas” não falaria, como teria sido necessário diante de “libertinos”, da busca das coisas “carnais”. Pelo contrário, salientaria que os judaístas, apesar de todas as suas práticas religiosas, ficam presos às coisas terrenas. Também em 2Co 11.15 Paulo falaria com temível seriedade sobre o “fim” dos judaístas.

Já outros comentaristas argumentam que esse tipo de descrição dos adversários judaístas de Paulo na verdade seria uma “caricatura frívola”, e preferem insistir que no presente trecho Paulo fala de pessoas diferentes do que em Fp 3.2ss, dos gentios cristãos que proclamam que o ser humano que vive no “Espírito” tem plena liberdade em áreas inferiores e por isso menos relevantes da vida.

Para superar o conflito insolúvel entre as interpretações acima, Lohmeyer tentou demonstrar nesta passagem – no contexto de sua compreensão geral da carta! – que se estava estigmatizando os que renegaram a fé durante a perseguição. Porém não se pode notar nada de uma apostasia dessas justamente quando Paulo fala expressamente das aflições da igreja (Fp 1.27-30). E quando o apóstolo teria falado com os filipenses “repetidas vezes” sobre esses renegados? Essa leitura da passagem também não leva a interpretação dos termos empregados por Paulo a resultados tão marcantes quantos os que precisam ser admitidos caso a interpretação se refira aos “judaístas”.

Devemos levar em conta que a verdadeira frase principal é: “Muitos andam... como aqueles que só se preocupam com as coisas terrenas.” O restante é uma frase secundária intercalada e subordinada a “dos quais, repetidas vezes, eu vos dizia... que são inimigos...”. Igualmente não fará mal nenhum à interpretação “histórica”, sendo antes benéfico, se olharmos primeiro para nós mesmos ao tentar compreender a frase principal. Todos sabemos com que intensidade “as coisas terrenas”, com sua realidade brutal e sua insistente imprescindibilidade, atraem nosso coração para si nas situações de temor e prazer. Porventura não **temos** de “pensar nas coisas terrenas”, para nós mesmos, para nossos filhos? Não é **assim** com todos nós, cristãos de hoje? Como vencer nas coisas cotidianas, como conquistar uma vida boa e confortável na terra, como nossos filhos conseguirão ser algo neste mundo – não é esse o ponto de vista determinante para nós? E mesmo que ainda tentemos negá-lo, não o reconheceremos imediatamente tão logo nossas “coisas terrenas” correrem algum risco? O cristianismo é muito bom, não queremos abrir mão dele, porém não deve **custar** nada, ou pelo menos não a posição, o pão, o futuro de nossos filhos ou até a liberdade e a vida!

Não causa surpresa que já naquele tempo Paulo visse surgir tal perigo em “muitos”. Pouco antes (Fp 2.21) ele ditara: “Todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é do Cristo Jesus”. Somente quem de fato não desviou o olhar do “prêmio da vitória da vocação celestial de Deus” e corria com todo o empenho rumo ao alvo, esquecendo tudo que ficasse para trás, podia escapar desse perigo. Os “muitos” que sucumbiam poderiam muito bem ser “judaístas” que asseguravam sua vida terrena mantendo boas relações com o judaísmo, usufruindo assim da proteção da religião judaica permitida no Império Romano e livrando-se de perseguições. Foi justamente assim que Paulo os descreveu em Gl 6.12. Daquela descrição há uma linha direta até as afirmações da presente passagem. No entanto, poderiam ser igualmente pessoas gregas que não viam por que motivo não se deveria conceder o

máximo de benefícios ao corpo e instalar-se da melhor maneira possível neste mundo: afinal, importava somente a “alma” e sua ligação com Deus! De 1Co 6.12ss sabemos que Paulo teve de lutar contra essas idéias na igreja de uma cidade portuária grega: “Tudo é lícito.” Naquela época de incontáveis seitas, religiões e visões de mundo, além de muitos pregadores itinerantes, havia também o perigo de que nas igrejas ganhassem influência as pessoas que sabiam falar bem, mas que somente buscavam um confortável meio de vida. Contra esse tipo de pessoas Paulo advertiu em Rm 16.17s, usando palavras muito similares a estas. A carta de Judas, no v. 12, mostra essas pessoas de forma nua e crua. Também seria possível que aqui Paulo pense nelas. A “honra” de que se beneficiam nas igrejas se baseia naquilo que na verdade é sua vergonha: religiosidade e atuação mentirosa e hipócrita.

Portanto, há muitas possibilidades de entender historicamente o texto em questão. Porém, visto que Paulo fala apenas genericamente de “muitos”, sem caracterizá-los mais precisamente como “judaístas” ou “libertinos”, “pregadores itinerantes” ou “renegados”, faremos bem em deixar prevalecer essa indefinição. Isso é muito salutar para nossa própria leitura da carta! Com quanta facilidade nos esquivamos da assustadora gravidade dessa passagem ao identificar os culpados daquele tempo com zelo e perspicácia! Trata-se dos “judaístas” – mas, afinal, nós também somos “judaístas”! O fato de que Paulo falou “freqüentemente” com os filipenses acerca desses “muitos” evidencia que ele reconhecia aqui um risco abrangente e geral para o cristianismo, que podia se firmar tanto em Filipos quanto em outros lugares, mesmo sem o surgimento de determinada “linha”. Toda vez que alguém começava o “buscar o que é terreno”, nascia uma enfermidade mortal para a condição cristã. Essa enfermidade corroía justamente aquilo que Paulo havia exposto aos filipenses como a “essência” do cristianismo: “considerar tudo como perda por amor de Jesus”, “correr” sem detença “atrás do prêmio da vitória da vocação celestial”. Por essa razão Paulo fala disso agora “com lágrimas”. Dificilmente podemos dizer que são lágrimas de compaixão para com os “muitos”; são lágrimas de lamento e de ira com vistas às devastações que esse solapamento do cristianismo causava nas igrejas. É curioso que no cristianismo evangélico de fato lutamos com zelo apaixonado em favor dessa ou daquela “doutrina”, mas pouco nos importamos com essa ameaça ao cristianismo que arrasou Paulo até as lágrimas!

Acontece que cristãos que “buscam as coisas terrenas” necessariamente se tornam “**os inimigos da cruz do Cristo**”. Não devemos dar valor demais à inclusão do artigo definido, pois isto foi inevitável na sintaxe da frase. Em nossa língua diríamos, por exemplo: “Muitos andam... Repetidas vezes falei deles a vocês... desses inimigos da cruz de Cristo, cujo...” Mais uma vez, é característico da unilateralidade do cristianismo ocidental relacionar essa expressão, de forma natural e imediata, com as coisas da “doutrina”, aplicando-a, por exemplo, aos teólogos da escola liberal. Mas não é a isso que Paulo se refere em primeiro lugar. Uma “teologia da cruz”, que consola e tranqüiliza, um Cristo que realizou tudo por nós na cruz – essas são coisas que o cristão afundado nas coisas terrenas gosta muito de ouvir! Paulo, porém, na verdade havia falado de seu desejo de “participar dos sofrimentos dele”. Via a cruz, justamente como a cruz “do Cristo”, pairando sobre os seus com poder realmente mortífero. A cruz do Cristo é juízo eficaz e sentença de morte executada por Deus, que faz com que nossa carne seja condenada e morta, por dentro e também por fora (cf. a esse respeito 2Co 5.14ss!). Em contraposição, todo aquele que busca as coisas terrenas é necessariamente um rebelde. Isso sempre se evidenciará também no sentido “teológico”. Isso transparecerá no papel que concedermos a essa cruz na proclamação (será que nossa pregação ainda é “palavra da cruz”?). A “inimizade contra a cruz”, porém, está muito mais profundamente arraigada no coração e no ser, e brota mesmo sob a cobertura da doutrina incontestável quando a cruz ataca nossa existência terrena real.

19 “**Cujo fim perdição**”, prossegue Paulo. O termo grego para “fim”, *télos*, inclui sempre a idéia do “alvo”. Quem tem mentalidade terrena “mira” a vida e o bem-estar, não se dando conta de que o alvo de sua vida na verdade será a perdição. Experimentam que “quem quiser salvar sua vida, há de perdê-la” (Mt 16.25). Quando pensam ter “assegurado” a sua vida e a de seus filhos até o momento de partir, abre-se diante deles o terrível abismo.

Quem começa a buscar as coisas terrenas acaba transformando o “**ventre**” naquilo que determina todo o resto, em seu “**deus**”. Seriam duras demais essas palavras? No entanto, examinemos quanto tempo despendemos para nosso ventre e quanto para Deus! Jamais começamos os nossos afazeres diários sem café da manhã, mas sem oração – quantas vezes! Quanto dinheiro gastamos espontânea e

naturalmente para as necessidades de nosso ventre e como nos tornamos parcimoniosos quando está em jogo a causa de Deus. Por acaso as carências do ventre não nos parecem muito mais carentes de solução premente e incondicional que as carências de corações afastados de Deus?

“**Cuja glória está em sua infâmia**”. Talvez Paulo esteja pensando em coisas que experimentou em Corinto, onde o casamento entre enteado e madrasta ainda por cima gerava orgulho por esse progresso da “liberdade cristã”, em vez de provocar lamentos por causa dessa vergonha (1Co 5.1s). De nossa parte obviamente pensaremos que essa caracterização de qualquer modo já não se aplica a nós. Afinal, nem mesmo cristãos de mentalidade mundana consideram as coisas desprezíveis como honrosas, mas vivem de forma decente e limpa. Contudo também neste caso Paulo “considera o que não se vê”. A palavra “vergonha” não precisa referir-se a coisas que são também moralmente “vergonhosas”. Ele pensa na “humilhação”, na “ruína” que muitos dos que passam por esta vida sendo honrados e sem serem contestados, apenas por apresentarem um cristianismo “sensato”, com “os dois pés no chão”, experimentarão perante a face de Deus. Porventura muitas coisas que vemos com bastante auto-satisfação e temos em alta consideração não se tornarão também “vergonha” sob a luz de Deus?

- 20 Na seqüência Paulo torna a mostrar o único lugar de onde tudo pode ser visto e julgado da maneira como ele faz durante esse terceiro capítulo. “**Pois a nossa cidadania está nos céus.**” A palavra *politeuma* designa tanto o direito à cidadania como a comunidade, a associação civil, que confere o direito do cidadão. O termo também é usado de preferência para designar uma colônia de estrangeiros. Talvez Paulo escolha essa formulação peculiar justamente na carta a Filipos porque essa cidade era uma colônia militar romana que do ponto de vista administrativo estava diretamente ligada a Roma, sem responder às autoridades provinciais da Macedônia, sendo detentora do direito romano (o *ius italicum*). Por isso a metáfora podia ser particularmente compreensível para os filipenses. Nós cristãos certamente vivemos nesta terra, dependendo dela para suprir nossas necessidades, atribulados pelos “*archontes* [poderosos] desta era” (1Co 2.8), as “potestades” e “principados” (Ef 6.12), mas no fundo ela não tem mais nada a nos dizer. Pertencemos “diretamente ao reino” de nosso “Senhor”, como os antigos soldados em Filipos ao “senhor” assentado no trono dos césares em Roma. Quem “busca as coisas terrenas” transforma a terra estranha em pátria e renega sua cidadania real e verdadeira, distanciando-se da comunidade cujo membro tem o privilégio de ser, e separando-se daquele que é seu verdadeiro “Senhor”, para se perder com outros senhores e transformar o ventre em deus!

Paulo disse enfaticamente: “Para *nós*, porém, a cidadania existe nos céus.” Sim, precisamos fazer uma escolha nessa questão! A escolha se refere às raízes de nossa existência! Em que nação estamos incorporados, onde estamos em casa? Nesta terra, neste mundo atual visível? Ou nos céus, por estarmos em Cristo Jesus?

Portanto, realmente está correta nossa idéia tradicional de “céu” e de “entrar no céu”? Então o cristianismo de fato é “escapista”? Será, pois, correto cantar: “Rumo aos céus, somente rumo aos céus”? Sim e não! A breve palavra “Nossa cidadania está nos céus!” na verdade julga todo o desenvolvimento de nosso cristianismo na era moderna, cada vez mais imanente e parecido com o mundo. Estávamos orgulhosos por termos nos livrado da constante reflexão sobre morte e eternidade e reconhecido e assumido nossas tarefas como cristãos nesta terra. Deixamo-nos arrastar prontamente para dentro do grande processo de tornar a terra cada vez mais habitável, bela e rica, localizando nela os alvos de nosso labor e engajamento. Perante Deus, porém, essa glória do cristianismo moderno será antes “vergonha”. Em nós, cristãos modernos, já não se vê mais que nossa cidadania não está neste mundo perceptível, mas na realidade invisível, que nossa “vida” de fato é “Cristo” e todo o resto é “perda”, ainda que continuemos falando disso. Não é de surpreender que nossa palavra e testemunho possuam tão pouco poder. “Rumo aos céus, somente rumo aos céus” ...? Sim, Jesus queria despertar novamente esse sentido celestial nos seus!

Não obstante, vale também: Não! Mesmo agora, quando a formulação soa tão “platônica” (“nossa cidadania nos céus”), Paulo e o NT permanecem longe de qualquer “platonismo”, de toda “transcendência” e falsa “intelectualidade”! Isto porque Paulo, na verdade, não prossegue: nossa cidadania está nos céus, “para onde iremos por ocasião de nossa morte”, mas continua: “**de onde também aguardamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo!**” Em outras palavras, poderíamos dizer assim: nossa cidadania não está nos céus porque o céu, ou o além, é melhor, mas porque Jesus está lá! Desde já, o mais importante não são o lugar e o espaço, mas o Senhor! Se Deus

quisesse conceder o trono imediatamente a nosso cabeça, na cidade terrena de Jerusalém, a frase deveria soar: nossa cidadania está em Jerusalém. Não há como contestar: “Não é por terra, nem por céus, que minha alma anseia e busca; é a Jesus que ela quer e sua luz. Foi ele que me reconciliou com Deus.”

O que importa é Jesus! Ele, porém, é “o Senhor”, o *Kyrios*! Nossa desgastada e pouco significativa palavra “senhor” não expressa mais o que o primeiro cristianismo tinha em mente quando designava Jesus de *Kyrios*. Os ex-soldados em Filipos diziam “o Senhor” quando se referiam ao imperador! Ou seja, o “dominador mundial” é Jesus! Sim, ele é o governante do universo equiparado a Deus, Javé-Jesus! Por isso o alvo de todas as coisas jamais pode ser apenas a conquista de algumas almas humanas para Jesus, enquanto toda a criação restante é abandonada a si mesma, às potestades e à morte (Rm 8.19-21). Não, a coisa maior e mais importante que Jesus tem a fazer como “Senhor” ainda está por acontecer! “Portanto não poderá haver paz até o amor de Jesus vencer, até esse orbe terrestre jazer aos pés dele, até que Jesus, na nova vida, tenha trazido o mundo reconciliado perante a face daquele que lho concedeu.”

É isso que os membros da igreja “**aguardam**”. Paulo colocou dois prefixos na palavra “aguardar” para expressar o anseio contido nessa espera. Contudo os membros da igreja não aguardam ardentemente sua morte para então entrar nos céus – nesse ponto há um limite, apesar da validade de Fp 1.23, e existe um traço não-bíblico em muitos cristãos evangélicos – mas aguardam para que Jesus saia dos “céus” para consumir sua obra de redenção.

- 21 Aguardamos a Jesus “**como Redentor**”. Com nosso linguajar demasiado habitual e demasiado edificante já não imaginamos como era atual, retirada da esfera histórico-política, a linguagem do NT. Aqui consta o termo *soter*. Conhecemos sua tradução como “Salvador”. Essa tradução transformou-se em uma palavra pequena demais, meramente sentimental e devota. Um mundo abalado pelo terror das guerras civis, pela dilapidação de todas as formas de vida anteriores, por distúrbios desesperados ansiava pelo *soter*, pelo “Redentor”. Em meio aos horrores sangrentos que se abateram sobre o mundo romano após o assassinato de César, o poeta Virgílio levantou sua voz profética: a guinada dos tempos está próxima. Encaminham-se para o fim a era do ferro e seus horrores. Porque já está raiando a hora culminante da história mundial. Já vem chegando o divino rei salvador, que a humanidade esperou desde o tempo dos faraós. Ele finalmente cumprirá as promessas que não silenciavam no meio do povo romano desde os dias da vidente romana Sibila. Ele expurgará as injúrias do passado e libertará os países do medo incessante. Ele fundará um reino mundial de paz e inaugurará a era áurea, para a bênção de uma humanidade renovada. “Já amadurece o tempo; desce da suprema trajetória de glória, grande filho de Zeus”, exclama o poeta profético em vista do rei-deus vindouro. “Veja aí como o orbe terrestre, cambaleando sob seu próprio peso, como países, vastidões oceânicas e profundezas celestes, veja, como todos eles exultam diante da nova era mundial” (E. Stauffer, *Christus und die Caesaren*). Quando Otaviano se tornou vitorioso e pôs fim à guerra civil, quando a paz e segurança tornaram a vigorar e reformas externas e internas se consolidaram no império, de fato um mundo inteiro respirou aliviado, vendo estas “profecias” poéticas cumpridas nesse primeiro “César” romano. Em Antioquia, p. ex., foi cunhada uma moeda: “Em uma única moeda ela reúne a figura do deus celestial que concede a vitória e a de Zeus, que se tornou humano: o vitorioso Augusto, festejado pelos respectivos dizeres como o “digno de adoração”, o “filho de deus”, *sebastos theou hyios* [augusto filho de deus] (E. Stauffer, op. cit.). Imperadores posteriores, porém, detinham oficialmente o título *Sotér*, “Salvador”. Precisamos lembrar vivamente desse anseio e desse pensamento da época se quisermos compreender o que ressoava involuntariamente nos ouvidos dos destinatários da presente carta quando Paulo escreveu “Como *Sotér* aguardamos ardentemente ao Senhor Jesus Cristo.” Imediatamente tiveram a compreensão correta: aguardamos aquele que já conhecemos como nosso Redentor pessoal, Jesus, para ser também aquele que verdadeiramente colocará o mundo em ordem, o soberano de uma era mundial realmente nova! Para a jovem igreja daquela época desde o princípio Jesus não era apenas um personagem edificante para a “alma” individual na intimidade abscondita. Seu olhar é realista. Considera a profunda perversão da vida e do mundo em geral. Já se passara o breve período áureo de Augusto, já chegara a profunda decepção com Tibério; sim, personagens imperiais como Calígula e Nero escarnecem sangrentamente do grande título *Sotér*. Mais uma vez ficou evidente que pessoas – mesmo aquelas tão grandes e bem-intencionadas como César Augusto – não conseguem renovar a humanidade nem trazer a transformação do mundo. Com tanto maior certeza e alegria os cristãos declaram:

“Aguardamos o Senhor Jesus como Redentor do mundo.” Ele é o verdadeiro *Sotér*, pois possui o “poder eficaz” que nenhum ser humano possui nem pode possuir, o **“poder eficaz que o capacita a submeter a si também o universo”**. Em grego, “poder eficaz” significa *enérgeia*. O derivado dessa palavra é conhecido de todos nós. Um homem como César Augusto certamente possuía uma grande “energia”. Contudo, ainda assim era pequena demais para realmente ajudar o mundo. Para tanto é necessária a “energia” capaz de “anular” Satanás, pecado, “poderes e potestades” e a morte, além de “transformar” profundamente a configuração do mundo. No entanto, nenhum ser humano e nenhum movimento histórico humano possuem esse poder. Unicamente Javé-Jesus o possui. Sua vitória foi conquistada já no Calvário, uma vitória que significa uma transformação mundial muito diferente da vitória de César Augusto em Áctio. Essa vitória de Jesus não apenas levará à salvação de algumas almas do mundo, mas ela subjugará e renovará todo o universo!

Será que a igreja da atualidade finalmente romperá a estreiteza, o medíocre individualismo sem amor e o perigoso espiritualismo, dos quais se tornou refém por meio da repetida helenização do cristianismo, retornando ao teor pleno, à amplitude e magnitude da mensagem bíblica? Porventura ela tomará posição diante das mudanças de nosso tempo conturbado, não como um grupo de pessoas que se refugia do mundo dentro do cálido recinto de uma interioridade oculta e edificante, mas como a igreja do *Kyrios* Jesus, que declara em todas as mudanças históricas: somos muito mais radicais, muito mais revolucionários que vocês, o Redentor e Consumador da humanidade que aguardamos é Jesus, cujo poder eficaz o capacita para submeter a si também o universo e renovar o mundo pela base, de uma maneira que ninguém de vocês saberia fazer!?

Paulo ressalta mais um aspecto que rompe toda a falsa “intimidade” também no campo da esperança pessoal pelo futuro. O que Jesus fará contigo e comigo? Paulo não responde: ele nos acolherá para sempre nos céus. Ele responde: **“o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória.”** O corpo realmente está em jogo! O corpo não é, como pensava o idealista grego (e como defende até hoje o cristão mediano!), o “cárcere da alma”, nulo e maligno. O corpo é criação de Deus. O ser humano foi projetado desde sempre como a unidade viva de espírito, alma e corpo. Com toda a certeza Paulo também não ignorava o que levou os gregos a cunhar a expressão “cárcere” da alma. Agora, caído no pecado, nosso corpo é um “corpo de humildade”, talvez até mesmo “corpo da humilhação”. Como é humilhante para o ser humano, quanto mais consciente e ardentemente ele vive, depender constantemente das necessidades do corpo! Essas necessidades na verdade são também as que constantemente nos levam a “buscar as coisas terrenas”. Com que rapidez o corpo se cansa quando deve estar a serviço de Deus pela oração, vigilância e atuação! Quantas vezes ele constitui o pesado empecilho quando o espírito pretende se elevar para amar devidamente a Deus e aos irmãos! Ele nos acorrenta ao espaço e ao tempo. E quanta aflição ele traz em vista de sua fragilidade e destrutibilidade! De fato um “corpo de humildade”, que não combina com a nova vida que o Espírito de Deus criou dentro de nossos corações. Por isso a existência atual do cristão é um dilema: “Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça” (Rm 8.10). Por isso nós redimidos também aguardamos “a redenção de nosso corpo” (Rm 8.23). O Senhor que retorna há de realizar a transformação desse corpo. A “redenção” é entendida de forma tão real que ela nos abarca *integralmente*, que vale justamente também para nosso corpo. Nosso “estar em Cristo”, nossa união com Jesus é tão séria que também nosso corpo, o órgão imprescindível para a verdadeira vida, precisa ter a mesma configuração do corpo de Cristo. Na ressurreição da sepultura, porém, é o corpo humano de Jesus que se tornou um “corpo de glória”. “Glória” = *doxa* é uma das palavras fundamentais da Bíblia. Em algumas situações pode ter apenas o significado de “honra”. Contudo até mesmo nesse caso ainda transparece o sentido essencial: *doxa* é o halo de luz e “glória”, próprio de Deus e do eterno mundo divino. Por isso a manifestação física de Jesus, vista pessoalmente por Paulo às portas de Damasco quando já estava em vias de perder a visão, era luz radiante, força perene, milagrosamente independente de espaço e tempo. Também nós receberemos tal “corpo de sua glória” em lugar do “corpo desta humildade” – que vida plena, que serviço incansável para Deus, que inefável alegria haverá então! É ali, e não no estágio intermediário de aconchego não físico junto de Cristo (Fp 1.23), que reside o alvo da esperança de Paulo, o alvo da esperança do cristão. É a partir *daí* que ele aquilata a vida. É a partir *daí* que toda busca por coisas terrenas se torna traição de nosso glorioso destino, toda a “glória” almejada na terra de fato se torna “vergonha”, é a partir *daí* que a

vida cristã passa a ser “correr rumo ao alvo para o prêmio da vitória da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus”.

Debaixo dessa premissa Paulo sintetiza mais uma vez sua exortação: **“Portanto, meus irmãos, amados e mui saudosos, minha alegria e coroa, deste modo permaneci firmes no Senhor, amados!”** Nada indica que – como Lohmeyer presume como fundamental para sua interpretação da carta – tenha havido uma considerável dissidência diante da pressão da perseguição em Filipos, e da mesma forma nada indica que uma doutrina falsa já tinha penetrado na igreja. Paulo não precisa falar “com lágrimas” a respeito dos filipenses. Eles são sua **“alegria”**. Assim como ele mesmo corre rumo ao prêmio da vitória em sua vida cristã, assim também seu serviço apostólico é uma “corrida” que não deve ser “em vão” (Fp 2.16), mas render-lhe a coroa da vitória no dia do Cristo. Essa “coroa”, no entanto, é a própria igreja, que “coroa” sua obra e seu sofrimento. Esse dia glorioso ainda não chegou, a igreja ainda corre riscos. Os “cães” já latem em torno dela, os “muitos” são capazes de detê-la na bela corrida, como fizeram com os gálatas no passado (Gl 5.7). Os “antagonistas” acozzam a igreja com gravidade ameaçadora. Por isso Paulo retoma o “estai firmes!” de Fp 1.27, conclamando aos filipenses: **“Desse modo permaneci firmes no Senhor!”** Contudo procede assim com amor afetuoso e caloroso, chamando os destinatários duas vezes de “amados” nesta breve frase, expressando mais uma vez o desejo pelo reencontro pessoal (Fp 1.8). Olhando para Paulo, não precisamos deixar que a nossa época, que despreza os sentimentos, nos impeça de mostrar a calorosa cordialidade de nosso amor!

ÚLTIMO ACONSELHAMENTO ESPIRITUAL – FP 4.2-9

- 2 – Rogo a Evódia e rogo a Síntique pensem concordemente, no Senhor.**
- 3 – A ti, fiel companheiro de jugo, também peço que as auxilies, pois juntas se esforçaram comigo no evangelho, também com Clemente e com os demais cooperadores meus, cujos nomes se encontram no Livro da Vida.**
- 4 – Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos!**
- 5 – Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor.**
- 6 – Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças.**
- 7 – E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus.**
- 8 – Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento!**
- 9 – O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco.**

O fato de a exortação a duas mulheres na igreja introduzir o último aconselhamento espiritual da carta demonstra que era impossível que fossem diferenças insignificantes ou meramente pessoais entre Evódia e Síntique. Neste ponto nos é permitido ter uma noção importante do papel da mulher no jovem cristianismo. Evódia e Síntique não estavam – como uma interpretação unilateral de 1Co 14.34s e 1Tm 2.11s tenta impor a todas as mulheres no cristianismo – condenadas às panelas, mas tinham serviços importantes a realizar na igreja. Chegaram a estar lado a lado com Paulo “no evangelho”! Como gostaríamos de saber mais detalhes! Aqui “o evangelho” não designa apenas o conteúdo da mensagem de Cristo, mas se refere a toda a atuação histórica dessa mensagem e praticamente designa (como “a fé” em Gl 3.23 e 25) uma época. Quando o evangelho chegou à Europa por instrução do Senhor e realizou sua obra em Filipos, essas duas mulheres estiveram juntas na luta. Será que já tinham participado daquela primeira pequena reunião de mulheres com Lídia na beira do rio ?

É o que Paulo lembra agora quando precisa advertir as duas em público; afinal, a carta era lida em voz alta na assembléia da igreja, todos ouviam juntos a exortação. Como é delicado o jeito de Paulo! Dirige-se individualmente a cada uma delas: evita qualquer juízo acerca das diferenças. Não critica sua atuação em si. Exorta somente essas duas da mesma forma como havia feito com a igreja toda em Fp 2.2: “que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, concordes e buscando uma só coisa.” A

unidade é uma questão muito séria para Paulo! Com que clareza ele via os grandes perigos a que também essa igreja amada está exposta por causa das circunstâncias! A história da igreja confirmou sobejamente a preocupação dele.

Naquele tempo de luta, que ainda perdura para a própria igreja (Fp 1.27), naturalmente não foram somente aquelas duas mulheres que o apoiaram, mas “**também Clemente e meus demais colaboradores, cujos nomes constam no livro da vida**”. Infelizmente não sabemos mais nada sobre Clemente. Ele tem um nome tipicamente romano. Os demais colaboradores não são citados. Será que o “carcereiro” estava entre eles? O que foi feito dele? Hoje gostamos de escrever e ler biografias. Se tivéssemos um relato da vida daquele Clemente ou do carcereiro! Naquela época não se pensava em anotar tais relatos. Paulo conhece algo muito maior que a biografia humana: os nomes dessas pessoas estão anotados em um livro decisivo - o “livro da vida.” Deus possui outra memória que nós viventes efêmeros e muitas vezes tão esquecidos. Essa é a terrível gravidade com vistas a nossos pecados. E isso é profundamente consolador, e uma santa alegria, quando pensamos no que as pessoas podem fazer no serviço de Deus. Ainda que não exista nenhuma biografia sobre elas, ainda que a própria igreja desconsidere ou em breve esqueça novamente sua ação – ela consta para sempre, inesquecível, no livro de Deus, o livro da vida.

As duas mulheres serão alvo de gratidão pelo fato de que um homem – visivelmente importante na igreja – cuida das dificuldades delas. Porque a melhor forma de entender a marcante expressão “genuíno *Sýzygos*” é que de fato se trata de um nome próprio, ainda que não o encontremos documentado como tal em nenhum outro lugar. Esse nome *Sýzygos* significa “companheiro de jugo”. Sê, pois, um verdadeiro companheiro de jugo, diz Paulo, aludindo ao nome dele, atrelando-te também ao jugo nesta dificuldade, e atrele as duas mulheres novamente unidas sob o jugo do serviço para o Senhor! Não te irrites com sua discórdia, mas pensa no seu corajoso engajamento para a igreja nos primórdios, e ajuda-as para que também agora tornem a prestar um serviço concorde e abençoado na igreja. Como podemos aprender de Paulo a “exortar”!

- 4 Na seqüência aparecem aquelas linhas que conhecemos e amamos desde a infância como epístola que é lida no 4º domingo de Advento, o domingo que antecede o natal. Justamente por isso vale a pena ouvi-las mais uma vez de forma nova e fora de qualquer “clima” pré-natalino. Nem o escritor nem os destinatários dessas palavras viviam num clima de bem-estar e conforto exterior. Essa palavra da alegria é escrita por um preso, cujo processo de vida e morte acaba de entrar em um estágio decisivo. Por essa razão tem peso o “**sempre**”! Ainda que chegue a Filipos a notícia da sentença de morte – Paulo já declarou isso expressamente em Fp 2.17s – ainda que as opressões na própria Filipos não acabem, ainda que existam os “muitos” dos quais somente se pode falar com lágrimas, a alegria é dádiva e tarefa decisiva da igreja! “**No Senhor**” a igreja “**sempre**” possui alegria! Até mesmo as aflições na verdade são “participação nos sofrimentos dele” (Fp 3.10) e, por isso, “alegria”. – Será que ainda sabemos que “alegria” não é um adorno secundário eventual no cristianismo para os dias favoráveis, mas conteúdo essencial do ser cristão? Será que os cristãos e as congregações cristãs podem ser reconhecidos por sua alegria radiante em um mundo que precariamente oculta seu profundo medo de viver e sua decepção por trás de seus “divertimentos”? Porventura o brilho da alegria paira sobre todas as reuniões e cultos cristãos? Será que dessa forma o cristianismo atrai as pessoas famintas de alegria? Paulo presta um serviço também a nós quando diz expressamente: “**Novamente direi: alegrai-vos!**”
- 5 Certamente havia algo correto no bordão “força pela alegria”. Justamente do contentamento profundo brota o que Almeida traduziu por “**moderação**”. O termo grego significa “bondade, suavidade, transigência”. *Todas* as pessoas em Filipos, amigos e inimigos, devem notar traços do que Martinho Lutero certa vez expressou assim: “Meu ânimo está alegre demais para que eu pudesse ser visceralmente inimigo de alguém.” Quem está pessoalmente repleto de alegria gosta de causar alegria também a outros, gosta de repartir, gosta de abrir mão de reivindicações e direitos.
A igreja não precisa ter medo de que assim venha a ser arrasada! “**O Senhor está perto!**” Novamente compreenderemos essa palavra em seu sentido escatológico, muito diferente de gerações passadas. Foi assim que também Tiago associou a exortação para a tolerância fraterna com a referência ao Juiz vindouro (Tg 5.9), como a seu modo já fizera Jesus (Mt 5.25). Se o Senhor chegar em breve e os grandes acontecimentos começarem – quem ainda terá vontade de se deter com pequenas disputas! Quando Jesus está diante da porta e bate, Juiz sobre toda a impiedade e dureza, quem não gostaria de fazer parte do grupo dos “mansos” que herdarão a terra, e dos “pacificadores”

que serão chamados “filhos de Deus”! A “proximidade” do Senhor no sentido de Sl 145.18 não está necessariamente excluída. Contudo, essa “proximidade” na realidade já foi substituída por algo muito maior: pelo “habitar” do Cristo nos corações por meio da fé (Ef 3.17) e pela presença do Espírito Santo.

- 6 Como é bem-aventurada uma igreja de Jesus! O motivo de sua exortação na realidade já representa pura felicidade! “Alegria”, “moderação” e agora também “despreocupação!” Por que essa solicitação, **“Em nada tenhais preocupações!”**, é diferente do palavrório edificante que ouvimos no culto dominical, entre dez e 11 horas, mas que no entanto não somos capazes de colocar em prática ao despertar na manhã de segunda-feira? Porque o negativo “Em nada se preocupar” está associado ao poderoso positivo sustentador: “mas orar!” **“Em tudo, porém, sejam conhecidas para Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças!”** Em vez de “em tudo” talvez devêssemos traduzir melhor “em cada caso individual”. No grego as “petições” são “as coisas que se deseja e solicita do outro”. Deus preparou o que precisamos nessa situação de forma abundante para nós. Por essa razão não devemos alistar apreensivamente para nós mesmos o que precisamos ter – isso gera um verdadeiro “círculo vicioso” da constante intensificação de preocupação e ansiedade – mas devemos comunicá-lo com pedidos na oração a Deus. Se “agradecermos” e exclamarmos com gratidão a ajuda que Deus tantas vezes já nos concedeu, ficará evidente que oramos confiantes e não apenas exclamamos nossa angústia. O “pedir com ações de graças” introduz confiança e força em nossa oração. Será que nós cristãos podemos ser reconhecidos como santos despreocupados em um mundo atribulado por medo e preocupações?
- 7 Transformamos a frase sobre a paz que nos guarda em mero voto que depois, como tantos outros votos que fazemos, permanece bastante vago. Paulo, porém, faz uma promessa firme: A paz de Deus guardará! Por causa da conotação do termo grego, esse “guardar” implica um pouco do sentido da expressão jurídica “fideicomisso” ou do sentido original de “custódia”. Em 2Co 11.32 Paulo emprega a mesma palavra para a “vigilância” nas portas da cidade em Damasco, que visava impedir que o apóstolo escapasse da cidade. Conseqüentemente, a paz de Deus representa um poder protetor e vigilante. O adendo “em Cristo Jesus” pode referir-se ao todo da frase: aqui e em todos os outros lugares em que Deus age essa ação auxiliadora acontece por meio de Jesus. Contudo, também pode mostrar onde os corações e pensamentos são mantidos seguros e protegidos. A ordem das palavras depõe em favor dessa interpretação. Logo a frase toda se torna concreta e clara. A paz de Deus fará com que nosso coração inquieto e titubeante, tão facilmente assustado ou seduzido, apesar de tudo permaneça “em Cristo Jesus”, na luz de sua verdade e na vida de seu amor. A paz de Deus, porém, igualmente cuida de nossos “pensamentos”. Novamente a palavra não se refere de modo intelectualista a nossos arcabouços mentais, mas de modo prático a nossos planos e propósitos. Paulo emprega esta palavra em 2Co 2.11 para designar os intuitos de Satanás. Do coração sobem todos os “pensamentos” com os quais tentamos captar os alvos de nossa vida e ação. Esses “pensamentos” são, pois, os germes de nossas resoluções. Como é importante que justamente eles permaneçam “em Cristo Jesus”, nas raias de sua santa vontade e mandamentos.
- O que, afinal, é essa “paz de Deus”, que realiza tudo isso? Porventura o sentido do genitivo aqui é objetivo ou subjetivo, significando “paz com Deus” ou “paz de Deus”? No entanto, para nós só haverá “paz com Deus” se Deus gerar paz, chamando-nos para dentro dela e preservando-nos nela. O fato de que Deus realmente faz isto evidentemente **“excede todo pensar”**. Quanto mais um ser humano conhece a Deus com toda a sua santidade, e a si mesmo com toda a sua perversão, egoísmo e infidelidade, tanto menos ele “será capaz de compreender” que Deus nos concede a sua paz. Quanto maior e mais admirável, porém, esse presente for para nós, tanto mais ele terá poder protetor e vigilante sobre nosso coração e nosso universo mental.
- 8s Será que a frase seguinte ainda faz parte do presente trecho? Paulo arrola aqui uma série de expressões que provêm da ética grega. Por um lado seu objetivo é dizer: esbocei para vocês o quadro do cristão, esse atleta inabalável que corre para o grande alvo, esse ser humano repleto de alegria e paz, de santa despreocupação e oração confiante; por outro lado, nessa atitude não precisamos passar totalmente ao largo daquilo que é valorizado pelos esforços mais nobres do mundo. Não, pensem também nisso! O **“finalmente”** [quanto ao mais] geralmente introduz de fato algo novo. E a exortação de “ocupar o pensamento” com essas coisas poderia nos parecer relativamente contida. No entanto, não devemos esquecer que, muito antes de Paulo, já a tradução grega do AT usava todas essas palavras da ética greco-humanista. Portanto, elas não tinham para Paulo uma conotação tão

puramente “mundana” e “grega”. Mas sobretudo o v. 9 se refere novamente ao que o v. 8 expôs aos leitores, e Paulo assegura enfaticamente, usando conceitos cumulativos, que os filipenses teriam “aprendido e recebido, ouvido e visto” essa atitude do próprio Paulo.

Por isso precisamos levantar seriamente a pergunta: como, afinal, a “santificação” cristã se relaciona com a “ética” humanista? Prevalece que *não* devemos localizar a guinada total da vida de “conversão e renascimento” primeiramente na esfera moral. Ela se processa na profundidade realmente decisiva de nossa existência, em nosso relacionamento com Deus, e é reconhecida de forma muito mais segura e inequívoca no grito “Aba, Pai!” do que em qualquer “melhora”. A transformação existencial foi claramente descrita por Paulo no cap. 3. No entanto o próprio Jesus já estabelecera uma ligação mais estreita entre a segunda tábua do Decálogo e a primeira. O novo relacionamento com Deus leva necessariamente a um novo relacionamento com as pessoas, e não para um relacionamento de cunho intelectual genérico, mas para um dia-a-dia muito concreto. Então o julgamento moral das pessoas se defronta com aquilo que também é “bom” perante Deus. Não deixa de ser admirável que o ser humano moral sempre saiba muito bem como deveria ser o comportamento ético do outro! Sem dúvida existe aquela degeneração e desgaste sobre a qual Paulo escreve aos romanos: “Conhecem a justiça de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, e não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem” (Rm 1.32). No entanto certamente há necessidade de um longo processo de apodrecimento até que esse ponto seja atingido. O coração das pessoas se mantém muito tenazmente agarrado a uma valorização bem diferente das coisas, sob visões de mundo variáveis. Não cabe ao cristão passar elegantemente de largo desde já. Também ele precisa ponderar muito bem o que os seres humanos valorizam e preferem como “virtude”. É essencialmente inerente à vida do cristão que sua palavra e conduta sejam retos e verdadeiros, que evitem tudo o que é superficial e leviano, que sirvam à justiça e pureza, que alegrem os outros e sejam convidativos. Desde o começo a instrução e o exemplo de Paulo mostraram aos filipenses um cristianismo que levava essas coisas a sério. Por mais intensamente que ele desenvolvesse a visão bíblica de futuro diante de cada igreja, por mais radicalmente que rejeitasse a “justiça própria” e visse unicamente em Cristo “a vida”, ele nunca ensinou um cristianismo que se colocasse acima dos fundamentos do convívio humano. Não queria “santos” que, na expectativa do futuro, negligenciavam as tarefas simples do presente, que no amor a Jesus perdessem o amor às pessoas e que em sua suposta grandeza desprezassem o que até mesmo o ser humano caído valoriza como belo e bom. Talvez C. Blumhardt (pai) seja um exemplo daquilo que Paulo queria dizer no presente trecho. Esse homem, que como nenhum outro em sua época de fato aguardava a irrupção da grande ajuda divina e convivia quase que naturalmente com milagres, curas e orações atendidas, apresentava ao mesmo tempo aquela humanidade singela e nobre que lhe abria o acesso a tantos corações. Não se trata de reduzir a “santificação” cristã a uma moral humana, conhecida também por não-cristãos corretos. Mas a verdade é que justamente a partir de sua santificação profunda e de sua grande esperança bíblica a pessoa considere e experimente tudo o que o ser humano costuma valorizar, e com razão, como “virtude”. Quando realizado por força própria pelo ser humano separado de Deus, isso é evidentemente apenas “carne”. Não esquecemos o que aprendemos anteriormente com base em Fp 3.2 ss. No entanto, assim como Paulo via a natureza mortífera da lei com clareza penetrante e apesar disso não “suspendeu” a lei com seu evangelho “livre da lei”, mas a “erigiu” (Rm 3.31), assim o “ser em Cristo” e o “serviço de Deus no Espírito”, apesar de contrariar ao máximo toda “justiça baseada na lei”, cumprem justamente também aquilo que toda moral humana a rigor deseja e almeja.

A GRATIDÃO DE PAULO PELA OFERTA ENVIADA – FP 4.10-20

- 10 – Alegrei-me, sobremaneira, no Senhor porque, agora, uma vez mais, renovastes a meu favor o vosso cuidado; o qual também já tínheis antes, mas vos faltava oportunidade.**
- 11 – Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação.**
- 12 – Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez;**
- 13 – tudo posso naquele que me fortalece (Cristo).**

- 14 – Todavia, fizestes bem, associando-vos na minha tribulação.**
- 15 – E sabeis também vós, ó filipenses, que, no início do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se associou comigo no tocante a dar e receber, senão unicamente vós;**
- 16 – porque até para Tessalônica mandastes não somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades.**
- 17 – Não que eu procure o donativo, mas o que realmente me interessa é o fruto que aumente o vosso crédito.**
- 18 – Recebi tudo e tenho abundância; estou suprido, desde que Epafrodito me passou às mãos o que me veio de vossa parte como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus.**
- 19 – E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades.**
- 20 – Ora, a nosso Deus e Pai seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém!**

10 Mais uma vez temos o privilégio de sentir toda a vitalidade de uma carta de Paulo. Ela não constitui apenas um tratado doutrinário em forma de carta. Em toda a carta está em jogo a vida inteira da igreja, que liga de forma indissociável o conhecer e o crer, a ação e a esperança. Paulo e os receptores da carta estão interessados na existência real, não no âmbito especial “religião”, embora evidentemente sejam “santos” em toda essa existência. Por isso o final da carta – e somente o final, mas ainda assim de forma suficientemente detalhada – aborda uma questão específica entre Paulo e os filipenses: Paulo passa o recibo de uma dádiva que a igreja lhe enviara através de Epafrodito para seu sustento pessoal. A maneira como ele formula esse “recibo” – essa “gradidão sem agradecimento”, como já disse alguém, a maneira como ele unifica “coisas terrenas” e “coisas espirituais” de forma direta e natural, grata apreciação da dádiva e plena liberdade dela, a maneira como emprega termos técnicos da vida comercial com refinado humor, para apesar disso dizer o contrário de tudo que seja comercial, isso é tão característico para Paulo e tão exemplar para nós que também esse trecho se transforma em presente do Espírito Santo para nós. Aqui aprendemos no exemplo concreto algo sobre “andar como tendes a nós como tipo” (Fp 3.17) e do “considerar o que é verdadeiro e digno, correto e puro, amável e convidativo”. Vemos aqui diante de nós como um “santo” lida com “dinheiro” de maneira santificada e natural.

Por princípio, Paulo rejeitava receber sustento pessoal das igrejas. Naquele tempo em que havia numerosos pregadores itinerantes, e muitos deles um tanto questionáveis (cf. acima, p. 251), ele visava proteger de antemão sua proclamação contra qualquer suspeita de segundas e interesseiras intenções. Por essa razão ele trabalhava com as próprias mãos para conseguir o pouco de que necessitava para viver. Para ele, privações, pobreza e sofrimentos eram parte inseparável do serviço apostólico (1Co 4.9 ss; 2Co 6.4ss). Unicamente aos filipenses ele permitiu que abrissem uma “conta de reciprocidade” (“prestação de contas de ativo e passivo” é o termo técnico comercial daquela época). Sim, desse modo os filipenses se tornaram “sócios” de seu “empreendimento”! Do contrário as igrejas continuam sendo somente as que recebem e Paulo apenas o que dá, embora Paulo enfatizasse o direito dos mensageiros de receber subsistência das igrejas (1Co 9.4-14). Não obtemos a informação dos motivos que levaram Paulo a abrir uma exceção para os filipenses. Deve ser parte da cordialidade especial do amor que sentimos desde o começo da carta. Justamente por isso essa definição de Paulo sobre a preferência dada a seus amados, nos termos do mundo comercial, é uma formulação tão afetuosa: somente vocês ingressaram no negócio com prestação de contas mútua! Para nós, porém, é importante que Paulo, apesar de persistir em sua convicção diante dos coríntios (2Co 11.7-12; 12.13), não era homem de meros “princípios”, mas manteve a liberdade de ação. Por isso os filipenses já o sustentaram “uma ou duas vezes” na Tessalônica. Aliás, essa informação sugere que teremos uma idéia errada se At 17.2 nos levar à conclusão de que Paulo permaneceu apenas três semanas na Tessalônica. Sua permanência com certeza deve ter durado mais tempo se durante aquele período foi beneficiado diversas vezes por um auxílio enviado pelo grupo em Filipos. Paulo designa aqueles dias como “começo do evangelho”. Novamente, assim como no v. 3, a palavra “evangelho” não é usada apenas para o conteúdo da mensagem, mas também para sua eficácia, de sorte que ela se torna praticamente definição de uma “época” (cf. acima, p. 259). De forma análoga, p. ex., um pai poderia escrever a seu filho: “No começo dos estudos eu te aconselhei...” (Ewald). De

2Co 11.8s se depreende que os filipenses continuaram enviando seu auxílio também durante o trabalho de Paulo em Corinto.

- 11 Por longo tempo, porém, Paulo não havia recebido mais nada da igreja. Por isso alegrou-se “imensamente” – ele recorre a uma palavra que é mais forte que nosso desgastadíssimo “muito” – que Epafrodito trouxe consigo uma doação considerável. Os filipenses permitiram que o “pensar nele” “florescesse” e “brotasse” – trata-se do termo “pensar”, “ter em mente” que ocorre muitas vezes na presente carta e designa agora o “cuidado por ele”. A metáfora empregada é a da planta que torna a “brotar” ou “florescer” depois do inverno. Obviamente Paulo está ciente de que se dedicavam sempre a “pensar nele”. Contudo falta-lhes o *kairós*, o tempo apropriado, a oportunidade para ajudar. Já na questão da coleta em 2Co 8.2 Paulo lembrara aos negligentes coríntios a pobreza dos macedônios e as graves tribulações da igreja. Por isso não estavam em condições de auxiliar o apóstolo. Agora Paulo volta a receber uma rica dádiva de Filipos, trazida por Epafrodito (cf. acima, p. 264). Nada é dito acerca de seu montante real. Paulo atesta “ter recebido tudo”, asseverando “ter agora em abundância” e estar “repleto”. Obviamente isso são expressões bastante relativas! Aquele que estava acostumado com carências e privações considera “profusão” e “abundância” o que aos mimados poderia parecer bastante modesto. O amor de alguém como Paulo com certeza aferiu a “magnitude” da doação mais pela pobreza dos doadores que pelo montante de suas próprias necessidades.

Contudo ele não se importa em absoluto com o “donativo” em si, ainda que seja capaz de se alegrar “imensamente” com ele. Para ele importa o “fruto” [v. 17]. Por natureza o ser humano é ganancioso ou pelo menos se agarra receosamente aos bens. O fato de ser capaz de doar, ainda mais em uma situação pessoal difícil (a igreja ainda continuava em luta, Fp 1.27-30), evidencia o efeito da palavra que o levou a confiar no Deus vivo e libertou o coração para o amor. É esse “fruto” que Paulo almeja. Vimos diversas vezes na presente carta que ele não apenas está ciente de uma graça que paira como arco-íris promissor sobre uma vida invariavelmente cinzenta, mas de uma graça que transforma a vida real, tornando-a de fato frutífera para Deus. Ele tinha acabado de empregar a figura do comércio. Por isso ele logo o utiliza mais uma vez, dizendo: esse fruto crescente é creditado “na conta de vocês”. Ele aumenta o saldo de vocês. De maneira delicada Paulo combina a gratidão pelo grande presente com a independência total frente aos filipenses: ao produzir o fruto que se pode esperar do plantio do evangelho, eles estão tão-somente elevando o saldo de sua própria conta. O verdadeiro motivo da alegria do apóstolo não reside na ajuda que ele mesmo experimenta, mas no progresso da igreja que se expressa nessas doações.

Porque para sua pessoa Paulo aprendeu **“a se manter pessoalmente na situação em que está”**. Na seqüência ele descreve uma atitude de vida que novamente parece próxima de vários ideais “gregos” ou “filosóficos”, mas que na verdade deixa esses “ideais” muito para trás e deixa de ser um “ideal” para ser simples realidade. Quando o ser humano descobre sua “condição humana”, seus impulsos se tornam para ele uma aflição que o rotulam como mero ser natural e o amarram duramente às circunstâncias. Será que só se tornarão verdadeiramente “seres humanos” depois de mortificarem os impulsos na medida do possível e se libertarem da escravidão das circunstâncias? O ser humano só será “livre” depois que possuir a “autarquia”, a capacidade de se bastar a si mesmo, “manter-se pessoalmente.” Contudo *unicamente* o “satisfeito” possui essa liberdade! Por isso o filósofo estóico e cínico chega ao “ascetismo”, à configuração mais pobre e primitiva possível. Dessa maneira ele espera salvar a liberdade e dignidade humanas. Quanto mais desenfreadas e sofisticadas se tornavam as formas de desfrutar da vida e a avidez por vida no ocaso da Antigüidade, tanto mais pessoas se sentiam empurradas para esse caminho. O que aqui foi pensado e experimentado mais tarde repetidamente desenvolveu seu poder interior sobre os corações humanos no seio do cristianismo por meio do movimento monástico. Necessidades acorrentam, desprendimento liberta. “Ascetismo” significa o caminho para essa liberdade. Apesar disso, a liberdade adquirida desse modo é apenas meia liberdade. O asceta declara, agradecido e orgulhoso: “Sei jejuar, sei sofrer fome, sei suportar carestia”. Obviamente isso é “liberdade” diante daqueles que não são capazes disso e que permanecem amarrados a suas muitas necessidades. Por isso o “monge” continua representando um sério questionamento também para nós!

- 12 Paulo, porém, acrescenta a segunda metade: **“Sei ter fartura... sei ter abundância.”** Ambas as coisas juntas – é isso que constitui a totalidade da liberdade. É verdade que também Paulo “aprendeu” isso e não o “sabia” simplesmente. Essa liberdade não lhe foi dada como mero presente.

É uma palavra útil para nós, e que precisamos levar em conta. Nossos pensamentos equivocados sobre a graça divina e a incapacidade humana para o bem com frequência geram em nós expectativas tolas, impedindo-nos no “aprendizado” e no necessário engajamento de nossa vontade. Agora, porém, Paulo **“em tudo e em todas as circunstâncias está iniciado”** – evidentemente uma “iniciação” muito diferente da iniciação nas solenes liturgias dos mistérios! Agora ele “é capaz” de “tudo”.

13 Mas, apesar de todo o aprendizado e da iniciação a “capacidade” não deixa de ser algo fundamentalmente diferente da mera disciplina da vontade por parte de um asceta. **“Tudo posso por meio daquele que me fortalece (Cristo)”**. Independentemente de ser necessário incluir o nome “Cristo” de forma expressa ou não, de qualquer modo vem de Cristo a “habilitação” para a liberdade plena que Paulo possui. Como “a vida” para ele é “Cristo” (Fp 1.21), ele já não se apega ao que as pessoas chamam de “vida”. Por essa razão pode tranqüilamente, nessas circunstâncias, ter em abundância, viver bem e se saciar, sem que torne um perigo para ele. Por isso, no entanto, também pode alegremente abrir mão e passar fome sem temor e sem irritação. Logo não **precisa** do donativo dos filipenses. Possui “autarquia”. Também o relacionamento com essa igreja, à qual permitiu que lhe fizesse doações pessoais, não é distorcido pelo desejo secreto daquilo que ela lhe concede. Está regamente livre. E de fato “regamente”, e não “asceticamente”, livre. Por isso ele tampouco precisa rejeitar, constrangida ou receosamente, a rica dádiva que Epafrodito trouxe consigo, mas pode alegrar-se sobremaneira com ela e ter novamente “abundância”. Esse é o efeito visível de Jesus! É verdade que a “gloriosa liberdade dos filhos de Deus” virá somente em plenitude quando Jesus consumir sua obra por ocasião de sua parusia. Mas o cristianismo seguramente é mais que mero “consolo para o futuro ou o além”. Jesus já é hoje aquele que habilita os humanos para essa gloriosa liberdade, aqui constatada em Paulo.

17s Paulo travou uma luta contra toda santificação “legalista”. Demonstrou particularmente aos colossenses (cf. o comentário à carta aos Colossenses) que quaisquer “estatutos” apenas servem para segregar partes de nossa vida para Deus, ao invés de ligar a vida toda com Deus, santificando-a. Em vista disso é característico para Paulo que justamente no final desse “recibo” sobre uma quantia recebida os pensamentos subam sem constrangimento até Deus. Não se trata de prender uma “cauda” espiritual a um assunto “mundano”. Paulo está profundamente imbuído de que o donativo que o “preenche” na realidade foi feito para Deus. Afinal, um “sacrifício” nunca é ofertado a pessoas, mas somente a Deus. Conseqüentemente também esse dinheiro, tão implacável e de fato muitas vezes “sujo”, é **“um aroma sacrificial agradável, um sacrifício bem-vindo, aprazível para Deus”**. Mas Deus não aceita nenhum presente. O fato de que os filipenses levantaram essa oferta em meio à necessidade e à pobreza em momento algum induz Paulo a ponderações que são habituais entre nós: vocês não precisavam ter doado tanto, pois vocês mesmos possuem tão pouco, não posso aceitar isso! Não, Paulo aparece diante da igreja que lhe traz donativos com atitude régia, como o procurador de um grande e rico Deus. “Meu Deus”, o Deus ao qual sirvo, o Deus cujo poder e fidelidade experimentei tantas vezes, **“há de suprir cada uma de vossas necessidades segundo sua riqueza pela glória em Cristo Jesus”**. Com certeza Paulo pensa, no começo da frase, nas diversas privações e dificuldades exteriores em Filipos. Deus pode “preencher todas as necessidades”, afinal é “rico”. Contudo, assim como nas intercessões de todas as cartas o olhar de Paulo imediatamente se dirige para a constituição interior da vida eclesial, assim ele também situa as “necessidades” dos filipenses mais profundamente do que nas coisas que lhes faltam exteriormente. Mas justamente ali está muito mais à disposição deles a riqueza de Deus, que na verdade é uma “riqueza por glória em Cristo Jesus”. Naquilo em que os filipenses agora estão privados – também por causa de sua pronta doação para Paulo – eles por fim obterão glórias eternas. Porque **“ao que é Deus e nosso Pai, pertence a glória para os éons dos éons”**.

SAUDAÇÕES E FINALIZAÇÃO – FP 4.21-23

21 – Saudai cada um dos santos em Cristo Jesus. Os irmãos que se acham comigo vos saúdam.

22 – Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa de César.

23 – A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito!

21 Assim como a carta moderna, a carta antiga também termina com saudações. Inicialmente o próprio Paulo envia saudações. É verdade que a carta será lida na reunião da igreja perante todos. Mas para Paulo é importante que cada pessoa se sinta realmente saudada e que mesmo aqueles santos que – talvez escravos ou enfermos – não puderam estar presente por ocasião da leitura da carta recebam os votos. Por algum motivo Paulo enfatiza especialmente nesta carta o “todos” e “cada” (cf. acima, p. 180). Na sua exortação de Fp 2.2 ele pede: tornem perfeita minha alegria por vocês, estabelecendo a unanimidade plena entre vocês; se isso acontece, é porque devem ter havido dificuldades nesse ponto, sem que já houvesse diferenças “dogmáticas” mais profundas, que realmente não podem ser constatadas na presente carta. Mesmo as tensões entre duas mulheres muito ativas na igreja não devem ter permanecido limitadas a elas pessoalmente. Com quanta facilidade isso poderia gerar pensamentos de ciúme e desconfiança até mesmo em relação à comunhão com o apóstolo! Por isso Paulo pretende dizer mais uma vez no final: nenhuma pessoa na igreja está excluída de meu amor, de minhas lembranças e de minhas saudações. Cada um, como “santo em Cristo Jesus”, é precioso e importante para mim. Expressem isso também pelo fato de não privar ninguém de minha saudação!

Apesar do endurecimento de sua prisão Paulo tem a possibilidade de estar pessoalmente junto de irmãos. Aqueles que no momento estão com ele enviam saudações.

22 Contudo também “**todos os santos**”, ou seja, toda a igreja local, com os quais o apóstolo igualmente ainda pode manter relacionamentos intensos, saúdam os filipenses. Entre eles estão “**principalmente os da casa do imperador**”. O uso contemporâneo amplamente documentado assegura que aqui não se tinha em mente membros da família imperial, mas “empregados da corte do imperador”, que eram predominantemente escravos, além de alforriados. Tais “escravos imperiais” não existiam apenas em Roma, mas em todo o Império Romano. Há provas de que em Éfeso existiam “associações” de tais escravos de César. Conseqüentemente eles também podem ter existido em Filipos, uma colônia militar romana. No entanto a saudação muito especial dos empregados da corte com os quais o apóstolo preso está ligado não se deve ao fato de saberem da existência de companheiros de classe em Filipos. Nesse caso certamente haveria uma referência mais explícita. Tampouco devemos supor outras razões desconhecidas por trás desta saudação, de cunho pessoal. “Cristãos – e com certeza verdadeiros cristãos! – no palácio e na corte de alguém como Nero!” – isso com certeza fazia com que os filipenses prestassem máxima atenção com gratidão, alegria e temor! Portanto o evangelho encontrara um caminho até mesmo para esse lugar! “Santos”, pessoas que são propriedade de Jesus e servem ao Deus verdadeiro e vivo, existem até na corte de César! Contudo, que dificuldade eles devem ter enfrentado! Justamente eles carecem muito da irmandade e da intercessão sustentadora das igrejas! É tudo isso que depreendemos do adendo: “principalmente os da casa de César”. Alegrai-vos com os milagres do poder de Jesus, que até mesmo aqui resgatou pessoas do pecado e da existência mortífera! Porém, não se esqueçam de nós, orem por nós, para que continuemos guardados em Cristo!

23 Paulo gostava de acrescentar uma saudação final de próprio punho às cartas que ditava (p. ex., Gl 6.11; Cl 4.18; 2Ts 3.17). Aqui ele não faz isso de forma expressa. Mas o voto “**A graça do Senhor Jesus Cristo com vosso espírito!**” pode ter sido escrito por ele mesmo no final da carta.

A palavra “espírito” ocorre para designar o ser humano interior propriamente dito. Contudo é empregada por Paulo especialmente em vista do cristão, no qual o Espírito de Deus separou a vida interior do âmbito meramente “psíquico”. Apenas agora o ser humano possui realmente um “espírito”. Mas também esse espírito, ao qual o Espírito de Deus atesta a condição de filho (Rm 8.16), carece permanentemente da “graça” de Jesus. Também os amados em Filipos só são “santos” “em Cristo Jesus”. Não existe um estado cristão “autônomo”, dissociado de Jesus. Viver integralmente da graça de Jesus é que perfaz o cristão pleno. Por essa razão esse último voto do apóstolo sintetiza tudo o que no final das contas se pode desejar a cristãos. Ainda assim é mais que um “desejo”! Ele, que é o “Senhor”, Jesus-Javé, Jesus, o Cristo, ele, diante de quem se dobrarão todos os joelhos no universo, ele é clemente com os filipenses. “A minha graça te basta”, disse Jesus a Paulo quando passava por grande tribulação. Por isso, tudo o que a carta tinha a dizer à igreja pode, em suma, descansar na certeza de que: “**A graça do Senhor Jesus Cristo com vosso espírito!**”

O LOCAL DE REDAÇÃO DESTA CARTA

Por muito tempo a carta aos Filipenses foi situada naturalmente no (primeiro) período de prisão do apóstolo em Roma. A igreja antiga já fazia isso. Por isso, parte dos manuscritos também traz, depois da carta: “Escrita em Roma, com ajuda de Epafrodito.” Essa assinatura, porém, se baseia em inferências e opiniões de copistas, e por isso não tem poder probatório direto.

A origem da carta em Roma parecia incontestável enquanto “os da casa de César” no final eram considerados como membros da família imperial ou pelo menos como moradores do palácio de César. Agora, porém, tem-se certeza de que o linguajar aqui se refere a empregados da corte imperial que não precisam necessariamente estar situados em Roma. Por isso é possível pelo menos lançar dúvidas sobre a redação da carta em Roma. Acredita-se que de fato haja razões de peso para isto.

A expressão “pretório” em Fp 1.13 seria inicialmente o nome da sede administrativa de um governador romano, que não existia em Roma. Em segundo lugar, a distância entre Roma e Filipos era tão grande para as condições de viagem da época que seria difícil imaginar a ligação próxima e rápida que evidentemente era a premissa da carta entre Paulo e a igreja. Será que Paulo, caso obtivesse a liberdade em Roma, diante de seus planos definidos de viajar para a Espanha (Rm 15.24) e também considerando a vastidão de seu campo de trabalho, teria podido pensar em correr diretamente de Roma para Filipos? Isso seria muito mais compreensível se imaginássemos uma detenção em Cesaréia ou até mesmo em Éfeso, para o quê também 1Co 15.32 fornece um indício. Está expressamente comprovado que havia um “pretório” em Cesaréia, e em Éfeso tem-se notícias de uma associação de escravos da casa imperial.

Não obstante, diante disso é preciso afirmar que essas suposições pisam em terreno bastante incerto. Em Cesaréia é quase impossível que a situação do apóstolo tivesse se agravado a tal ponto de haver a iminente possibilidade de uma sentença de morte, que constitui o pano de fundo da presente carta. O relato de Atos dos Apóstolos não deixa o menor espaço para essa hipótese. E no caso de uma prisão e um processo em Éfeso dependemos totalmente de conjecturas pessoais – exceção feita à observação dúbia em 1Co 15.32. Será que devemos nos arriscar em um terreno tão inseguro? Para isto as ressalvas contra a redação da carta em Roma precisariam ser mais incontestáveis. Afinal, “pretório” realmente pode designar também a guarda pretoriana ou seu quartel. Será que depois do longo tempo em Roma Paulo não teria razões suficientes para primeiro voltar a visitar as igrejas antigas e adiar a evangelização na Espanha? Anteriormente ele já havia sido criticado pelas alterações inesperadas em seus planos de viagem (2Co 1.17)! O “em breve” de Fp 2.24 precisa forçosamente significar, tanto para o autor quanto para os destinatários, que Paulo chegaria em Filipos oito dias depois de sua absolvição? Será que as pessoas não estavam tão acostumadas a longas viagens que duravam várias estações, que entendiam o “em breve” de maneira bem diferente do que hoje? Precisamos concluir que as circunstâncias narradas na carta continuam se encaixando melhor em uma guinada do processo relatado em At 28.30s, que fora desencadeado pela apelação de Paulo ao imperador e por seu transporte até Roma.

A questão do local e da data da redação desta carta, impossível de ser definitivamente solucionada, possui um peso menor na compreensão geral do conteúdo da carta.

¹Boor, W. d. (2006; 2008). *Comentário Esperança, Carta aos Filipenses; Comentário Esperança, Filipenses* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.